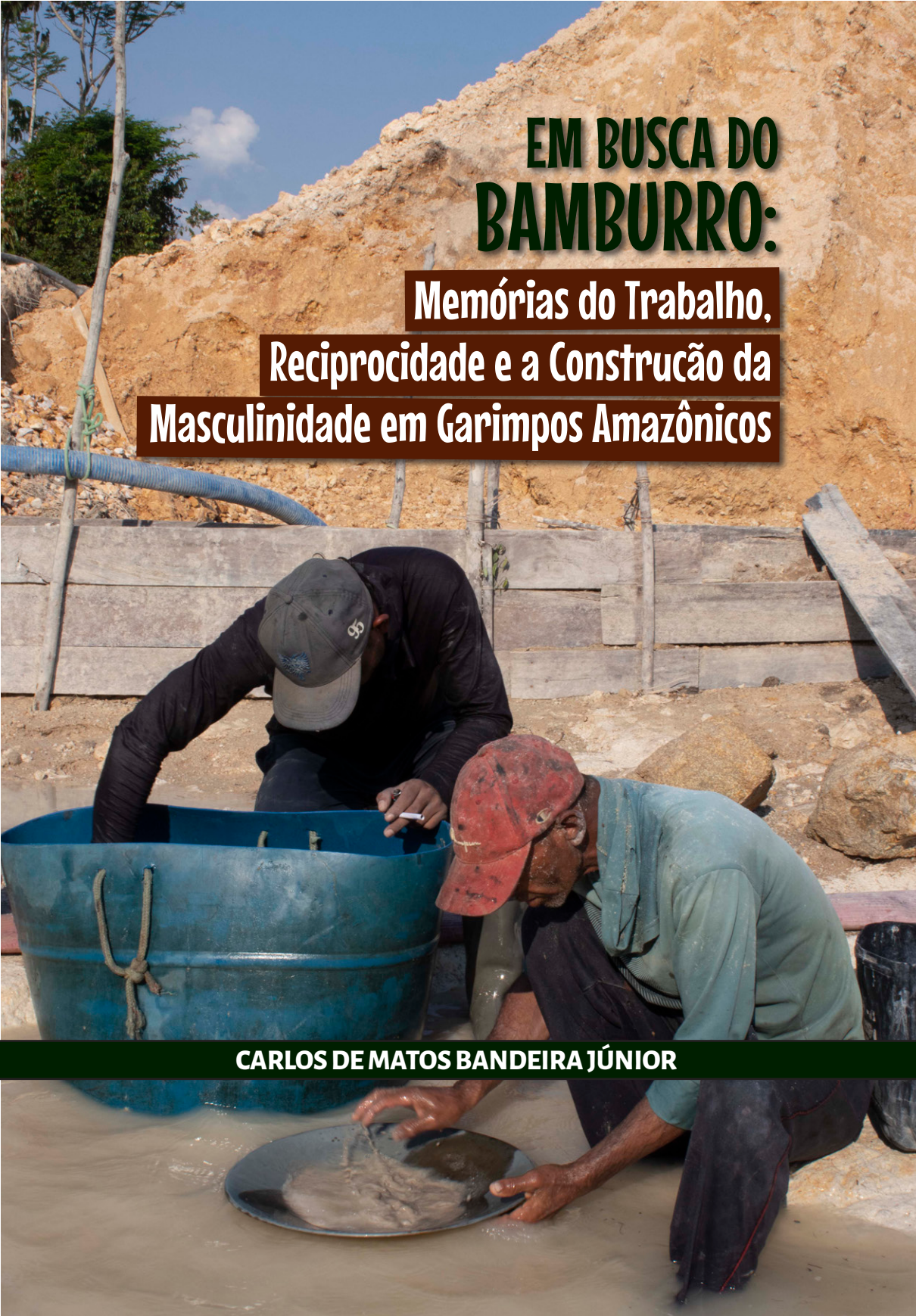


EM BUSCA DO BAMBURRO:

Memórias do Trabalho,
Reciprocidade e a Construção da
Masculinidade em Garimpos Amazônicos



CARLOS DE MATOS BANDEIRA JÚNIOR

UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ

Reitora

Aldenize Ruela Xavier

Vice-Reitora

Solange Helena Ximenes Rocha

Pró-Reitor de Administração

Warlivan Salvador Leite

Pró-Reitora da Cultura, Comunidade e Extensão

Ediene Pena Ferreira

Pró-Reitora de Ensino de Graduação

Honorly Kátia Mestre Corrêa

Pró-Reitora de Gestão de Pessoas

FabRICIANA Vieira Guimarães

Pró-Reitor de Gestão Estudantil

Luamim Sales Tapajós

Pró-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento Institucional

Cauan Ferreira Araújo

Pró-Reitora de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação Tecnológica

Kelly Christina Ferreira Castro

EM BUSCA DO BAMBURRO:

Memórias do Trabalho,
Reciprocidade e a Construção da
Masculinidade em Garimpos Amazônicos

CARLOS DE MATOS BANDEIRA JÚNIOR

UFOPA

2024

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS - A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte.

EQUIPE DE REALIZAÇÃO

FICHA TÉCNICA

Coordenação Editorial

Luciana Gonçalves de Carvalho

Comissão Editorial

Arlene Mara de Sousa Dias

Glauce Vitor da Silva

Lilian Rebellato

Luciana Gonçalves de Carvalho

Foto de capa

Carlos de Matos Bandeira Júnior

Revisão: Carlos Otávio Flexa | MC&G Editorial

Normalização: Carlos Otávio Flexa | MC&G Editorial

Projeto gráfico e diagramação: Glaucio Coelho | MC&G Editorial

Capa: Glaucio Coelho sobre foto de Carlos de Matos Bandeira Júnior | MC&G Editorial

Dados Internacionais de Catalogação na publicação (CIP)

B214 Bandeira Júnior, Carlos de Matos.

Em busca do bamburro : memórias do trabalho, reciprocidade e a construção da masculinidade em garimpos amazônicos [recurso eletrônico] / Carlos de Matos Bandeira Júnior. — Santarém : UFOPA, 2024.

Dados eletrônicos (pdf).

Inclui bibliografia.

ISBN 978-65-6115-016-3

1. Garimpo – História. 2. Garimpeiros - Condições sociais. 3. Ouro - Minas e mineração - Amazônia. 4. Garimpeiros – Vivências. 5. Homens – Atitudes. 6. Masculinidade.. I. Título.

CDD23 : 622.342209811

Bibliotecária: Priscila Pena Machado - CRB-7/6971

DOI: 10.61367/9786561150163

Esta obra está licenciada com uma Licença Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Brasil



Direitos desta edição cedidos à

UFOPA - UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ

Rua Vera Paz, s/nº – Salé, CEP 68.040-255 – Santarém – Pará

CEP 68040-255 - Brasil

Tel.: +55 (93) - 2101 3629

Site: www.ufopa.edu.br

*Dedico esse trabalho ao meus pais Carlos e
Socorro, aos meus irmãos Felipe e Keiliane, à
minha adorada filha Sophia*

AGRADECIMENTOS

Inicialmente, agradeço a todos os membros do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Sociedade.

Agradeço ao Prof. Dr. Rubens Elias da Silva por ter me aceito como orientando, mas principalmente por ser fonte de inspiração com sua sabedoria e trajetória de vida.

Sou imensamente grato a meus pais Carlos Matos e Maria do Socorro por todos os ensinamentos.

Sou grato a meus irmãos Felipe de Lima Bandeira e Keiliane de Lima Bandeira por servirem de inspiração.

À minha amada filha por me tornar uma pessoa mais sensível à vida.

Aos meus tios e tias da família Bandeira e família Lima, em especial a Tia Eliana.

Ao meu avô Raimundo Lima Trindade.

À minha finada avó Feliciano Andrade (*In memoriam*)

À minha falecida bisavó Senhorinha que tive a honra de conhecer.

Aos meus falecidos avós paternos Francisco e Josefa.

À D. Silvia, mãe da colega Manu, pelo tempo dedicado para construção deste trabalho.

Aos meus amigos e companheiros de luta.

E, por fim, agradeço aos senhores Babi, João Maranhense, Jovêncio, Alonso, Toim, Zé Luiz, Carlos Matos, Jacinto, Paulo Afonso, Napolão (*In memoriam*) e Cícero pela disponibilidade e paciência ao narrarem suas memórias para construção desta pesquisa.

Garimpeiro

Eu vou embora
Não sei quando voltar
Vou sair pelo mundo
Vou garimpar
A quarta vez eu declaro, preste bem atenção.
A vida dos garimpeiros,
que por esse mundo estão,
trabalhando dia e noite
para facilitar o pão.
É uma vida de amargura, todos podem acreditar
Principalmente aqueles que saem para garimpar
Quando o garimpeiro é manso, trabalha tranquilizado.
Porém, quando ele é brabo o serviço é forçado
No quarto o dia, o coitado termina sendo rasgado
Quando é de tardezinha, volta para seus barracões
Vai comer a sua comida. Só têm arroz e feijão
Vai dormir na sua rede, com a dor no coração
Lembrando a sua esposa que ficou no maranhão
Maranhão, maranhão...
Este é o maranhão.

Artista: Júlio Nascimento



LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Infográfico das etapas de trabalho da garimpagem semi-mecanizada.	55
Figura 2: Toim, 81 anos, cearense.	56
Figura 3: senhor João Maranhense, 76 anos.	57
Figura 4: senhor Jovêncio, 73 anos.	58
Figura 5: senhor Paulo Afonso, paraense, 52 anos.	59
Figura 6: senhor Alonso, 56 anos, paraense	60
Figura 7: senhor José Luiz ao lado do cantor Bartô Galeno.	61
Figura 8: senhor Zé Luiz, 76 anos, paraense.	62
Figura 9: Carlos Matos, 54 anos, maranhense	63
Figura 10: Babi, 70 anos, cearense.	64
Figura 11: senhor Jacinto, 69 anos, maranhense.	65
Figura 12: senhor Napoleão, 92 anos, Cearense	66
Figura 13: senhor Cícero, Cearense	67
Figura 14: Transporte de mantimentos para a área de trabalho dos garimpeiros, Garimpo São Domingos.	68
Figura 15: Desmonte do barranco com mangueira bico-jato.	68
Figura 16: Garimpeiros escavando barranco manualmente. Garimpo São Domingos.	69
Figura 17: Barrancos em época das chuvas amazônicas. Garimpo São Domingos.	69
Figura 18: Paulo Afonso e parceiros de trabalho consertando mangueira de absorção do cascalho de ouro.	70
Figura 19: Paulo Afonso e parceiro sobre o poço da maraca, a bomba de sucção da lama com o ouro.	71
Figura 20: Despescagem da caixa/“lontona”, uma das fases finais para obtenção do ouro.	72
Figura 21: Um dos aviões da frota do senhor Napoleão.	73
Figura 22: Momento de lazer em algum bar da corrutela.	74
Figura 23: Registro de um leilão de leitão assado.	74

SUMÁRIO

PREFÁCIO	11
INTRODUÇÃO	13
Trajetória histórica da garimpagem	14
CAPÍTULO I – VONTADE DE MEMÓRIA E VONTADE DE GARIMPO: CONSIDERAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS	21
1 O tema e o pesquisador	21
2 As potencialidades da história de vida como método de análise	33
3 Estratégias e arte de investigação: caminhos da imagem na pesquisa	38
CAPÍTULO II – INTERSEÇÕES ENTRE FOTOGRAFIA E MEMÓRIA SOCIAL DO GARIMPO	43
1 O trabalho garimpeiro: uma descrição dos saberes e técnicas da faina garimpeira	43
2 As faces das histórias	56
3 Memória em imagens: abrindo os álbuns de família	68
CAPÍTULO III – “PEÃO NÃO TEM PENA DE NINGUÉM”: TRABALHO, TROCAS E A MASCULINIDADE NO GARIMPO	75
1 “Um fela da puta desse não vivia no garimpo, não!”: coragem, sofrimento e a constituição da imagem de homem viril	76
2 “Papel de homem”: o trabalho como palco para encenações da masculinidade	82
3 “O importante é parecer bamburrado”: masculinidade, lazer e reciprocidade nas relações de consumo conspícuo	91
4 “O bamburro”: dádiva e a agência do ouro	93
5 “Garimpeiro só usa pano caro!”: autofofoca, prestígio coletivo do bamburro, estigma do brefo e fachada masculina	100

Considerações Finais	108
REFERÊNCIAS	111
GLOSSÁRIO	117
ANEXOS	119
TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E VOZ (MODELO)	120
DOCUMENTOS	122



PREFÁCIO

Tive a honra de orientar o pesquisador Carlos de Matos Bandeira Junior no PPGS da Universidade Federal do Oeste do Pará. Tínhamos sido professor e aluno no curso de Graduação em Antropologia nesta mesma universidade, e já sabia do talento de Carlos como indivíduo cioso pela produção do conhecimento e pela autonomia e protagonismo da Amazônia como *locus* de produção de conhecimento e não apenas campo para o refinamento empírico desse.

Dedicado, disciplinado, cioso pelo trabalho acadêmico como um ourives em busca da forma perfeita, Carlos nos presenteia com um texto antropológico indispensável para compreendermos o sistema de produção de uma camada intersticial pouco estudada e muito debatida no espaço público, que é a garimpagem. Em seu universo multifacetado, orgânico e, ao mesmo tempo, cheio de emaranhados e ranhuras, Carlos soube, como bom antropólogo, escavar e descrever as tramas que emergem nas relações sociais tecidas no mundo do garimpo. Recupera as vivências de antigos garimpeiros, que parte de suas vidas foram tecidas na beira dos rios no oeste paraense e esmiúça um cenário social animado pelos sentimentos mais humanos: o medo, a força, as perdas, as renúncias e, por que não dizer, a lascívia. E, a partir disso, ele dialogou comigo sobre o amplo espectro que anima esse cenário tão peculiar na região do Alto Tapajós, e sugeri, dentro das cartas postas à mesa, que ele discutisse como esses atores sociais construíram as perspectivas de masculinidades, dadas as circunstâncias vividas na corrutela. Carlos de pronto aceitou e fomos pensando como articular os dados obtidos pensando na perspectiva de gênero

mormente ao modo como homens socialmente situados vão construindo papéis, delimitando espaços e tecendo redes de atuação nos momentos de lazer. Os estudos de gênero na perspectiva da construção das masculinidades são tão importantes quanto da construção histórica do machismo e de seus transbordamentos em outros campos intrinsecamente relacionados. Dito isso, seu trabalho assume uma relevância ímpar no debate atual.

Na última década, a atividade aurífera no oeste do Pará tem assumido contornos dramáticos, dada a completa ausência do Estado em fazer-se valer de seu papel de cumpridor da lei e do respeito aos direitos dos povos tradicionais situados nessas regiões de conflito. Carlos faz um trabalho microsociológico quando propõe entender as relações sociais do garimpo na perspectiva de como os atores sociais se organizam para viabilizar a vida dentro de contextos tão complexos e singulares.

Agradecemos mais uma vez as contribuições ricas e coerentes dos pesquisadores que participaram da banca do Carlos, como a antropóloga Kelly Oliveira (PPGAS – UFPB), Nirson Medeiros (PPGCS – Ufopa), Raimundo Valdomiro de Sousa (CFI – Ufopa), Luciana Gonçalves de Carvalho (PPGCS – Ufopa) e o professor Mauro Guilherme Pinheiro Koury (PPGAS – UFPB).

Nosso programa de pós-graduação lançou o edital de seleção de dissertações defendidas no curso para serem publicadas em formato livro e de imediato, segundo parecer estritamente técnico, indiquei o trabalho do Carlos e felizmente obtivemos o êxito para divulgar pesquisa antropológica tão relevante para o debate acadêmico e ajudar na construção social do conhecimento na área, auxiliando novos pesquisadores que se aventurem nela. Agradecemos imensamente à coordenação do curso, encampadas pelos professores Miguel Aparício Suárez e Lillian Rebellato pelo consistente trabalho à frente do programa.

Desejo a todos uma leitura atenta e inspiradora.

Rubens Elias da Silva
Antropólogo



INTRODUÇÃO

Este trabalho trata-se de uma pesquisa de caráter interdisciplinar e busca compreender como as memórias dos garimpeiros são reconstituídas a partir da noção de reciprocidade nas relações de gênero, tomando como referência focal a ideia de masculinidade em garimpos amazônicos. Neste aspecto, o olhar para a garimpagem não se restringe somente às relações e processos de trabalho, mas coloca também em perspectiva analítica outras extensões da vida exaltadas como importante para esses atores em seus discursos, como por exemplo o lazer, as relações de trocas e as elaborações sociais nos espaços reconhecidamente por eles como violentos.

O referencial teórico norteador desta pesquisa é teoria da Estruturação, concebida por Anthony Giddens (2003). Giddens enfatiza nesta análise social o processo de intersubjetividade dos atores sociais e identifica esses atores como agentes com capacidade de ação com consciência prática e discursiva sobre suas condutas ao atuarem cotidianamente nas estruturas sociais, promovendo assim um processo contínuo de manutenção e ruptura de tais estruturas sociais.

É um trabalho que se orienta pela memória de ex-trabalhadores da garimpagem de ouro nos garimpos amazônicos e ampara-se no processo de subjetividades destes para tecer as análises numa perspectiva da ciência antropológica. Sendo a memória um dos eixos da pesquisa, ela é conduzida sob as bases teóricas de Halbwachs (1968) como Memória Coletiva, em que as lembranças individuais são as do próprio grupo social. A autora Clea Bosi (1994) e os autores Nora (1993) e Pollak (1989) são também fontes importantes no processo de reflexão da memória dos atores garimpeiros. Bosi para pensar

as sensibilidades contidas no processo de lembrar; Pollak na contribuição sobre as memórias subterrâneas e as estratégias elaboradas para manutenção nas redes informais e familiares; Nora nos conduz a perceber a memória como elemento vivo, conduzida no presente e sujeita a rupturas, esquecimentos, inserida numa dialética da lembrança.

As reflexões trilhadas nos direcionaram a perceber na sociedade garimpeira desigualdade nas relações entre os gêneros e hegemonia masculina no *habitus* das sociabilidades cotidianas. Para refletir a masculinidade nesse campo aciono os autores Oliveira (2004) para traçar o processo de construção social da masculinidade e os espaços das vivências interacionais masculinas; Badinter (1993) no que tange à discussão da constituição idealizada da masculinidade e como esta é articulada sob medos e tensões em relação ao feminino; Bourdieu (2012) para pensar como se estabelece a dominação masculina e todo o poder simbólico atribuído ao homem nas sociedades em que é hegemônica.

Verificou-se como os atores garimpeiros acionam os valores da masculinidade para adquirirem prestígio e distinção social no âmbito das relações do trabalho e via consumo conspícuo nos momentos de lazer, e este último inserido num amplo sistema de dádiva, na perspectiva de Mauss (2003), que orienta as relações do dar, receber e retribuir no garimpo.

A ampla generosidade, o não poupar riquezas e o caráter público no momento das aquisições estão incutidos e orientam as condutas de consumo conspícuo dos homens garimpeiros e inserem-se tanto na perspectiva de se presentear aos deuses como aos homens. Aos deuses o consumo é realizado como prestações para tornar-se “bonito pra ouro” e agradar a agência do metal, que é tido no garimpo como ser encantado capaz de manifestar vontade. Aos homens as moralidades e reciprocidade do consumo conspícuo promove aproximações e estreitamento de laços por meio da camaradagem nos espaços de lazer e ao mesmo passo rivalidades, pois demonstrar generosidade é também demonstrar superioridade e construir hierarquias entre os iguais sociais.

Trajetória histórica da garimpagem

Para pensar a sociedade garimpeira na contemporaneidade não há como se descolar da trajetória histórica dessa formação ao longo dos séculos. Alguns aspectos sociais acompanham a garimpagem desde o período do Brasil Colônia, quando surge a figura do garimpeiro (Grossi, 2001). Historicamente

essa atividade e os atores sociais com ela envolvida foram pressionados pelas forças estatais para constituírem-se na ilegalidade, tanto que o significado do termo garimpeiro denota marginalidade, clandestinidade (Costa, 2002).

O domínio pelo controle da extração de metais preciosos ocupou importante espaço na orientação política econômica do Estado desde a Coroa Portuguesa e perdura até o atual Estado brasileiro sobre os territórios de exploração. No século XVIII, mesmo antes da descoberta de fontes de minérios, já vigorava legislação mineral no Brasil com vistas a garantir o controle da exploração e a tributação à coroa de possíveis minas que poderiam ser encontradas. A Carta Régia, de 18 de junho de 1535, dispunha em seu ordenamento a delegação aos donos das capitanias a posse dos minérios encontrados em suas áreas, mediante o pagamento do quinto (Martins, 1984, p. 178).¹

Essa condição, mesmo com todo aparato legal burocrático das instituições estatais ao longo da história, não conseguiu efetividade no controle das zonas auríferas e a garimpagem como formação social desenvolveu-se na condição de *outsider* (Elias; Scotson, 2000), aquele que age fora das regras do grupo hegemônico e que é posto na condição de desviante na perspectiva de outros, e com regras de sociabilidade, códigos linguísticos, saberes, mapas mentais territoriais e práticas sociais específicas ao grupo.

Essa categoria é estudada por Elias e Scotson em etnografia realizada na pequena comunidade de vizinhança de Winstson Parva, no sul da Inglaterra, na década de 1950. Os autores analisam como se estruturam de forma desigual o poder entre os Estabelecidos e os *Outsiders*. Verificam, nesse contexto microsocial, que o grupo dos estabelecidos consegue se propor como tal por possuir maior coesão organizativa e dominar as estruturas e postos de decisão da comunidade, conseguindo autorreferenciar-se como seres humanos distintos, superiores e ao mesmo tempo estigmatizar o grupo como menos coesão e menos capacidade de sugerir narrativas de construção positiva da própria imagem.

Pensar o grupo social garimpeiro como *outsider* se dá comparativamente aos grupos que detêm os meios econômicos e políticos sobre a atividade de mineração e conseguem, como estabelecidos, estigmatizar a garimpagem juntamente com seus membros sociais como tecnologicamente atrasados, sociedade degenerada, ignorantes e outros estigmas, fazendo com que as práticas desse coletivo se reproduzam e estructurem-se na clandestinidade.

¹ Sistema de imposto a ser pago a Coroa portuguesa que consistia na determinação de que a quinta parte de todos os metais extraídos devia pertencer ao rei. O quinto do ouro era deduzido do ouro em pó ou em pepitas levado às casas de fundição (Fausto, 2015, p. 36).

A condição marginal produz na garimpagem e garimpeiros o aspecto de uma formação social oculta e que para permanecerem vivos necessitaram estar invisíveis às autoridades, aspecto que reflete nas interações entre atores sociais e seus conteúdos morais. Tal característica histórica da sociedade garimpeira a estruturou sob regras de comportamento e em princípios éticos aceitos em relações de confiança e de informalidade que são norteadores nas negociações, nos acordos de trabalho e nas articulações da vida cotidiana nos garimpos amazônicos, ponto que é identificado por Salomão (1984), em análise histórica da garimpagem na Amazônia, como preponderante na consolidação da sociedade garimpeira neste território.

Outro assunto a se destacar a respeito da garimpagem é o fato desta atividade servir de campo de possibilidades (Velho, 1994) para os trabalhadores marginalizados em outros contextos da vida. Destaco como exemplo um dos primeiros relatos registrados da atuação garimpeira na Amazônia analisados por Cleary (1992). O autor descreve que em meados do século XVIII, o estado do Maranhão experimentava a alta produção açucareira e de algodão, modos de produção que solicitavam alta demanda de trabalho e altos investimentos foram aplicados para importação de mão de obra escrava africana e, conseqüentemente, um grande número de negros escravizados desembarcaram no território maranhense, principalmente nas cidades da costa oeste, Cururupú, Turiaçu, Carutapera e Viana, ao longo dos rios Gurupí, Maracassumé e Turiaçu (Cleary, 1992).

Os negros escravizados nas plantações, dada a condição penosa de trabalho, fugiam das fazendas e embrenhavam-se nas matas. Por volta de 1810 tem-se as primeiras notícias da formação de quilombos no interior da floresta extraíndo ouro. Esses quilombos chegaram a constituir densas redes de comércio e fortes laços com comerciantes ao longo dos rios, representando, em alguns momentos, principal fonte financeira da localidade. O protagonismo e autonomia adquirida pelos negros soaram como uma verdadeira ameaça aos engenhos dominados pela elite local, que se utilizou das articulações políticas para perseguir essas comunidades com o aparato militar do Estado.

Esse episódio exemplar de pessoas escravizadas adquirindo autonomia via a extração do ouro perpassa por outras trajetórias marginalizadas socialmente. O perfil mais geral dos trabalhadores do garimpo informa que são pessoas que tiveram durante toda a vida os direitos mais básicos negados, como educação, saúde, condições dignas de trabalho e que o garimpo de ouro se mostra como potencial transformador para as realizações pessoais. Identifica-se um conjunto

de forças estruturais de desigualdades sob as quais os atores da garimpagem trilharam suas trajetórias.

Feito esse caminhar histórico dos elementos envolvidos na sociedade garimpeira do Brasil Colônia até os dias atuais, é preciso compor o entendimento do processo de formação dessa atividade na região amazônica, pontuando de forma sintética os principais elementos que potencializaram a exploração aurífera no último século e os atores, com centralidade analítica sobre as trajetórias dos trabalhadores garimpeiros, agentes fundamentais na composição da formação social garimpeira na região.

É importante chamar atenção para o aspecto econômico acionado pela garimpagem de ouro na Amazônia. Essa frente econômica, calcada na informalidade e muitas vezes na ilegalidade, atingiu o patamar, no final do ano de 1979 e início dos anos 1980, da maior corrida do ouro da história do país. De acordo com o antropólogo David Cleary (1992) embora essa faina estivesse baseada numa estrutura informal, chegou a movimentar bilhões de dólares. Os garimpos informais obtiveram participação expressiva na produção de ouro no país, representaram 86,3 % do total da produção aurífera em 1983, superando a extração das mineradoras do setor formal. A população garimpeira na região amazônica, nesse momento, foi estimada em torno de duzentas mil pessoas, sem contar com os familiares (mulher e filhos) que acompanhavam o homem na sua jornada (Cleary, 1992).

A economia garimpeira teve papel importante na intensificação de atração de grandes levas populacionais para Amazônia, proporcionando (conjugada às políticas de ocupação territorial) intensas modificações internas na economia e na cultura das cidades da região. Essas transformações justificam a escolha da cidade de Santarém, município do oeste paraense, como *locus* para o desenvolvimento da pesquisa, por se tratar de um local privilegiado na escolha dos garimpeiros para fixar residência e promoção de investimentos.

Atualmente Santarém possui população de 294.580 habitantes, sendo 73,25 % residentes na zona urbana e 26,75 % na área rural do município (IBGE, 2010), o que a coloca na posição de terceira cidade mais populosa do Pará e umas das mais importantes do ponto de vista econômico. De acordo com Carlos Matos Pereira (2008) o alavanque populacional começa a se transformar a partir da década de 1970 com as políticas do Plano de Integração Nacional e com o potencial das atividades garimpeiras no Tapajós nas décadas 1980 e 1990. Para o autor, esses fatores consolidaram Santarém como principal polo de referência na prestação de bens e serviços da região.

Não há dados estatísticos sobre a população de garimpeiros em Santarém, todavia, é possível perceber na sensibilidade cotidiana a história de muitas pessoas e famílias residentes na cidade ligadas ao trabalho nos garimpos de ouro. Fato que se visualiza é que Santarém, diferentemente de Itaituba, Pará, não possui uma geografia de proximidade às áreas de extração aurífera, mas o município servia como polo de residência para as famílias dos garimpeiros dado seu porte e infraestrutura nos campos da saúde, educação, serviços sociais, e também devido às possibilidades de negociação e obtenção de maiores ganhos com a venda do minério no mercado.

Neste aspecto, a riqueza produzida nos garimpos alavancou a economia desta cidade, pois era um dos principais locais de escolha para aplicação de investimentos por parte dos trabalhadores, além de movimentar o comércio local e uma gama de serviços e bens, como mantimentos e equipamentos adquiridos aqui para serem levados para as áreas garimpeiras.

Schuber (2013) e Cleary (1992) concordam a respeito da infraestrutura possibilitada pelas ações estatais, mas apontam também para as transformações técnicas e tecnológicas, como com a inserção de equipamentos motorizados ao trabalho garimpeiro como fator que possibilitou o aumento da capacidade de extração aurífera, aliado à elevação do preço do ouro nos mercados internacionais, como recursos de suma importância para atrair investimentos para a garimpagem, favorecendo a cidade como Santarém a constituir pujante comércio em função da economia do ouro.

Os elementos apresentados fornecem a dimensão de importância da cidade de Santarém diante do contexto da economia da garimpagem na Amazônia. Mas, acima de tudo, o município foi escolhido para o âmbito da pesquisa por nele residirem as pessoas que vivenciaram a garimpagem e são as detentoras das memórias e as reflexões a respeito da sociedade garimpeira.

A abordagem metodológica da pesquisa insere-se no campo da pesquisa qualitativa. Por se tratar de um estudo de memória social, com entrevistas, conversas e discussão sobre as fotografias é inerente a tal abordagem o encontro de subjetividades é, justamente, a partir de tais relações que são construídas o conhecimento da realidade social complexa e traduzida (Clifford, 2002) por meio da escrita para uma obra coerente com bases na linguagem da ciência antropológica.

Pensar a construção dessa obra na perspectiva qualitativa se mostra importante pelo fato da orientação analítica se subsidiar nas narrativas biográficas ou histórias de vida dos atores garimpeiros, compreendidos dentro do conjunto histórico como grupo subterrâneos (Pollak, 1989), com

a possibilidade de reflexão das memórias desses trabalhadores na intenção constituir uma história das sensibilidades (Bosi, 2003) de um importante momento de transformações econômicas e culturais vivenciadas na Amazônia.

Essas abordagens se mostram potentes por dois fatores: 1) Pelo fato dos agentes que participaram do contexto histórico estarem ainda vivos e poderem elaborar discursos a partir da própria experiência e trajetória; 2) Por trabalhar o conjunto de memórias silenciadas mediante o jogo de disputas de memória no contexto oficial, possibilitando a construção de uma narrativa para além da perspectiva histórica política administrativa narrada pelos grupos hegemônicos.

Além dos garimpeiros, se conversou com familiares, esposas e filhos, e também com uma senhora que atuou como técnica de enfermagem no garimpo do Tapajós e chegou até a possuir farmácia para atender as demandas da localidade.

Este trabalho foi estruturado em três capítulos. O primeiro denomina-se “Vontade de memória e vontade de garimpo: considerações teórico metodológicas”. Busco demonstrar o processo de construção do objeto e a proximidade do pesquisador com o tema. Trago reflexões teóricas acerca da memória e seu caráter reflexivo no presente, manuseada, inventada, recriada, pelos agentes por meio do discurso. Neste tópico, informo a metodologia e discussão crítica a respeito da memória e o uso da imagem na pesquisa, demonstrando as intenções de construir esta pesquisa calcada em diferentes linguagens, as pensando como simétricas na intenção de possibilitar aos leitores meio mais substancial para compreender as concepções imaginárias e visuais dos contextos garimpeiros.

No Capítulo II “Interseções entre fotografia e memória social” proponho um percurso visual por meio das fotografias em estilo retratos dos garimpeiros e de imagens particulares aos atores oriundas de seus álbuns familiares e que estão entrelaçadas às suas memórias sobre o trabalho, os saberes, as técnicas, tecnologias envolvidas na garimpagem de ouro.

No capítulo III “Peão não tem pena de ninguém: trabalho, trocas e a masculinidade no garimpo” analiso por meio dos relatos e o discurso construído pelos atores sobre as fotografias como os garimpeiros constroem social e esteticamente a masculinidade no garimpo a partir do trabalho e da reciprocidade conduzida no âmbito do consumo conspícuo voltado para o lazer.

Identifico as sociabilidades produzidas nos espaços de trabalho e reciprocidade via o consumo conspícuo nos momentos de lazer para pensar a elaboração da masculinidade como fio analítico, justamente por se

apresentar como uma espécie de identidade hegemônica entre os garimpeiros, construída e reconstruída por meio das vivências interacionais entre eles e estabelecer as relações entre os gêneros no contexto do garimpo. Identifico a masculinidade nesse contexto como capaz de estruturar uma série de comportamentos, práticas, posturas desses agentes, principalmente no campo do trabalho e no modo como percebê-lo e constituí-lo, bem como no âmbito das trocas-dádivas produzidas via o consumo conspícuo nos bares/prostíbulo das corrutelas² e das cidades, que se apresentou de modo específico entre esse grupo social.

2 Vila ou comunidade relativamente próxima às áreas de exploração, os baixões. Na corrutela encontram-se comércios, restaurantes, pontos de compra e venda de ouro, as pistas de pouso, os cabarés e os bares para o lazer dos garimpeiros. A estrutura da corrutela varia de acordo com a região e consolidação dos garimpos.



CAPÍTULO I – VONTADE DE MEMÓRIA E VONTADE DE GARIMPO: CONSIDERAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS

1 O tema e o pesquisador

O tema garimpo me gera curiosidade muito antes da entrada na universidade para cursar Antropologia. Quando criança, época do racionamento de energia no país, lembro-me da rede ao fundo do quintal e nela meu pai balançando-se comigo e meu irmão no colo. Entre um embalo e outro narrava suas histórias de vida. Foram momentos ternos imbricados na nossa trajetória.

Ele contava com minúcia impressionante a época de criança no Maranhão. Relatava muitos episódios de sofrimento e pobreza. Lembrava-se do trabalho da mãe ao cuidar de sete meninos em meio a tantas necessidades. Dizia que a “muganga”¹ o acompanhava desde à infância. Contava que devido à fome que passou quando criança, certa vez, entrou em estado de alucinação e via o coração voando. Gritava para a mãe: “Olha, mãe, está voando, o meu coração!”.

Descrevia como aconteceu a migração de toda a família ao Pará; como aprendeu a fotografar (profissão que segue até hoje). Relatava sobre a experiência de caixeiro viajante pelas cidades da região, e sempre se lembrava com alegria de quando se aventurou no ramo da pintura mesmo sem entender nada do ofício. A emoção embotava seus olhos ao descrever o momento da saída de casa aos quinze anos de idade. Contava os pequenos golpes que precisou aplicar

1 Ele descreve a muganga como um mal estar, como uma sensação de aceleração do coração, uma agonia.

em praças para garantir a sobrevivência, como “Chula”² e “Maria Pretinha”³. Essas narrativas sempre o conectavam às memórias dos vários momentos de fome e noites ao relento. Lembrava com mágoa a época que morou com a irmã mais velha e o mau trato sofrido. Narrava como foi o início para ir trabalhar no garimpo e todos os sofrimentos passados nos dias de ataque de malária.

Lembro que ele expunha com emoção singular o episódio em que estava no garimpo, sofrendo sem conseguir tirar ouro, com malária, e foi à corrutela e viu um pequeno avião aterrissar. Chegou ao piloto e o ofereceu o que tinha naquele momento para que lhe levasse até Itaituba. Contara que o piloto aceitou e o deixou na pista do aeroporto da cidade. Essa memória fora tão marcante que parecia deslocar-se no tempo ao enveredar as nuances dos detalhes da cena vivida.

Lembrara que trajava apenas um calção curto, fino, verde de time de futebol. A ânsia de chegar em casa era tanta que não fez questão de buscar os outros pertences, todos deixados no barraco do baixão. Caminhou a pé do aeroporto de Itaituba até sua casa, distante por volta de sete quilômetros. Sua chegada, mesmo em condições péssimas (sujo, doente, fraco, sem dinheiro) causou imensa surpresa e felicidade à mãe, minha vó Josefa.

Todas essas histórias iam constituindo meu imaginário sobre a figura do meu pai. Na época, não tinha dimensão de todas as adversidades que tinha passado na vida e, muito menos, que outras pessoas teriam histórias tão parecidas como a dele em nossa região.

Já na adolescência, quando comecei a trabalhar com fotografia profissionalmente (ofício ensinado por ele) e, sempre com um olhar fotográfico voltado para cenas do cotidiano, foi que comecei a experimentar contatos com outras pessoas. Nesses encontros, durante saídas fotográficas na cidade de Santarém e nas conversas com desconhecidos, era comum surgir alguma história relacionada ao garimpo. Esses relatos foram reforçando minha curiosidade experimentada na infância através das memórias de meu pai.

Foi quando no ano de 2011, já no término da graduação em Comunicação Social – Publicidade, fui convidado pela Professora Dr^a Luciana Carvalho para produzir fotografias para o livro “Memória de Trabalho: balateiros de Monte Alegre”, na cidade de Monte Alegre – Pará. Foi uma experiência incrível. Ouvimos e fotografamos diversos balateiros, personagens e histórias que até aquele

2 A venda de frascos de perfumes com água tingida com papel crepom. Para o sucesso da venda somente a borda do vidro continha fragrância de perfume original.

3 A jogatina consiste em fazer com que os apostadores encontrem uma bolinha supostamente escondida sob uma de três tampas dispostas sobre uma caixa.

momento eram invisíveis a mim. A participação nessa pesquisa foi um divisor de águas, pois foi o momento no qual decidi cursar o recente e desconhecido curso de Antropologia na Universidade Federal do Oeste do Pará, com objetivo de aliar a teoria da Antropologia ao meu trabalho na fotografia e produção de documentários.

Passados alguns anos e já como discente em Antropologia, chegou o momento de pôr em prática as leituras acessadas durante a graduação e produzir o trabalho de conclusão de curso. Diversas possibilidades de análises vieram à mente, mas todo aquele imaginário constituído na infância e em outros encontros durante a vida me fez direcionar a atenção, agora como iniciante no universo da pesquisa antropológica, para o campo da garimpagem com a intenção de compreender e refletir o que representou essa atividade na região amazônica, bem como saber quem eram as pessoas e o que teriam a falar, buscando nas subjetividades das emoções conexões para refletir as práticas e os valores intrínsecos ao modo de organização social garimpeiro.

No tempo do garimpo: memória, trabalho e a saudade como emoção social

[...] Eu nasci no Ceará, município de Frecheirinha. Criado sem pai, sofrendo, não tive estudo, só trabalhando. Hoje eu estou com oitenta anos e nunca fui num banco de escola para aprender meu nome. Apenas aprendi o nome, uma pessoa vinha aqui e acolá, aprendi ainda para não ser analfabeto de verdade. Com vinte anos vim aqui para o Pará. Comecei a trabalhar lá com dez anos de idade, não tinha , só tinha a minha mãe, viúva. Vim aqui para o Pará e aqui ainda estou. Quando cheguei aqui fui para as colônias. Trabalhei muito no pesado na colônia, mas achei que não estava dando muito futuro. Naquele tempo não tinha estrada, não tinha nada, vim para a cidade para ver se educava os filhos aqui.

Na vida, se tiver um homem que já sofreu mais do que eu nesse mundo aqui de nascido, se tiver um que sofreu como eu, acho que é bem pouco, porque eu sofri demais. Eu estou vivendo porque eu não esmoreço, não (Sr. Toim, 2017).

O relato acima é uma reflexão do ex-garimpeiro Toim, oitenta anos, nascido em Frecheirinha – Ceará veio ainda moço ao Pará para ganhar a vida. Como diz ele: “Eu vim jogado aí num navio, o governo estava jogando gente

naquele tempo, em 1958, por causa da seca”. Toim é um senhorzinho de estatura de pouco mais de um metro e meio, porta-se sempre trajando calça e camisa impecavelmente passadas. O hipocorístico do nome Antônio carrega da infância em alusão ao seu tamanho e foi assim que ficou conhecido no garimpo. Esse senhor relata, com emoção singular, a vida de homem forjado no trabalho pesado e dos sofrimentos passados durante sua trajetória e, segundo ele, considerados vencidos sob um olhar já na velhice.

Assim como a trajetória de Toim existem milhares de outras espalhadas pelo chão amazônico, caminhos que se conectam ao contexto histórico da região marcado pelo projeto ideológico de políticas de ocupação territorial e dominação econômica, iniciado na década de 1930 no governo de Getúlio Vargas e continuado posteriormente nos governos de Juscelino Kubistchek e na Ditadura Militar (Becker, 2009). Tais posturas políticas desencadearam transformações profundas na paisagem e nas sociabilidades elaboradas nesse território, pois produziram intensa atração de pessoas para a Amazônia (principalmente da região nordeste do país) sob a promessa de terra promissora, tanto que a população que era de 2.601.519 habitantes em 1960 saltou para 4.197.038 em 1970 (Loreiro; Pinto, 2005).

Nesse contexto de incentivo migratório para Amazônia, percebe-se acentuada adesão de trabalhadores, tanto os nascidos na região quanto os vindo de outros lugares, ao trabalho de exploração nos garimpos de ouro. O avanço mais consistente da atividade garimpeira coincidiu com o grande número de trabalhadores migrantes conjuntamente com a descoberta de ouro, em 1958, no Rio das Tropas, afluente Rio Tapajós e posteriormente em vários outros polos garimpeiros (Salomão, 1984). Com o passar dos anos visualiza-se a garimpagem como uma frente de expansão econômica autônoma na atração de trabalhadores em busca de melhores condições de vida.

Cleary (1992) aponta que um dos elementos a fazer da garimpagem um modo de produção de grande interesse foi que a partir do final do ano de 1979 e início dos anos 1980, aliado à elevação do preço do ouro nos mercados internacionais e da descoberta do garimpo de Serra Pelada, na região de Carajás, ocorreu a maior corrida do ouro da história do país na Amazônia, intensificando ainda mais movimentos migratórios e produzindo, com maior intensidade, modificações internas na economia e cultura das cidades.

A descrição breve do cenário global, pontuando o contexto aos quais milhares de trabalhadores, sob as mais diversas condições e intenções, vieram para a região se faz necessária para a constituição de uma dimensão estrutural dos elementos envolvidos no processo de desenvolvimento da garimpagem,

porém a intenção não é olhar para esse quadro visualizando-o sob o prisma frio de forças desiguais acatando a dicotomia dada da relação dominador/dominado. O foco central é perceber o protagonismo dos homens garimpeiros e refletir como atores sociais como senhor Toim elaboraram suas práticas nos garimpos e nas cidades da região.

Nesse sentido, esta pesquisa centra-se na observação das memórias desses atores, hoje já distantes da cotidianidade dos espaços garimpeiros, tomando como recorte analítico o trabalho e as práticas juntamente com intenções simbólicas do trabalho e do consumo como elementos da virilidade do homem garimpeiro. Portanto, relatos biográficos e as recordações das experiências de vida que foram tomados como matéria-prima (Thompson, 1992) para reflexão dos elementos da estrutura social da garimpagem, como também da ação das pessoas empregada na elaboração dos sistemas morais, éticos, institucionais constituídos na cultura e modo de produção garimpeiro.

É importante, antes de prosseguirmos a análise das memórias, identificarmos com mais precisão ao que me refiro como garimpo amazônico. Nas longas conversas e solicitação de explicações dos detalhes da vida no garimpo, percebi que a territorialidade e a percepção/elaboração de fronteiras entre o grupo social garimpeiro nada se aproxima com nossa sobre o entendimento de território aprendido na escola e pensada sob as bases formais do Estado. A geografia dos garimpeiros é tão fluida quanto o processo de memória. Nas conversas em campo visualizei a constante mobilidade desses agentes entre diversos garimpos da região. Ora traziam lembranças de vivências em garimpos no Tapajós que se entrelaçavam a reminiscências vividas em garimpos do Carajás, outras já na região do Amazonas ou mesmo nas Guianas Francesa e Inglesa.

Identifiquei que esse intenso movimento dos corpos desses atores entre garimpos orientava-se sob a categoria estabelecida entre o grupo como a *fofoca*. Essa categoria é utilizada em vários contextos, como veremos no decorrer deste trabalho, mas como orientadora da mobilidade indica aos agentes, via notícias transmitidas na “rádio peão”, relatada por eles como meio de comunicação informal de disseminação de informações, que em determinado garimpo era intensa a extração de ouro. Vários foram os relatos de garimpeiros que migravam de um garimpo para outro amparados nas informações vindas da “rádio peão”.

Dada a própria elaboração geográfica de experiências do grupo não indico um contexto territorial de um garimpo específico. O que faço é de delimitação de escuta a ex-garimpeiros residentes em Santarém, no Pará, cidade estratégica para comercialização do ouro e moradia das famílias dos garimpeiros

pela infraestrutura que possuía. Dito isso, garimpo amazônico de que trato neste texto refere-se ao garimpo contido nas memórias dos trabalhadores garimpeiros que experimentaram e constituíram rotinas nas diversas zonas de garimpagem da região.

Feita essa espécie de delimitação geográfica da memória, início agora a discussão de cunho mais teórico de como a temática dos estudos da memória vem sendo trabalhada na Antropologia e como se conecta ao processo de recordação dos garimpeiros.

Situo o leitor que o eixo central de análise desta pesquisa ampara-se nos conceitos propostos por Giddens (2003) em Teoria da Estruturação. Nesta obra, Giddens propõe-se a uma leitura da realidade social no intuito de por fim ao que denota de império da subjetividade tratado nas correntes das ciências interpretativas e o império do objeto social nas correntes estruturalistas e funcionalistas. Giddens (2003) percorre uma terceira via, diga-se de passagem complexa, ao tentar abarcar em seu pensamento teórico o objetivismo e o subjetivismo com proporções simétricas no processo de constituição social. Nesse aspecto, sai do dualismo subjetividade/objetividade arquitetada em outras tradições da Sociologia e trata esses conceitos como elementos da dualidade da estrutura. Para o autor, a estrutura está em constante mudança via o processo de subjetividade e ação do agente, que amparado na capacidade cognoscitiva inerente ao ser humano, age de maneira consciente na sociedade, elaborando e reelaborando a estrutura social no espaço e no tempo.

Em teoria da estruturação o ponto central analítico são as práticas sociais ordenadas no espaço e no tempo. Para Giddens (2003) as atividades humanas são recursivas, isso significa que são criadas pelos atores sociais via a capacidade de monitoramento do fluxo contínuo da vida social, que não é simplesmente autoconsciência, e os agentes utilizam os estoques de conhecimento ou conhecimento mútuo como recursos para ação e, por isso, as atividades são continuamente e cotidianamente recriadas via os próprios meios em que se expressam como atores. Importante destacar como Giddens conceitua ação. Para o autor, ação é um processo contínuo, em que a monitoração reflexiva mantida pelo agente é crucial para o controle do corpo que os atores sustentam até o fim da vida.

Giddens (2003) destaca, além da monitoração reflexiva da ação, a racionalização da ação, que para ele é o contínuo entendimento teórico que os atores possuem de suas práticas, e a motivação da ação, elemento conectado aos planos, programas, projetos, categoria analisada por Alfred Schutz e Gilberto Velho, em que uma quantidade significativa de condutas é encenada

pelos atores sociais no contexto de interação a depender das suas intenções.

Esses elementos podem ser percebidos de modo potente nas narrativas sobre as posturas em relação ao trabalho e as recordações dos momentos de lazer nos cabarés das corrutelas. Em cada espaço/contexto intensificou-se condutas distintas e com diferentes intenções elaboradas pelos garimpeiros, por exemplo, nos espaços de trabalho era importante não reclamar do serviço, mesmo com o amplo reconhecimento social do quão árduo e perigoso era a labuta. Encarar o trabalho com uma postura viril no garimpo, como cabra-macho, denotava ao garimpeiro prestígio de homem trabalhador perante o grupo social. As ações contrárias a esse modo de agir perante o trabalho implicava sobre o indivíduo tratamento coletivo oposto, pois seria percebido como cabra-mole, deslegitimado em outros contextos de interação no garimpo. Nesse ponto, concorda-se com Bourdieu (1977, p. 23) ao compreender que “o trabalho não é um fim em si mesmo, ou mesmo se orienta somente para o propósito econômico, ele extrapola esses sentidos carregando consigo funções sociais simbólicas”.

Do mesmo modo, transcorriam algumas condutas de garimpeiros nos bares da corrutela, motivados pela busca ou projeto de reconhecimento coletivo, vários relatos descreveram práticas de homens que mandavam fechar bares, sendo todas as despesas com mulheres e bebidas custeadas por ele como forma de demonstração de poder, bem como informar a coletividade que estava bamburrado, ou seja, com alta capacidade de compra. No prosseguir desta pesquisa, analiso de maneira mais detida outras ações praticadas pelos garimpeiros.

De modo geral, Giddens (2003) atribui ao ator social a qualidade de agência, ou seja, a capacidade de ação independentemente da coerção, bem como a plena consciência dos resultados esperados de suas ações, mesmo reconhecendo que algumas sejam impensadas pelo agente. O autor distingue dois modos de consciência: uma prática e a outra discursiva. A consciência prática é a inteira noção da execução cotidiana das ações. Para Giddens (2003) capacidade discursiva das ações sociais denomina-se consciência discursiva. O ator é tão consciente sobre suas condutas e sobre o resultado delas que pode tranquilamente falsear seu discurso em relação a atividade praticada a depender do seu interesse e contexto.

Nesta abordagem, nos deteremos predominantemente sobre a análise das recordações da consciência discursiva narrada pelos garimpeiros, no sentido de refletir as rotinas, as práticas sociais juntamente com suas intenções de produção de identidade constituídas nos jogos de interação cotidiana nos contextos garimpeiros na Amazônia, direcionando o olhar para o trabalho e o consumo como importantes elementos da virilidade desses homens nos espaços de garimpo.

O ponto analítico deste trabalho parte também das memórias dos trabalhadores garimpeiros com o recorte referente ao período em que vivenciaram rotinas nos espaços de garimpo. Nesse aspecto, Giddens (2003, p. 56) conceitua a memória como a constituição temporal da consciência, portanto, é a memória que possibilita ao agente o domínio cronológico da sua trajetória. O autor traz também o conceito de recordação como forma de recapitular experiências do passado para utilizá-las na continuidade da ação. Para ele (2003), a consciência discursiva e consciência prática são mecanismos psicológicos de recordação, sendo que a consciência discursiva contém as recordações as quais o ator é capaz de narrar e a consciência prática as recordações a que o agente tem acesso na “*durée* da ação, sendo incapaz de expressá-las” (Giddens, 2003, p. 56).

A maneira como Giddens teoriza a memória, dispondo ao ator social domínio da própria constituição temporal e, de acordo com o contexto e intenção, autônomo nas escolhas de como recordar sua trajetória é de suma importância como linha guia nesta pesquisa, pois coloca os garimpeiros como protagonistas e conscientes da elaboração da própria história social. Porém, autores de outras correntes teóricas trazem contribuições importantes a respeito desta temática no campo das ciências sociais e serão importantíssimos no debate ao qual me proponho conduzir sobre a memória da garimpagem de ouro na Amazônia.

Nesse sentido, autor fundamental para discussão da memória é Maurice Halbwachs (1968) juntamente com sua principal obra *A memória coletiva*. Influenciado pela corrente funcionalista de Émile Durkheim, Halbwachs (1968) propõe que nossas lembranças são coletivas. Para ele, o processo dinâmico de relembrar o passado é constituído de lembranças partilhadas socialmente. Fato, há sempre conosco uma quantidade significativa de pessoas que nos acompanham ao longo da vida, as quais compõem nossa experiência, seja por meio de leituras, conversas ou outra possibilidade de contato.

Para Halbwachs (1968) estamos ligados por algum momento a grupos sociais e são nesses grupos que construímos coletivamente nossas lembranças. Porém, o autor diferencia dois tipos de grupos, os efêmeros, aqueles que se formam momentaneamente e se dissipam no tempo, e os grupos permanentes, aqueles que mesmo com o transcorrer do tempo os membros não perderam nem o hábito, nem a capacidade de sentir e articular noções em comum com os outros integrantes do grupo, portanto, as lembranças permanecem vivas no espírito de cada indivíduo (Halbwachs, 1968).

O grupo de garimpeiros enquadra-se como grupo permanente nos termos de Halbwachs (1968), pois mesmo há décadas distante do trabalho do garimpo articulam de modo muito vivo lembranças em comum, ancoradas sob distintos

quadros sociais partilhados nos garimpos de ouro da região. As memórias desses senhores articulam-se sob as experiências de reconhecimento de sofrimento ligadas ao trabalho pesado desde o período da infância até na labuta no garimpo; às condições das migrações; articulações e posturas de desconfiança diante da conduta cotidiana no garimpo em relação aos parceiros de trabalho, ou mesmo acentuada prática de violência como assassinatos, chacinas, ameaças, brigas.

As rememorações são também orientadas pela concepção de uma vida alegre, com fartura e lazer nos bares com mulheres; a saudade da família, solidão, sofrimento aos constantes ataques de malária, as situações de bamburros⁴ e brefos,⁵ lugares de memória exaltadas como pano de fundo para as reflexões temporais elaboradas nos discursos.

O relato do ex-garimpeiro Jovêncio, senhor de setenta e dois anos, oriundo do Maranhão, nos fornece percepções e interpretações sobre como portar-se diante das circunstâncias sociais do contexto garimpeiro e como se articula o que pode ser dito e silenciado em cada contexto:

O garimpo é muito bom, é bom demais. Muitas vezes a gente vai para o garimpo não é nem quase pelo ouro, só por causa do movimento que lá é muito bom. É muito gostoso ficar lá dentro do garimpo com a peãozada. Quando é de noite o pessoal vai para corrutela.

Quando sair do garimpo, nunca vá sozinho, sempre vá mais uma turma. Cinco, seis, porque tem vários lugares esperando para fazer “matagem” para tomar o ouro que o cabra leva. Às vezes, é até mandado pelo patrão. A gente não vai dizer quem foi e quem não foi. Eu não vou dizer por que eu estava lá no garimpo e fulano, fulano matou. Tem muita gente viva por aí que me conhece e eu não vou abrir a boca. Mas eu trabalhei nesses garimpos e era desse tipo, até o patrão mandava matar o peão para tomar o ouro todo de volta para ficar só para ele. O cara que morre lá dentro do garimpo eles não levam para corrutela, ou levam para dentro do mato para os bichos comerem, para onça comer ou se estiver na beira da caixa do curimã,⁶ enterra lá no curimã. Cava o curimã⁷ e joga ele lá dentro e empurra o curimã por cima, que é molinho. Aquilo é só uma areia lavada, joga tudo lá (Sr. Jovêncio, 2016).

4 Escavar barranco rico em ouro; ficar rico no garimpo.

5 Estar pobre, sem condições financeiras no garimpo.

6 Rejeito de terra removido do barranco para retirada do ouro. É jogado próximo à lontona ou para tampar lavra já prospectada. Na garimpagem de balsa o curimã é lançado diretamente no rio, por isso, na região em que essas estruturas atuam o rio sofre grandes impactos ambientais.

7 ???

Percebe-se a memória desses atores sociais elaboradas de maneira ambivalente, articulando saudade de um passado alegre com vigor físico e com liberdade, mas ao mesmo tempo conectado ao medo da violência nos garimpos e ao sofrimento do trabalho extenuante nos baixões e nas balsas de mergulho. A esse respeito, podemos fazer conexão ao modo como Pierre Nora (1993) pensa a memória. Ele a concepciona como elemento vivo, pois é sempre carregada pelos grupos vivos como um fenômeno atual, “um elo envolvido no eterno presente, aberta dialética da lembrança e do esquecimento, manipulável e sujeita a longas latências e repentinas revitalizações” (Nora, 1993, p. 9).

O caráter manipulável da memória pontuado por Nora liga-se ao domínio temporal do ator (Giddens, 2003) e nos direciona ao conceito de grupos subterrâneos (Pollak, 1989), em que sociedades minoritárias elaboram, diante de estruturas desiguais de poder, estratégias de silêncio e esquecimento como resistência e manutenção viva das lembranças transmitidas em redes de comunicação informal, como família, círculo de amizades, à espera do momento propício à emersão.

Muitas vezes, o momento favorável à vazão das lembranças é simplesmente a ancoragem a um ponto de escuta, alguém que esteja disposto a ouvir, pois Bosi (1994) muito bem lembra que o velho, diferentemente do adulto atribulado das atividades práticas e ocupado com a vida prática, ele se ocupa consciente e atentamente do próprio passado, da substância mesma da sua vida (Bosi, 1994). Os garimpeiros escutados possuem entre 53 e 94 anos e já sentem a pressão do tempo em seus corpos e, de algum modo, o retorno da labuta pesada, repetitiva, da lida na juventude refletida em enfermidades. Alguns são forçados a acostumarem-se à vida de aposentado em uma sociedade de classes em que o homem tem valor de acordo com a produtividade ao trabalho, portanto, uma sociedade que rejeita o velho (Bosi, 1994). Esse elemento é corporificado na fala de Toim, senhor de oitenta anos, que depois de uma vida forjada no trabalho, foi posto ao tempo ocioso e tem a necessidade de viver “bolando por aí” entre colônia⁸ e visita a parentes para não esmorecer:

Eu estou com três anos que não trabalhei mais, a vontade é doida, mas aí eu caio para um canto, para outro, vou para Alenquer, para as colônias, para Manaus e vou bolando por aí. Eu estou com três anos que não ganhei um centavo de negócio que eu fizesse (Sr. Toim, 2017).

8 Termo utilizado pelos garimpeiros para referirem a propriedade rural organizada pelo trabalho familiar na criação de gado, pequena agricultura, criação de porcos, galinhas etc.

As narrativas entrecruzam-se no paralelo entre um tempo bom, de fartura, de prestígio, referente ao tempo do garimpo, em que o ouro era farto e tinha valor, contrapondo-se há um tempo presente transfigurado em relatos de dor, esquecimento ao reconhecimento de transformações econômicas e estruturais na vida cotidiana (Bandeira Júnior, 2018). É sob o antagonismo de um tempo passado e presente que as recordações dos garimpeiros emergem (como o ouro emerge a bateia após movimentos peritos) sob o sentimento de saudade de um passado perpetuado na memória. A saudade pensada aqui como sentimento social ligado aos processos e sentidos de evocar e capaz de manter presentificado algo ou alguém ausente (Koury, 2014, p. 91), portanto, a oportunidade de narração e escuta para os senhores do garimpo é a chance de ruptura a dor do silêncio relegado e, ao mesmo tempo, de reflexão e reconstituição consciente da própria trajetória ancorada às lembranças ambivalentes da vida nos garimpos.

O relato do ex-garimpeiro Zé Luiz, 76 anos, paraense, expressa sua vontade de garimpo, mesmo com o reconhecimento da impossibilidade de tal acontecimento dado ao avanço da idade e à companhia de doenças que debilitam seu corpo, algumas resquícios do pesado trabalho nos barrancos:

Rapaz, eu não tenho mais condições de trabalhar em garimpo, mas eu tenho vontade de garimpo. Porque o garimpo a gente come muita caça, a gente se diverte a noite todinha em riba daqueles paus esperando veado, paca, tatu. Pé de Uxi, pé de Orelha de macaco. É uma vida boa. De manhã cedo tem muita carne para comer. Minha diversão era pescar no Tapajós. Eu mais outro colega pegávamos a voadeira e íamos pescar. Pegávamos filhote, pirara, surubim, Jaú, todo peixe de couro. Só pegava peixe couro. Nós íamos para uma cachoeira perto do Mamãe Anã, adiante do Penedo. Nós íamos pescar lá. Saía quatro horas da tarde, seis horas nós estávamos lá. Pegava um carapanã do diacho (Sr. Zé Luiz, 2017).

Percebe-se entre os garimpeiros “vontade de garimpo”, entendido aqui na perspectiva da saudade como emoção social, em que por meio das lembranças conseguem subjetivamente presentificar esse espaço juntamente com as sensações e as experiências vivenciadas e compartilhar sob construções discursivas baseadas no tempo biográfico, em que as recordações são constantemente criadas e recriadas.

Benjamin (1994) ao perceber profundas transformações sociais nas forças produtivas e nos modos técnicos de compartilhar informações da sociedade moderna, vislumbrou a extinção da arte de narrar, como também dos narradores, itens, para o autor, intrínsecos às sociedades passadas. No entanto, diferentemente das experiências vazias, pobres, sem capacidade comunicativa

dos soldados que retornavam da guerra lembradas pelo autor, os garimpeiros mostram-se substantivos narradores, pois carregam as qualidades essenciais da comunicação artesanal e possuem a sabedoria tecida na própria experiência de vida e plena capacidade para intercambiar essas experiências com os ouvintes.

É importante chamar a atenção para a relação entre a memória e a narrativa empregada a sua vazão. Os garimpeiros, na condição de atores e portadores de inteligência narrativa (Eckert; Rocha, 2000) estabelecem o controle simbólico do tempo sobre a própria trajetória de vida, selecionando, criando e recriando seus caminhos na perspectiva de dar significação e organização cronológica diante de um mundo real produzido em descontinuidades.

Este fato, na perspectiva de Bourdieu (2002) e Candau (2012), é identificado como elaboração da trajetória sob a ilusão biográfica, uma ficção produzida na narrativa ao pensar a vida como uma história tornada razoável, lógica, inteligível. Candau (2012) coloca que é essa habilidade como capacidade humana de voltar-se ao próprio passado e inventariar e ordenar os acontecimentos percebidos como significativos no ato da narração.

A construção das memórias leva em consideração uma infinidade de elementos próprios do contexto da produção da narrativa, como por exemplo o estado emocional do narrador, suas tristezas, alegrias, emoções que terão efeito direto à maneira de como elabora a lembrança, mas sempre orientados por sua ação consciente. É justamente sob o modo, a forma como as memórias são constituídas, como também sobre o conteúdo narrado que o trabalho antropológico se interessa, pois como pontua Candau (2012) a “narrativa memorial não é apenas um acontecimento, mas é mesmo o acontecimento”. E é sobre os acontecimentos narrados a respeito do garimpo que esta pesquisa se debruça.

2 As potencialidades da história de vida como método de análise

Bertaux (1980) sinaliza para a retomada da utilização de distintas maneiras da aplicação do método histórias de vida na Sociologia empírica. O autor lembra que entre a Primeira e Segunda Guerra mundiais houve ampla prática dessa metodologia pelos estudiosos da escola de Chicago, no intuito de analisar as trajetórias e práticas de sujeitos individuais as conectando aos processos sociais (Carvalho, 2011), mas que depois desse período perdeu espaço para as pesquisas quantitativas tipo *survey*, dado ao fato de cambiarem para o aspecto da subjetividade, por serem entendidas, no momento, como pouco científicas em relação às produções quantificáveis estatisticamente.

Após o período das guerras até o início da década de 1960 as metodologias subjetivas estiveram marginalizadas nas ciências sociais. Esse cenário começa a transformar-se quando teóricos constituíram movimento crítico à hegemonia das abordagens funcionalista americana e estruturalista francesa. Bertaux (1980) salienta que essa postura transformou fortemente a situação ao ponto de passarmos para um pluralismo científico nas abordagens sociais. Esse fato foi favorável à diversificação nas aplicações sociológicas e antropológicas, sendo posteriormente inconcebível algum método ou teoria tornarem-se hegemônicos como anteriormente.

De acordo com Carvalho (2011) na década de 1970 há a consolidação e revalorização dos relatos orais como fonte de saber. Esse movimento repercutiu também na produção acadêmica no Brasil, que desde a década de 1950, por meio de um grupo de pesquisa⁹ vinculado à Universidade de São Paulo, conduzia trabalhos embasados em relatos orais individuais. Mas segundo a autora, é a partir dos anos 1970, sob o contexto de grandes transformações sociais no país, produzida pelo processo de industrialização e urbanização, que as perspectivas, experiências e percepções de atores sociais comuns passaram a ser frequentemente buscadas como importante forma de produção do saber na ciência social brasileira (Carvalho, 2011).

O silêncio relegado às metodologias qualitativas amparou-se na crença de que a ciência deveria elaborar conhecimento verdadeiro e universal e, para isso, deveria extinguir a qualidade, a subjetividade dos fenômenos (Queiroz, 1999, p. 14). Nesse objetivo, os métodos quantitativos, como aplicação de questionários fechados e produção de dados estatísticos, tiveram terreno fértil baseado no argumento que tal prática esvairia as intenções subjetivas (crenças, preconceitos, emoções) do pesquisador e produziria resultados concretos e objetivos. Queiroz (1999) aponta que a Sociologia usufruiu dessa prática como forma de retirar a individualidade de cada cientista, momento em que passou a refletir os fenômenos sociais a partir de quantidade direta ou indiretamente mensuráveis (Queiroz, 1999).

No entanto, Queiroz (1999) salienta que a maneira objetiva e quantificável de considerar o saber científico começa a ruir, mesmo nas ciências exatas e naturais. De acordo com a autora, paulatinamente constatou-se que as descobertas da ciência sofriam influências e limitações do meio social ao qual o pesquisador ou pesquisadora pertencia.

9 De acordo com Carvalho (2005) esse grupo de cientistas era coordenado por Roger Bastide e tinha como membros Maria Isaura Pereira de Queiroz, Florestan Fernandes, Renato Jardim Moreira.

Além da ruptura na crença da neutralidade de quem conduz a pesquisa, houve também cisão na perspectiva da qualidade pertencente aos fenômenos científicos. Em momento anterior, lhes eram retirados os adjetivos, as qualidades para serem entendidos com valores universais. No novo modo de concepção, o pensamento é oposto. Verificou-se que justamente os fatores qualitativos constituídos pela sensibilidade das experiências o ponto central na condução dos estudos de pesquisa:

Todo cientista, ao determinar o tema de sua pesquisa se encontra inserido num universo físico, social e intelectual que a delimita; e também por meio da percepção do que neste universo existe que formula o que pretende investigar. Nesta fase primordial domina o diferencial, isto é, aquilo que é plenamente qualitativo, e não a uniformidade quantificável.

Para poder operar neste nível mais alto, necessita o pesquisador de uma formação específica que lhe permita tomada consciente de uma posição determinada no conjunto de conhecimentos que são os seus, oriundos de sua experiência, mas ampliada pelo saber já acumulado pelas ciências em geral e por sua ciência em particular (Queiroz, 1999, p. 15).

Ferrarotti (1991) destaca ainda que o pesquisador está intimamente implicado no seu campo de investigação. Para ele, observador é agente juntamente como os outros atores sociais, portanto, não há neutralidade nas relações, pelo contrário, é pretensa qualquer intenção de produção de um saber sumariamente objetivo sem levar em consideração a interação intersubjetiva das relações constituídas no processo da pesquisa. O autor menciona que interação deveria ser tomada como objeto de análise pautada simetria das relações entre observador e observado, ponto de vista que coloca os sujeitos estudados como produtores e conhecedores do conhecimento produzido.

Essa relação de equilíbrio na produção do saber científico é muito bem assinalada por Bertaux (1980, p. 17), no sentido de pensar o “homem comum não como um objeto de observação, de medição, mas como um informante melhor informado do que o sociólogo que interroga”. Para o autor, essa postura é um meio de questionar o monopólio institucional do conhecimento sociológico e assumir que a Sociologia e Antropologia não são ciências exatas.

Outro pesquisador a seguir a mesma linha de percepção é James Clifford em relação ao modo de produção do saber antropológico. Clifford (2002) chama atenção justamente para a desintegração da autoridade etnográfica no século XX. Clifford (2002) destaca que por longo período o ocidente

(europeus) ocupou lugar de privilégio e sem grandes contraposições ao mandar seus cientistas estudarem outras sociedades. No entanto, com a expansão da comunicação, maior acesso à informação e luta por protagonismo dessas populações, vozes opostas levantaram-se contra tal postura. Nessa perspectiva, é necessário pensar em “etnografia generalizada, pois as pessoas interpretam a si e aos outros nos mais variados idiomas”¹⁰ (Clifford, 2002, p. 20).

Concordar com Clifford (2002) e Bertaux (1980) a respeito da plena capacidade das pessoas na interpretação de si e do outro me faz conduzir esta pesquisa junto aos trabalhadores do garimpo como espaço para que as vozes desses senhores sejam protagonistas para refletirem a própria história social e legítima como fonte de conhecimento.

Abordar aspectos tão caros às experiências vividas e elaboradas e reelaboradas pela dialética da memória (Nora, 1993) requer a escolha de método analítico capaz de abarcar tanto as intenções do pesquisador quanto as dos atores possuidores das lembranças. Neste ponto, a história de vida se constitui como importante método para a captação, interação e reflexão das memórias dos garimpeiros e permite caminhar pelas subjetividades, motivações e emoções produzidas elaboradas por esses homens, além de possibilitar o acesso aos elementos constituintes da estrutura social da garimpagem na Amazônia, como as dimensões dos códigos sociais, valores morais e éticos partilhados pelo grupo garimpeiro.

Tal entendimento coaduna-se ao pensamento do sociólogo americano da escola de Chicago Howard Becker (1993). Becker (1993) caracteriza o método história de vida importante por possibilitar o vislumbre subjetivo sobre os processos institucionais e confrontar pressupostos já consolidados no campo da ciência. Esse confronto é possível dado ao fato do método história de vida carrega as histórias dos próprios atores e, segundo ele, é “sempre uma mensagem viva e vibrante que vem de lá” (Becker, 1993, p. 108), da realidade dos próprios sujeitos que narram suas vidas, suas experiências, modos de ser amparados na linguagem e nas percepções internas do grupo e se mostram como pessoas a outros contextos que dificilmente seriam vistas.

Portanto, a história de vida nos possibilita perfazer o movimento interpretativo das experiências individuais de cada garimpeiro ao contexto mais amplo da organização social da garimpagem na região, pois como salienta

10 Podemos rememorar o acontecido com o antropólogo Daniel Belik que teve sua proposta de estudo negada pelos povos mundurucus do Alto Tapajós, em ato público realizado na Universidade Federal do Oeste do Pará, em 2014. Os indígenas não concordavam com a postura do pesquisador e solicitaram que ele se retirasse do território.

Ferrarotti (1991) o indivíduo não carrega consigo a sociedade por completo, mas a totaliza-a via seu contexto social imediato, ou seja, traz a totalidade social dos grupos específicos aos quais pertence. Seguindo esse pensamento os ex-trabalhadores do garimpo carregam consigo, em suas memórias, a completude do grupo social garimpeiro.

Os trabalhadores garimpeiros apresentam suas memórias por meio da oralidade. Valeska Oliveira (2005) nos lembra que a história oral carrega consigo aspectos individuais de cada sujeito e ao mesmo instante ativa a memória coletiva, concordando com a reflexão da memória coletiva de Halbwachs (1968). No entanto, percebe-se no processo de contação das trajetórias não a mera preponderância do social sobre o indivíduo, mas as intenções, seleções de fatos, episódios e até mesmo a opção pelo silêncio colocado de maneira consciente pelos narradores os diferenciando como indivíduos distintos na reelaboração da memória.

Essas seleções do que narrar ou não e a constituição de um *self* distinto no processo de reconstituição da memória aproximam-se da perspectiva dos conceitos de projeto e de campo de possibilidades discutidos por Gilberto Velho (1994), categorias analíticas que nos auxilia na compreensão das trajetórias desses garimpeiros possibilitando identificar suas condutas organizadas, portando, detentores da capacidade de agência, para atingir finalidades específicas no contexto sociocultural da garimpagem para a implementação de projetos individuais e coletivos (Velho, 1994).

A escolha pelo método história de vida requer também a reflexão da postura do pesquisador no processo de relação com os agentes possuidores das narrativas. É preciso pensar na relação entre o antropólogo e senhores do garimpo como simétrica, para que seja compreendida no patamar da alteridade, em que cada um reconhece os interesses e as diferenças no outro.

Ter em mente que a relação comunicativa se elabora na diferença nos puxa para a reflexão de Bourdieu (1997) a respeito da violência simbólica. A questão levantada pelo autor é que é necessário reconhecer e olhar de um ponto de vista crítico o contato entre entrevistador e interlocutor, dado o fato que ambos circulam em distintos mundos, classes, grupos sociais, se diferenciam em diversos aspectos da vida, e que esses elementos podem interferir diretamente no modo como as pessoas se elaboram diante do contexto.

Uma das maneiras de mitigar esse elemento, segundo Bourdieu (1997), é a consciência prévia dos efeitos que isso pode gerar na relação com as pessoas e o dever de se buscar elementos para uma comunicação não violenta no processo de intrusão que baseia tal troca e, de algum modo, certa invasão do antropólogo no ambiente alheio.

A este aspecto, Bosi (2003) destaca, com ênfase, a importância de o pesquisador antes do encontro com o depoente obter o máximo de informações a respeito do que será abordado, pois isso incentiva as respostas. Segundo a autora, é ideal que os encontros produzam a formação de vínculos de amizade. Esse fato se coloca ao pesquisador para que relação não seja passageira e tenha responsabilidade durante o processo de tradução mencionado por Clifford (2002), pois as pessoas abrem suas casas, narram sentimentos, emoções, dores, alegrias e perspectivas de vida.

Compreendendo as dimensões instituídas na relação pesquisador e os atores do garimpo no processo de captação das histórias de vida, com vistas a diminuir essas distorções, buscou-se no contato esclarecer de que se tratava o empreendimento da pesquisa e como poderia ser importante a voz de alguém que viveu a garimpagem na região, bem como demonstrar o valor da história individual de cada narrador. Procurei também compreender a linguagem, os termos empregados pelos garimpeiros para deixar o diálogo fluido e demonstrar meu interesse em cada detalhe do que fora dito, enfim, conduzir uma etnografia como uma descrição densa (Geertz, 2008) ao procurar primeiramente compreender as variadas estruturas conceituais narradas pelos garimpeiros para depois apresentá-las, como no processo de entendimento das distintas ações das piscadelas assinaladas por Geertz.

Não foi necessário um fato extraordinário, como o ato de fugir da polícia em uma rinha de galo, para ser aceito, quando Geertz fez em Bali, mas foi fundamental tecer a relação de confiança, regada a cafezinhos, bate-papos descontraídos e vontade de escuta, para que os senhores garimpeiros se sentissem à vontade para discorrerem sobre suas memórias e mesmo cressem que suas trajetórias são importantes de serem contadas, pois fazem parte da história da região do mesmo modo das pessoas ditas de posição social elevada.

Esse contato somente é possível no campo por meio da prática de métodos sensíveis, como etnografia ou história de vida, pois como bem salienta Clifford (2002) a observação participante força à experimentação, física e intelectual, dos vícios da tradução, uma vez que é necessário aprendizado dos códigos linguísticos, envolvimento emocional, longas conversas, grande parte fora do eixo da temática, porém importantes para os narradores, para a possibilidade de construção de conhecimento instituído no intenso contato de subjetividades.

Os encontros intensos e complexos das subjetividades em campo, no estar lá nos termos de Geertz (1991), marcado por tensões políticas e interesses diversos (Clifford, 2002), passam por reflexões no momento do Estar Aqui (1991), no espaço estritamente acadêmico que conduz a escrita do texto antropológico,

o processo de como traduzir para a representação narrativa da escrita com intuito de dar sentido coerente às significações sobre a vida do outro. Não há como o antropólogo abrir mão deste papel, desta autoridade, pois é quem é legitimado para o manuseio dos saberes da academia, mas pode fazê-lo sem as pretensões clássicas de chamar para si a presunção de criar para o mundo as populações as quais desempenha pesquisa.

Minha pretensão neste estudo junto aos garimpeiros amazônicos está longe de tal empreendimento, pretende-se muito mais ser um canal para exposição e possibilidade de percepção da cultura garimpeira sob outra lente, narrada não somente pelo antropólogo, mas por um conjunto de vozes dos agentes que vivenciaram as experiências na carne e quem, de fato, são os verdadeiros protagonistas históricos.

3 Estratégias e arte de investigação: caminhos da imagem na pesquisa

As diversas rupturas epistêmicas passadas pela disciplina antropológica assinalam não somente mudanças relativas à autoridade do pesquisador e à legitimidade deste na imersão em campo. Marcam também o entrelaçamento a outras possibilidades de linguagens para dar conta de exprimir a realidade etnográfica com maior capacidade comunicativa. Neste aspecto, inserem-se as diversas possibilidades das linguagens visuais, constituindo um campo específico: a Antropologia Visual para pensar os significados culturais gerados pela imagem e como estas são produzidas e percebidas socialmente (Ribeiro, 2014), conduzindo a superação histórica nas ciências da hierarquia entre texto e imagem, proporcionando às narrativas imagéticas outro *corpus* de importância no campo da disciplina.

Achutti (2004) expõe que a fotografia e a Antropologia nasceram em tempos próximos e com preocupações parecidas, ambas dedicaram atenção à compreensão da vida do homem e as características do meio social e cultural. Caiuby Novaes (1998) e Koury (1999) destacam que as ciências sociais, dentre estas a Antropologia com mais intensidade, utilizaram-se dos recursos dos registros das imagens (fotografia, vídeo, cinema) desde que estiveram disponíveis aos profissionais.

Esses instrumentos foram apropriados principalmente pela capacidade de representação do real ou por servirem como meio metodológico de apreensão de detalhes culturais vivenciados nos contextos sociais, além de terem a aptidão de ampliar a visão do campo cultural de uma determinada comunidade

ou sociedade estudada (Koury, 1999). Não à toa, importantes pesquisadores na história da Antropologia incorporaram a seus trabalhos a fotografia como instrumento descritivo, como Malinowski, em *Argonautas do Pacífico Ocidental* (1914), que se utilizou da experiência fotográfica para apresentar e descrever cenas da vida cotidiana dos trobriandeses.

Nessa perspectiva, de tomar a captação da imagem como registro fidedigno do real, a antropóloga Margaret Mead é uma das principais defensoras do uso das narrativas visuais na pesquisa antropológica e uma das autoras precursoras da Antropologia Visual como disciplina. A pesquisadora em parceria com Gregory Beteson realizou trabalho riquíssimo com produção de mais de vinte e cinco mil fotografias e gravação de cerca de sete quilômetros em película 16 mm de vários momentos rotineiros da vida dos moradores de Bali (Samain, 2000). Compêndio dessas imagens foi publicado no livro intitulado *Balinese Character: a photographic analysis*, de 1942. Etienne Samain (2000) considera essa obra mítica para Antropologia e não superada até hoje pela forma exemplar e sistemática em que conduz a relação e debate entre a linguagem escrita e a visual.

Mead (1975) considera as expressões fotográfica e cinematográfica como robustos meios de salvaguardar as práticas culturais em vias de desaparecimento de diferentes culturas ao redor do mundo, além de servirem como suporte material de herança cultural para os integrantes desses povos e para a humanidade. A autora atribui essa crença às linguagens imagéticas, pois identifica que, em algumas circunstâncias, elas exprimem a realidade com mais eficiência que o texto escrito, como por exemplo na apresentação de um ritual, numa dança, que são melhor compreendidos pela visualidade do que pela descrição em palavras:

A câmera nos dá um meio de expressão verbalmente desarticulado, e pode simultaneamente dramatizar uma cultura exótica para seus próprios membros e para o mundo; como antropólogos, devemos insistir que as filmagens e gravações sejam controladas e sistemáticas, o que nos fornecerá material que pode ser repetidamente analisado com ferramentas refinadas e novas teorias em desenvolvimento (Mead, 1975, p. 10).

Distinguindo-se da perspectiva de Mead no que tange à construção de acervo de práticas de diferentes culturas em processo de desaparecimento, a antropóloga Sylvia Caiuby Novaes (1998) compreende que imagens e textos são artefatos culturais e que a produção de filmes, fotografias pode acrescentar

outras dimensões interpretativas da história cultural dos grupos sociais, possibilitando aprofundamento na compreensão do universo simbólico. Esta autora aponta que certos fenômenos culturais “só podem explicar no plano das formas sensíveis o seu significado mais profundo” e que o uso de imagens para narrar tais fenômenos consegue aproximar com mais eficácia a um dos principais objetivos da Antropologia que é a produção de uma comunicação intercultural (Novaes, 1998, p. 116).

Neste sentido, a linguagem visual da fotografia como artefato cultural possui nesta pesquisa relevo importante, e se conecta do início ao fim com a narrativa escrita, com o vislumbre de possibilitar aos leitores amplas conexões imaginárias às variadas dimensões morais, sociais e estéticas contidas na realidade fotográfica dos garimpos.

Outra justificativa para a utilização da imagem fotográfica é que ela carrega consigo não somente o universo icônico aparente, mas também permite reflexões tanto históricas quanto relativas ao ato fotográfico capturado por um filtro cultural (o autor) estabelecido num espaço e tempo específico (Kossoy, 2001). Portanto, a narrativa fotográfica sobre o garimpo nos possibilitará uma comunicação das paisagens, construções corporais dos atores fotografados, as técnicas e tecnologias empregadas pelos personagens como pelo autor das imagens e as seleções do olhar na realidade representada.

As fotografias são também imersas no campo das emoções e possuem capacidade, mediante o registro material de fragmentos do real, de evocar lembranças como gatilhos de memórias (Texeira, 2013), fazendo encurtar de modo mais intenso as conexões do passado com o presente. Nas entrevistas em que os garimpeiros narraram suas histórias de posse de fotografias do tempo do garimpo, as reminiscências emergiram mais profundas e detalhadas. Lembra-vam-se das minúcias cotidianas, do fotógrafo que capturou a foto, dos amigos falecidos e histórias de outros que nunca mais viram. Surgiram explicações sobre os equipamentos de trabalho, as técnicas para ser um bom garimpeiro e sobre as descrições dos espaços e vivências. Percebeu-se que uma gama de memórias já esquecidas foi disparada pela materialização da fotografia, dando possibilidades ao etnógrafo para atrelar as narrativas dos agentes, seus imaginários, aos discursos das camadas de significação contidas na imagem.

No entanto, cuidados metodológicos são imprescindíveis para que seja possível de fato acessar as camadas significativas da imagem fotográfica, pois a aparente fácil comunicação visual direta dos elementos contidos e silenciados na fotografia pode enganar a percepção do pesquisador e criar negligências em relação ao conteúdo em análise.

Situo o leitor que nesta pesquisa as imagens analisadas serão as retratadas pelo fotógrafo/antropólogo com foco no momento atual da vida dos garimpeiros, porém, a predominância analítica se dará sobre as fotografias disponibilizadas dos acervos pessoais, os álbuns de família, imagens históricas e já imbricadas nas trajetórias e lembranças desses homens.

Ao tomar a imagem como documentação, o desafio analítico é o de conduzir interpretações em busca dos significados e conteúdos culturais por ela transmitidos (Leite, 1993). No entanto, não é tarefa tão simples como se pode imaginar, pois Mirian Moreira Leite (1993) chama atenção, e é o caso específico deste estudo, que ao extrair as imagens do contexto de circulação de origem, as redes familiares, e incluí-las em circulação pública de coleções ou arquivos para interpretações de outro plano, elas podem sofrer alterações nas suas informações primeiras.

A autora escreve:

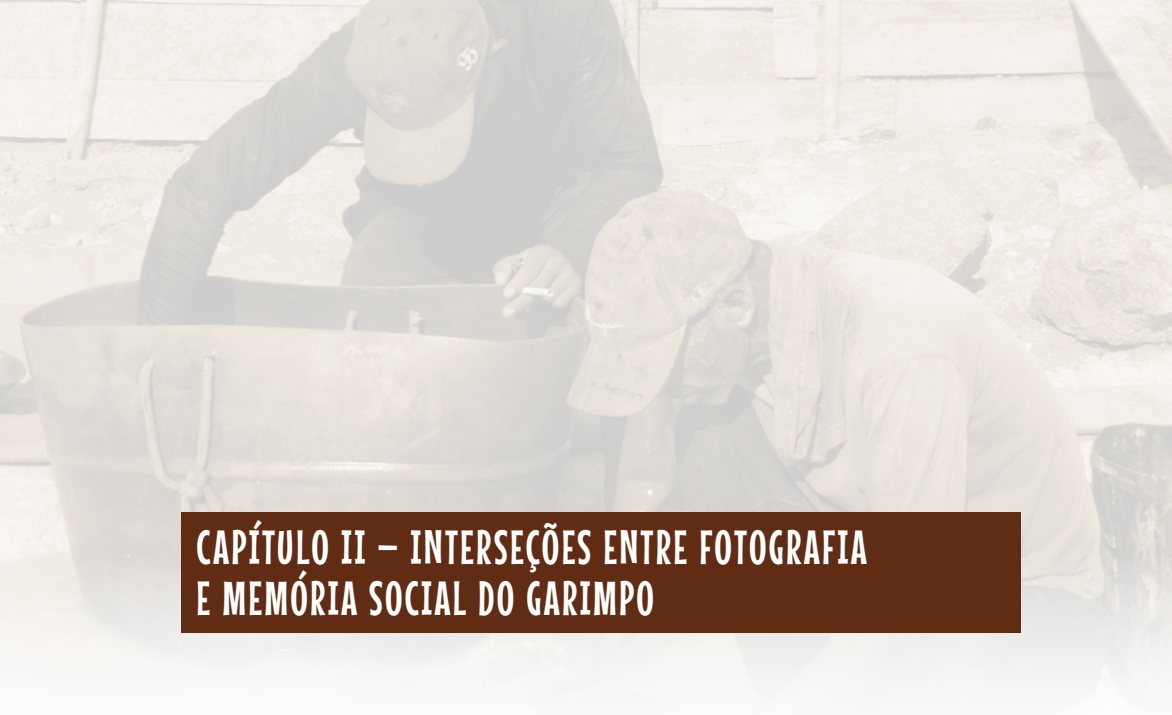
Quando os fotógrafos, fotografados, os conservadores ou seus utilizadores ocasionais não compartilham o mesmo código simbólico, a leitura pode ser bastante diversificada, atestando que o realismo da fotografia tem entraves que precisam ser compreendidos para não comprometê-la (Leite, 1993, p. 31).

Outro ponto exposto pela autora é o da necessidade de se estabelecer a verbalização e criação de vínculos verbais vindos do processo de memória dos personagens retratados ou em contexto na imagem para se elaborar a leitura da documentação fotográfica e, com isso, se conseguir constituir as conexões dos fragmentos de informação das imagens, mitigando as ambiguidades a elas inerentes (Leite, 1993).

Leite (1993) defende esse entrelaçamento justamente pelo caráter fragmentário e descontínuo da fotografia, pois considera que apesar da imagem comunicar de modo excelente os sentimentos, as percepções, ela peca ao transmitir as redes de relacionamentos que fogem à capacidade comunicativa das suas dimensões espaciais. Portanto, se não houver uma descrição verbal do contexto da imagem, como ano, lugar, caracterização dos personagens, para a autora, a fotografia pode ser um elemento mudo e ambíguo (Leite, 1993).

Seguindo os passos metodológicos de Moreira Leite (1993) e por se tratar de um trabalho inserido no campo da história oral, as fotografias foram utilizadas como meio de reavivar a memória dos garimpeiros em que a partir delas elaboraram discursos em que apresentaram as dimensões contextuais e

espaços temporais de cada imagem e nos forneceram subsídios para embasar as leituras interpretativas das fotografias do garimpo, nos permitindo traçar conexões aos aspectos mais amplos das práticas sociais garimpeiras.



CAPÍTULO II – INTERSEÇÕES ENTRE FOTOGRAFIA E MEMÓRIA SOCIAL DO GARIMPO

1 O trabalho garimpeiro: uma descrição dos saberes e técnicas da faina garimpeira

Para possibilitar maior compreensão ao leitor, traço uma descrição sucinta das técnicas, tecnologias e saberes do trabalho da garimpagem de ouro pautado nos relatos das imagens e memórias, para posteriormente discutir como os aspectos subjetivos referente aos modos de como encarar o trabalho ultrapassam o sentido estrito da subsistência e associam-se aos processos de construção de identidade masculina e consumo no contexto social do garimpo.

As memórias dos ex-garimpeiros marcam a distinção temporal entre a garimpagem estritamente manual e a garimpagem semimecanizada. A mudança no modo de trabalho informa alterações tanto nas tecnologias aplicadas à extração do ouro, como também nas relações de trabalho, no regime de divisão pecuniária e sobre novas exigências no domínio de saberes por parte dos garimpeiros.

Como tratei em trabalho anterior, tanto na garimpagem manual como na semimecanizada, o processo inicia com a exploração, explicada pelos trabalhadores como uma expedição na floresta realizada por garimpeiros especializados na procura de solo rico em ouro o suficiente para abertura de novas lavras (Bandeira Júnior, 2018). É feita picada¹ na mata em busca de grotas, que são igarapés dentro da floresta. O local onde se encontram as grotas é conhecido

1 Caminho feito com terçados na mata fechada. Serve de orientação para a locomoção na floresta.

pelos garimpeiros como baixões² devido ao declive formado no solo. O relato do ex-garimpeiro, Paulo Afonso, que atuou como desbravador, explica como funcionava para se dar início à abertura de novos postos de trabalho na mata:

A exploração funcionava assim. Você entrava mata a dentro e procurava o ouro. Aqueles que anda testando o ouro. Cada prancheta que você fazia você guardava para mostrar para o dono. Quando você chegava e mostrava para ele. Em cada área que nos achávamos no baixão fazíamos uma marcação. Descascávamos o pau e fazíamos a marcação lá. Como se fosse ferro para dizer que já tem dono. O dono perguntava “em qual vocês achavam que tinha mais ouro?”. É esse aqui. Então vocês vão levar uma turma para explorar. Levava a turma e o pessoal começava a trabalhar. Pronto! Dali pra frente não era mais nossa alçada, já era dele. Ele se virava para lá e nós íamos explorar para outro lugar. Assim que era nossa vida. Exploração passava de noventa dias dentro do mato (Paulo Afonso, 2018).

Os garimpeiros exploradores entram munidos com armas, cartuchos, farinha e sal, charque e instrumentos como pá, peola, cuia e bateia, todos armazenados dentro do jamanxin.³ Baseados na experiência, quando encontram um local propício à incidência de ouro, abrem o que chamam de prancheta, uma cova de mais ou menos 2 m x 2 m e tiram amostras do cascalho. O resultado que determinará a abertura de uma boca de serviço ou barranco é a quantidade de fagulhos de ouro encontrados no material. O ex-garimpeiro, Zé Luís, explicou e comparou o fagulho de ouro ao tamanho do olho de um mosquito:

Para saber onde tem ouro tem que fazer exploração. A gente se arruma, leva farinha, leva munição para o mato e vara quatro, cinco, seis dias para um grotão. Quando chegar num baixão, porque aqui tem terra alta, montanha, para cá tem o igarapé com aquele baixão, quando a água vem alaga. A gente vai tira a vara de um pau bem duro e fura. Dá com 2 m, com 1,5 m, 0,5 m você topa no cascalho. Você faz um buraco chamado de prancheta, de 2 x 1,5 m. Você usa peola, que é uma pá comprida que é para arrancar a capa do lacrau. Ela bem amolada ela corta a raiz do pau. Quando chega no barro você usa ela também. Vai jogando e quando chegar a baixo topa numa areia, antes de topa no cascalho tem uma areia. Você vai e tira com uma pá. Dá água, aí você cava um buraco mais fundo que essa superfície que você está trabalhando aqui e você faz a canaleta e a água já vem para cá. Você vai jogando terra e o outro tirando

2 Lugar de extração do ouro, referenciado como espaço de trabalho dos homens garimpeiros.

3 Utensílio feito de cipó titica para carregar carga (farinha, sal, óleo, peixe etc.)

aquela água até topar no cascalho. Quando chega ao cascalho e você quebra 40 cm e bota na cuia. Leva para o igarapé e você vê. Dá três, quatro, cinco fagulhos. Fagulho é do tamanho do olho de um mosquito, aquela pedrinha de ouro. Tem hora que dá umas maiorzinhas. Dá muito esmeril. Esmeril é uma terra preta que dá junto com o ouro, onde não tem esmeril não dá ouro. Se você cuiar e não ver nenhum fagulho de esmeril não tem ouro abaixo. É terra cega. Você tem que sair dali. Quando tem ouro você vê os pedacinhos de ouro, aí você pode botar um barranco de manual ou máquina que pega ouro (Sr. Zé Luiz, 2017).

Equipamentos essenciais ao processo de trabalho manual são bateia e a cuia. A bateia é um de zinco em formato cônico. É usada em vários momentos do trabalho. Desde a prospecção até a despescagem,⁴ a apuração do ouro ainda amalgamado ao azougue.⁵ Segundo Cleary (1992), o uso da bateia remonta desde o século XVIII, com a diferença que antes era feita de madeira dura. A cuia possui mesmo uso que a bateia, porém é menor, é utilizada mais em prospecções de amostragem devido à quantidade de material que se pode processar nela.

Depois de realizada a exploração mata adentro, feitas as amostragens e detectada uma área que se estima possuir minério, inicia-se o processo de escavação. Se uma área pesquisada for muito rica gera-se a “fofoca” sobre aquele garimpo e faz com que um número considerável de garimpeiros se desloque para aquele local.

Identificada área propícia à escavação é esquadrejado um lote de 5 x 5 m, 10 x 10 m, varia de tamanho, medido com cipó titica⁶ retirado na floresta. No regime de trabalho manual atuam até três peões dentro do barranco. Depois de medido o terreno, retira-se a capa do lacrau,⁷ é a retirada da primeira camada de terra com paus e raízes, essa tarefa geralmente é destinada aos peões brabos.⁸ Prossegue-se a escavação com um instrumento chamado de peola.⁹ O senhor Jovêncio explica esse instrumento: “[...] é uma pazinha pequena de garimpeiro. É próprio para a gente jogar barro para cima. Ela só pega aquele

4 O processo de retirada e lavagem do ouro preso ao saco de sarapilha ou carpete.

5 Mercúrio.

6 O cipó titica é uma espécie de valor econômico, produtora de uma fibra longa, clara, resistente e flexível, amplamente empregada na produção de cestas, móveis e outros artefatos. Disponível em: <https://www.kamukaia.cnptia.embrapa.br/cipo-titica-1>. Acesso em: 23 jan. 2019.

7 Camada de terra do barranco onde encontram-se inúmeros destroços como paus, pedras, raízes.

8 Trabalhadores com pouca experiência.

9 Segundo os ex-garimpeiros Carlos Matos e Jovêncio a peola é um instrumento como uma enxada, específica para o garimpeiro para retirada do barro do barranco.

tanto, não pega mais nem menos”. Enfia-se a peola no chão e vai retirando o barro, camada por camada, até a profundidade limite que o utensílio é capaz de alcançar. O garimpeiro não pode errar no manuseio da peola. Carlos Matos relata que se aquele barro não sair da ferramenta durante o movimento de tiragem causa lesão nas costas do trabalhador: “Já vi muito peão ficar imovelzinho no barranco com as costas rasgadas” (Sr. Carlos Matos, 2017):

Garimpo de manual eu trabalhei lá no Boqueirão. Lá é raso, dava dois palmos da capa do lacrau¹⁰, que é a capa da raiz, aí já estava o cascalho. A gente quebrava um palmo, meio palmo de cascalho e carregava, fazia um cocho de um pau chamado barriguda e depois a gente fazia outro cocho que era para botar água. Eram dois cochos, um do lado e outro. Eu botava a lontona, lontona é uma caixa de madeira toda tariscada com pau, vara, a sarrapilha e depois o carpete e acabar botava azougue. Um ia jogando água, tinha duas lanternas que a gente chama, que são duas mangueiras. Quando a água estava pouca a gente abria e quando estava cheio a gente fechava para poder aguentar a água para lavar o cascalho. O outro ia embarcando o cascalho. O cascalho está aqui no pé e a gente vai jogando o cascalho e o outro vai lavando no ralo. Sempre é três que trabalha, às vezes trabalha dois, mas é aperreado. Lava aquele cascalho e o ouro vai descendo pela caixa para dentro da lontona. Quando termina a gente pega aquele pano, desprega as varinhas tudinho, bota aquele pano dentro de um balde e vai lavando na água limpa. Depois que lava que vamos batear aquela terra todinha. Dá dois, três baldes de terra. Até resumir onde está o ouro. Vai com ele no maçarico, queima, aí está pronto para vender (Sr. Zé Luiz, 2017).

Esse trabalho de retirada do barro leva de três dias a uma semana, dependendo da profundidade do cascalho (que é a faixa em que ouro se encontra) e de fatores como alagamento do barranco: “Ali onde ele é grudado tem uma goma, uma terra, ali está sintonizado o ouro, dentro daquelas pedras. É por isso, que chama cascalho, porque é o cascalho do ouro.”. O garimpeiro identifica o cascalho porque o terreno muda. Surge uma camada de terra com pedras: “Tipo quem faz um piso de seixo”, nas palavras de Jovêncio. O barro é todo retirado e deixa-se somente a camada do cascalho. Esse cascalho é removido até a lagresa¹¹ e amontoado em um

10 São as raízes e paus que se encontram na superfície da lavra.

11 O garimpeiro Jovêncio explica que a lagresa é um barro mole, como se fosse uma lama. Segundo ele, “é bem molinho. Mole, mole, mole. Ele afunda. Ali bateu na lagresa não tem mais ouro para baixo. Aquele ouro vai até em riba da lagresa (Sr. Jovêncio, fev. 2016)”.

monte separado para ser processado na lontona.

A chuva ou alagamento do barranco por infiltração é um fator que deixa o trabalho manual muito mais pesado, pois para dar continuidade às tarefas é necessário retirar toda água no balde. O relato do senhor Toim demonstra o quão difícil se tornava a labuta:

Manual era na pá, na peola, picareta, bateia, cuia. A gente marca uma quadrazinha de um barranco e vai cavar. Cansei de quando era para desgrotar, porque jorra água, quando eu entrava lá, eu era muito pequeno e a água estava dando quase no meu pescoço. Eu ia desgrotar todinho na lata. Tinha dia que eu passava o dia todinho só desgrotando a água, já quase a noite que ia trabalhar um pouquinho para cavar outro pedaço. Era muito “sacrificoso” (Sr. Toim, 2017).

Depois de removido e amontoado o cascalho, passa-se para a etapa de processamento. Essa fase é feita na lontona ou caixa, maquinaria artesanal confeccionada pelos próprios garimpeiros com madeira retirada na floresta.

S. Luís explica a lontona:

A lontona é tipo uma porta, só que ela é maior que uma porta, ela dá umas três portas de comprimento, aí a gente bota uma tábua assim de lado, baixinho, na base de uns 10 cm. Ela é calafetada, porque não pode varar água de jeito nenhum se não o ouro vai embora. A gente calafeta com mangueira, pega a mangueira, queima e bota nas brechas da tábua. Quando acabar bota a sarrapilha e depois um carpete de 2m, perto de onde vai cair a bica com o cascalho. O carpete da largura dela. Entarisca, bota muita azougue ali. Uma base de umas 200g de azougue para poder o ouro quando bater o azougue pega o ouro. O azougue é para segurá ou segurar o ouro (Sr. Zé Luiz, 2017).

Entariscar¹² a lontona é colocar várias talas por cima do carpete na largura da prancha, para quando for derramado o cascalho com água corrente desça em forma de cascata. É posto bastante azougue¹³ no carpete para amalgamar-se ao ouro quando este passar. Por serem minérios pesados ficam presos ao carpete. O restante do material que passa é chamado de curimã, a terra em que já se extraiu o ouro. Geralmente formam montes bastante altos e para

12 Entariscar é processo de colocação de pequenas de talas na caixa para que a água com cascalho desça em cascata.

13 Mercúrio é um **metal** bastante conhecido. Pode também ser chamado de azougue, se encontra entre os metais de transição externa e pertence ao grupo 12 ou grupo do **Zinco**.

que a lama retirada do barranco não prejudique o trabalho na escavação de uma próxima lavra ela é jogada para tampar um barranco já prospectado.

Após o processamento na lontona, passa-se para o momento da despescagem, se trata da retirada do carpete com ouro. Esse carpete é lavado com sabão em pó dentro de baldes, comumente são utilizados carotes de óleos ou coxos. Os coxos são recipientes cilíndricos feitos de madeira. Dentro dos baldes cai o ouro misturado ao azougue e muita lama. Esses recipientes são levados para próximo de um poço/igarapé para que o material seja bateiado. Nesse momento, são retiradas as impurezas e deixa-se somente o ouro com mercúrio. Esse processo deve ser feito com extremo cuidado, pois há algumas partículas muito pequenas do metal que podem escapar à bateia caso não haja destreza no movimento.

Findo o bateiamento e deixado somente o ouro com azougue, parte-se para etapa final: a queima. O material é colocado na cuia e queimado no maçarico ou no botijão a gás para que o mercúrio evapore. Com o ouro de fato apurado é procedida a divisão. No trabalho manual a partilha é realizada de forma igualitária entre os trabalhadores, ou em caso de o barranco ter um dono, é pago a ele 10 % da produção.

Na garimpagem manual percebe-se maior autonomia do trabalhador em relação ao conjunto do processo produtivo, pois sem altos investimentos e com a possibilidade de confecção das tecnologias para processamento do minério com matéria prima farta disponível na floresta, o garimpeiro pode exercer a atividade na condição de dono dos meios de produção e do próprio trabalho sem necessariamente possuir vultoso capital, precisando somente pagar pelo arrendamento da terra, diferentemente do modelo de garimpagem semimecanizada, na qual existe a figura do dono ou “patrão” que é detentor dos meios de produção.

O modelo de exploração semimecanizada pode ser subdividido em pelo menos duas formas: a extração nos baixões ou barrancos e a de balsa ou mergulho, aquela executada no leito dos rios. A introdução de maquinaria motorizada deu à mineração de pequena escala um tom mais empresarial com divisão social do trabalho e a relação dual entre o detentor dos meios de produção e os da força de trabalho. O barranco ou a balsa possui um dono que investe um capital elevado e para ele trabalham os peões em regime de porcentagem. Em relação ao modelo manual de garimpagem há transformações, principalmente nas relações de trabalho, na divisão pecuniária e na exigência de saberes por parte do garimpeiro relativa ao domínio técnico de instrumentos de maquinaria motorizada.

Cleary (1992) aponta que a maquinaria começou a ser utilizada na garimpagem nos anos de 1930, nos Estados Unidos, e foi apresentada aos trabalhadores brasileiros via assistência técnica do Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM), porém, devido aos custos elevados dos equipamentos somente a partir da década de 1970, com a valorização do ouro no mercado internacional, houve a expansão do uso de motores no trabalho da mineração de pequena escala.

Percebe-se mudança estrutural nos processos de trabalho e aceite por parte dos trabalhadores que executavam o serviço manualmente. Nas falas é possível perceber esse fato na justificativa e reconhecimento da labuta manual ser sofrida, dura, como relatada por vários garimpeiros. Outra questão apontada para a mudança foi de que com o maquinário era possível trabalhar uma área muito maior em menos tempo, ou seja, seria possível aumentar a produção mesmo que a porcentagem dividida entre o patrão e os trabalhadores fosse menor:

Peguei no manual também. Do manual para draga tem muita diferença. No manual, você vai ter que tirar um barranco 10 x 10 metros. Você trabalha todo tempo na peola, aquela peola sempre jogando. Primeiro, começa com a pá, alimpar tudo, depois que chega lá, dependendo da fundura, chega na lagreza onde está o ouro, aí entra na peola. Vai cavando aquele buraco manualmente. Fazemos uma caixinha, um rego para jogar água. Rapaz, é complicado demais, é muito trabalho o negócio do manual. O cara se sacrifica muito. Aí joga no ralo e o cara fica aqui com umas tarisca na mão, umas ripinhas, passando naquele ralo. É uma coisa que parece que não tem fim. É muito sacrificoso, o manual. Na draga não, a draga é muito diferente. Você mandou pra lá e já cai na caixa lá em cima e depois de tudo já vai limpar, tirar as estopas, jogar numa bacia com sabão Omo, joga o azougue e vai batear na beira do rio e limpar o ouro (Sr. Alonso, out. 2017).

Na exploração semimecanizada de barranco atua uma equipe de quatro a seis trabalhadores por par de máquinas. senhor Jovêncio explica que caso passe de seis trabalhadores já não dá renda devido a porcentagem ser dividida igualmente entre todos. O par de máquina é o bico jato e a maraca. A primeira possui a função de cortar o barranco com a pressão da água e a segunda a de sugar a terra para a caixa ou lontona, essas duas nomenclaturas foram usadas referindo-se ao equipamento que realiza a primeira separação da lama e o ouro.

As duas máquinas são potentes e consomem grandes quantidade de litros de óleo diesel por hora. O bico jato é operado pelo jateiro, o garimpeiro

especialista no seu manuseio. A maraca é trabalhada pelo maraqueiro. senhor Jovêncio narra que caso o operador não manuseie a maraca com destreza, ela entope, quebra, porque por ali passa pedra, pau... uma série de destroços do barranco, conta ele, como maraqueiro experiente. No barranco, trabalham também dois raizeiros, esses com a função de catar os paus e pedras que possam danificar a maraca. Geralmente essa função é destinada aos garimpeiros “brabos”, os mais inexperientes no ofício. Independentemente do garimpeiro ser *brabo*¹⁴ ou manso, experiente ou inexperiente, a divisão da porcentagem entre os trabalhadores é igual:

Eu trabalhava de maraqueiro. Tem o jateiro que trabalha no bico-jato. O jateiro está aqui dentro de um buraco, sentado num pau atravessado, com um acelerador do lado que está lá no motor lá em cima, num MWM e a mangueira esta aqui, a que está puxando o material. Então, eu tenho que trabalhar com um pé aqui na boca dessa mangueira e com o acelerador na mão e os caras mandando lá no bico jato, empurrando pro meu lado. Eu tenho que saber trabalhar concentrado pra não entupir a mangueira, não dá entrada de ar, para poder trabalhar normalmente. Então, eu fico com o acelerador na mão. Quando ele manda muito, eu chamo aqui no motor que tem um acelerador com uma varinha e ela vai engolindo tudo. Quando ela quer dar entrada de ar, eu fracasso de novo aqui, aí a água cresce e fica naquele manejo. Isso se dá o nome de maraqueiro (Sr. Alonso, 2017).

A lógica do trabalho em muito se parece com a do garimpo manual, a diferença é no processo de escavação do barranco e sobre a quantidade de material processado. A maraca puxa o cascalho e o joga na caixa a uma distância de cerca de 100 m via mangueiras. O ouro passa pela caixa/lontona e fica agarrado ao azougue preso ao carpete. O procedimento até se chegar ao ouro apurado é o mesmo realizado no modo de produção manual.

A garimpagem na modalidade balsa ou mergulho iniciou a prática de forma pioneira na região do Tapajós e depois se expandiu a outras regiões de rios, principalmente o Crepori e Tocantins, em meados da década de 1970 (Cleary, 1992). Esse modo de produção só foi possível a partir da introdução de motores no processo de trabalho, pois consiste na retirada do ouro contido em depósito aluvionar dos leitos dos rios. As balsas ancoram próximas à margem do rio e desce o garimpeiro mergulhador, preso a um cabo de aço e com um colete com barras de chumbo entre 10 kg e 30 kg

14 No contexto do trabalho, a terminologia brabo é apresentada para referir-se aos trabalhadores inexperientes, com pouco saber sobre a atividade garimpeira.

presos na cintura, a uma profundidade de 4 m a 8 m. Submerso, a função desse trabalhador é operar a maraca para sucção do cascalho a ser levado para a caixa. O procedimento para pegar o ouro e apurá-lo é o mesmo do método usado no barranco, com a diferença que o curimã, o barro processado, é jogado diretamente no rio. O peão mergulhador fica a uma distância de mais ou menos 12 m da balsa.

O trabalho é revezado em duas equipes, compondo uma jornada total de aproximadamente doze horas, sendo seis horas para cada frente de trabalho. Cada equipe é composta por dois garimpeiros mergulhadores e outro responsável por monitorar as máquinas para mandar oxigênio e controle da potência do motor ao mergulhador realizar o desmonte do cascalho. Cada mergulhador fica em baixo da água cerca de três a quatro horas. Carlos Matos conta que saía igual a um “defunto exumado”. Quando é o momento de sair da água, o mergulhador emite sinal balançando um cabo de aço para ser içado por um guincho até superfície. A comunicação entre quem está em baixo da água e quem está na superfície é realizada por um código de puxadas que informa ao controlador a ação a ser tomada.

Os trabalhadores da garimpagem de balsa reconhecem essa modalidade como a mais perigosa. Jovêncio e Carlos relatam vários casos de mergulhadores que morreram soterrados por barrancos. Devido à pouquíssima visão no fundo do rio o garimpeiro perde a noção de profundidade e vai adentrando ao buraco feito pela maraca. Há ocasiões em que o barranco desmorona em cima do trabalhador.

Jovêncio e Alonso recorreram episódios do período que trabalharam como mergulhadores e que, devido a problemas no equipamento, quase perderam a vida no fundo do rio:

Garimpo de mergulho foi no Crepori. Mergulho é o seguinte, tu chegas à balsa. Eu fui com meu cunhado, ele já era mergulhador profissional. Foram fazer um teste comigo, me botaram numa draga com a maraca 5”. Comecei a testar, me aperfeiçoar nessa 5”, me botaram para mergulhar com uma 6. Rapaz é uma maracona e a mascareta começou a entrar água e eu me apavorei. Não pode se apavorar. O cinto de 30 kg aqui na cintura, eles colocam umas barras de chumbo para a correnteza não levar. Comecei a me apavorar e passei a não puxar fôlego pela chupeta. Rapaz, eu não sei onde arrumei tanta da força, eu meti a mão nesse cinto que deu uma arregaçada assim, o peso caiu, como a roupa é contra água aí eu subi. Varejei quase debaixo da balsa, com o olho desse tamanho cada um. Não estava mais respirando. Eu disse, rapaz não desço nessa máquina

mais não. Naquela outra não tinha esse problema. Não desci mais nela. Fiz uns serviços por lá e vim embora (Sr. Alonso, out. 2017).

Eu não passava muitas horas em baixo da água porque tinha problema de fôlego. Passava duas, três horas. No máximo três horas e meia. Agora outros garimpeiros tiravam seis horas. Um tirava seis horas e outro tirava seis horas. Seis eu não aguentava não, quando saía do fundo minha cabeça estava quase para espocar. Eu larguei o garimpo de mergulho porque o cara quase me mata uma vez. Ele agarrou no sono lá no motor e o motor parou. Faltou o ar para mim. E para escapar foi sorte. Subi com o cinto de segurança e tudo. A gente carrega um cinto com dez quilos de chumbo. E eu subi com cinto, com tudo. Larguei a mangueira lá, ela encheu de terra até o bico. Eu subi para não morrer. Eu saí puxando na correia até chegar na balsa. Eu estava com uma distância de doze metros da balsa. Eu já estava num cascalho até bom, estava dando quinze, trinta, até quarenta gramas. Ali não dava de tirar de quilo, a balsa era pequena, não dá para ter mangueira grande para jogar longe, porque o curimã do chão a gente pode jogar a distância que a gente quiser. Não balsa não tem pra onde. A balsa fica lá e a gente fica para cá. Bota a balsa num canto e gente joga o curimã no rio, porque aquilo é jogado tudo na mesma água (Sr. Jovêncio, 2016).

A garimpagem de mergulho condiciona uma série de problemas ao trabalhador. O fato dos mergulhadores ficarem por longos períodos submersos comprometia a saúde em pouco tempo de serviço, além de não haver controle sobre a qualidade dos equipamentos utilizados, que uma hora ou outra apresentavam problemas, e o risco à vida era iminente. Outra ameaça apresentada, especificamente ao garimpo de mergulho, eram os assassinatos entre garimpeiros no fundo rio em função de disputa por zonas ricas em minério. Esse perigo aumentava consideravelmente em garimpos sob a fofoca:

Já morreram vários amigos meus no fundo da água, matado também pelos outros. Garimpeiro mata qualquer uma pessoa por qualquer grama de ouro. Quando a gente está num barranco que tinha bastante ouro, como a gente estava no Tocantins, tirando bastante ouro, os que estão tirando distante, em barranco cego, eles vem pelo fundo da água, emendam mangueira, emendam mangueira, chega cá e corta a sua mangueira de ar ou vem com uma faca e lhe fura no fundo da água. Você não vê porque ali você só vê bem pertinho. Aquela água é suja, ela já vem suja de cima de outros garimpos, ela é barrenta. Você enxerga bem pertinho assim, mas longe você não enxerga (Sr. Jovêncio, 2016).

A respeito da divisão dos rendimentos, a mudança ocorrida foi em relação a autonomia da produção. No regime manual era acordado o pagamento de 10 % do metal explorado ao dono da terra ou em regime de meia-praça, no qual as despesas eram por conta do proprietário da área e rateava-se o ouro extraído meio a meio. Com a introdução do sistema mecanizado ocorreu o emprego de funções especializadas dentro do barranco ou balsa e a divisão do minério extraído passou a girar em torno de trinta a dez por cento entre o dono e os trabalhadores, como relatado pelos senhores Jovêncio e Jacinto:

Lá, se você tocasse por conta, mediante o saldo que sobrava da despesa era seu. Agora se você trabalhasse de meia praça a produção era dividida meio a meio. Tirava um barranco e se desse 100 g, era 50 g do dono e 50 g para mim. Nessa parte, se tornava melhor para mim porque eu não tinha despesa, porque o patrão dava tudo. A mudança que houve do manual para o maquinário foi que no maquinário passou a ser porcentagem e tinha mais parceiros. A porcentagem era de trinta por cento. Se você tirasse um barranco que deu 100 g era trinta por cento, como eram três parceiros, ficava 10 g para cada um. A diferença foi essa, passou a ser trinta por cento e passou a ter a participação de mais pessoas. Mas, às vezes, dava uma melhorada no ganho porque o trabalho no maquinário era mais rápido. Para tirar um barranco 10 x 5, no manual, com dez palmos de fundura, passava-se de quinze a vinte dias, já no maquinário você tirava uma área muito maior em um tempo menor (Sr. Jacinto, 2017).

O ouro é o seguinte, qualquer tanto que der para o patrão ele paga dez por cento e essa porcentagem é dividida para os peões. Digamos assim, se der um quilo de ouro cem gramas é para os peões. Ele fica com noventa por cento. As cem gramas é dividido para os quatro, cinco peões. Só pode ser até seis peões, não pode ser mais, porque se não vai dar nada, a renda vai ser bem pouquinho. Aquele ouro do patrão, os noventa por cento que vai ficar para ele, é para ele tirar para o óleo, comida, é para ele tirar para as despesas de tudo. Quando ele termina de pagar nós, tirar nossa porcentagem e pagar lá na cidade as bombas, maraca. Pagar essas coisas que precisa muito, mangueira. Sobra muito pouco para ele. Às vezes nem sobra nada. Porque é que muitos garimpeiros donos de garimpo vão a falência (Sr. Jovêncio, 2017).

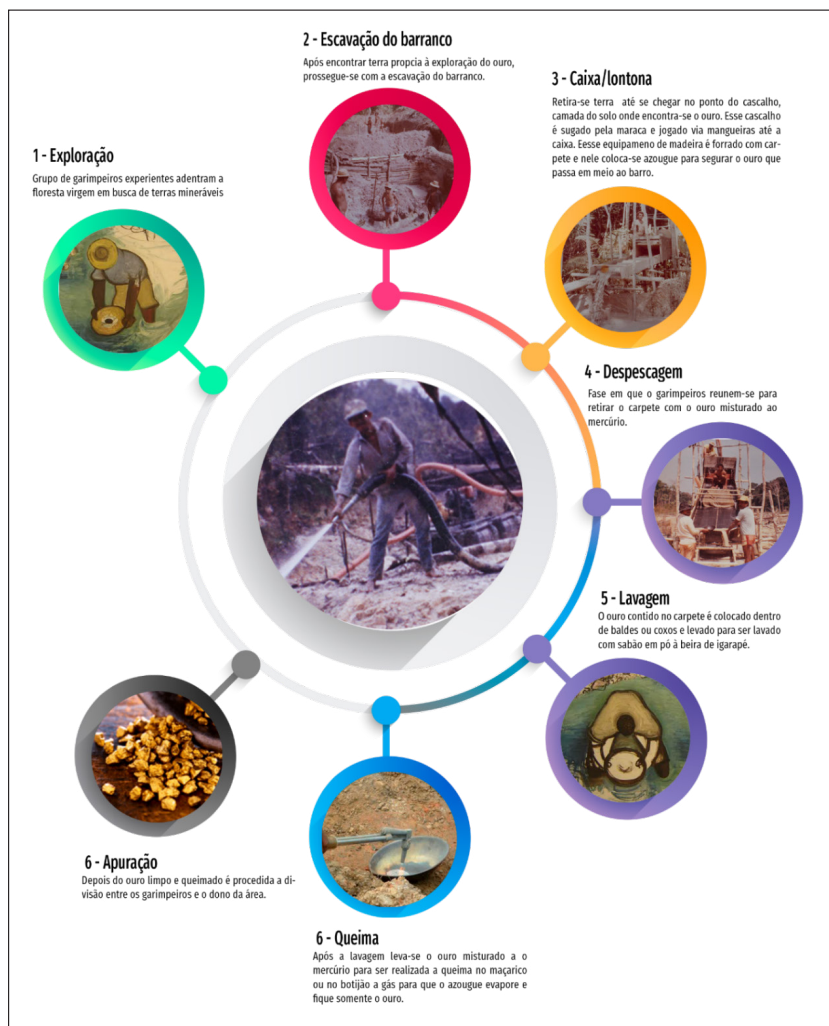
O ofício da garimpagem de ouro é reconhecidamente perigoso e extenuante pelo grupo de trabalhadores do garimpo. Os perigos na atividade incorrem por diversos fatores, como por exemplo na garimpagem manual o trabalhador pode rasgar as costas caso erre o movimento de retirada do barro

com a peola. Carlos Matos narra episódios de garimpeiros brabos que ficavam paralisados dentro do barranco pela imperícia de execução do movimento.

Há, também, iminente perigo de desabamento de terra em cima do trabalhador que escava ou derrubava as paredes do barranco no bico jato.¹⁵ Na garimpagem de balsa, eleita de forma unânime como a mais perigosa, há constante risco de afogamento ou deslizamento das paredes do leito do rio sobre o garimpeiro mergulhador, além de ficarem mais suscetíveis a assassina-
tos por outros garimpeiros:

Um tirava seis horas e outro tirava seis horas. Seis eu não aguentava não, quando saía do fundo minha cabeça estava quase para espocar. Eu larguei o garimpo de mergulho porque o cara quase me mata uma vez. Ele agarrou no sono lá no motor e o motor parou. Faltou o ar para mim. E para escapar foi sorte. Subi com o cinto de segurança e tudo. A gente carrega um cinto com dez quilos de chumbo. E eu subi com cinto, com tudo. Larguei a mangueira lá, ela encheu de terra até o bico. Eu subi para não morrer. Eu saí puxando na correia até chegar na balsa. Eu estava com uma distância de doze metros da balsa. Eu já estava num cascalho até bom, estava dando quinze, trinta, até quarenta gramas. Ali não dava de tirar de quilo, a balsa era pequena, não dá para ter mangueira grande para jogar longe, porque o curimã do chão a gente pode jogar a distância que a gente quiser. Não balsa não tem pra onde. A balsa fica lá e a gente fica para cá. Bota a balsa num canto e gente joga o curimã no rio, porque aquilo é jogado tudo na mesma água. Às vezes até cobrindo outros barrancos. Onde a gente está jogando curimã é muito perigoso. Aquilo ali é muito fundo e cai barranco. Você está no fundo da água, cavando, metendo a draga para comer aquela terra, fica um barranco da altura da laje dessa casa. Se você ficar muito perto, é capaz daquilo cair por riba de você e matar lá dentro da água mesmo (Sr. Jovêncio, 2016).

15 Equipamento utilizado para realizar o desmonte hidráulico das paredes do barranco.

Figura 1: Infográfico das etapas de trabalho da garimpagem semi-mecanizada.

Fonte: ???????????????????????????????

2 As faces das histórias

Figura 2: Toim, 81 anos, cearense.



Sr. Nascido em Frecheirinha, Ceará, veio na juventude para o Pará para ganhar a vida. Como diz ele: “Eu vim jogado aí num navio, o governo estava jogando gente naquele tempo, em 1958, por causa da seca”. Toim é analfabeto, de estatura de pouco mais de 1,50 metros, sempre trajando calça e camisa impecavelmente passadas. Ele carrega o diminutivo do nome Antônio da infância, em alusão ao seu tamanho, e foi assim que ficou conhecido no garimpo. Com emoção singular, relata a vida de homem forjado no trabalho pesado e dos sofrimentos passados durante sua trajetória, considerados vencidos por ele, sob um olhar já na velhice.

Fonte: Foto de Carlos Bandeira Jr., 2018.

Figura 3: senhor João Maranhense, 76 anos.

Migrou ao Pará na década de 1960. Inicialmente, trabalhou com lavoura e derrubada para plantação em diversas colônias da região do baixo Tapajós. Depois de muito escutar notícias sobre garimpo, foi tentar a vida nessa atividade. Ele informou que trabalhou apenas na garimpagem manual, sem uso de bombas de água, e conseguiu, na época, tirar uma boa quantidade de ouro, quase um quilo, mas gastou tudo com mulheres e bebidas nos bares da corrutela. Atualmente é agricultor familiar e possui uma pequena propriedade localizada no planalto santareno.

Fonte: Foto de Carlos Bandeira Jr., 2018.

Figura 4: senhor Jovêncio, 73 anos.

Piauiense, perdeu os pais ainda criança, tendo uma criação sofrida, dada pelos tios. Conta ele que apanhava muito e tinha que trabalhar pesado no corte de lenha, o que o fez sair de casa ou “tomar conta das vendas” aos doze anos de idade. O primeiro deslocamento que realizou foi para a capital maranhense, a cidade de Imperatriz, lugar onde casou pela primeira vez. Logo depois disso, dirigiu-se para Marabá, Pará. Até esse momento da vida, sua atividade de trabalho era na lavoura e na juquira, que é uma etapa de trabalho de derrubada do mato para realizar a plantação. Trabalhava no regime de diária, como peão. Não contou quanto tempo ficou em Marabá, mas que lá constituiu patrimônio com gados, casas de aluguel e fazenda. Após a separação da primeira esposa e o casamento com a segunda, retornou ao Piauí. Relatou o insucesso de trabalho neste local e, com conhecimento mínimo sobre o garimpo, no ano de 1965, entrou por conta própria para essa atividade na Fazenda do Mamuí, no regime de trabalho manual. Atualmente, o senhor Jovêncio vive dos proventos da aposentadoria e de aluguéis de casas que construiu ainda quando era garimpeiro.

Fonte: Acervo pessoal s.d..

Figura 5: senhor Paulo Afonso, paraense, 52 anos.

Começou na atividade garimpeira aos 16 anos, na região do Tapajós. Inicialmente, integrou equipe de garimpeiros de exploração, grupo que desbravava mata virgem em busca de novas áreas mineráveis. Posteriormente, atuou como jateiro (no manuseio da mangueira bico-jato, fazendo o corte das paredes do barranco), em barrancos – onde ocorre a exploração do ouro. Quando adquiriu condições financeiras, comprou um par de máquinas, bomba d'água e mangueira bico-jato, além de uma área de garimpagem. Segundo ele, nesse período, chegou a "bamburrar" (que, no garimpo, significa ficar rico, pegar muito ouro, possuir poder de compra), por ter conseguido mais de um quilo de ouro. Desse dinheiro recorda que o único bem que restou foi a atual residência onde mora em Santarém, pois gastou o restante com farras e prejuízos em barrancos pobres em ouro.

Fonte: Foto de Carlos Bandeira Jr., 2018.

Figura 6: senhor Alonso, 56 anos, paraense



Santareno, na juventude trabalhou como carpinteiro, ofício aprendido com o pai. Foi para o garimpo por volta do ano de 1979, convencido pelo cunhado. O primeiro em que atuou foi no garimpo Canta-Galo, na região do Alto Tapajós. Em pouco tempo, contraiu malária, o que lhe causou sofrimento e acúmulo de dívidas. Relembra que só foi autorizado a sair desse garimpo quando quitou o que devia.

Fonte: Foto de Carlos Bandeira Jr., 2018.

Figura 7: senhor José Luiz ao lado do cantor Bartô Galeno.



Fonte: Acervo pessoal s.d..

No toca-fita do meu carro,
Uma canção me faz lembrar você,
Acendo mais um cigarro
E procuro lhe esquecer.
Do meu lado está vazio,
Você tanta falta me faz,
pois cada dia que passa
Eu te amo muito mais
Encontrei no porta-luva um lencinho
Que você esqueceu.
E num cantinho bem bordado
O seu nome junto ao meu

(Música: “No toca fita do meu carro”. Bartô Galeno)

Figura 8: senhor Zé Luiz, 76 anos, paraense.

Nasceu em Santa Maria das Barreiras. Seu primeiro contato com o garimpo foi como marreteiro. Comprava mercadoria na cidade e vendia nas zonas garimpeiras. Induzido pela “fofoca” do ouro possibilitar bamburrar, veio a atuar nos barrancos no regime de trabalho manual e, com o passar do tempo, migrou para a exploração semi-mecanizada. Zé Luiz foi garimpeiro “manso” — na terminologia garimpeira, refere-se a trabalhador experiente, com amplo domínio dos saberes da atividade —, esteve em vários garimpos da região do Tapajós, como Creporizinho e Cuiú. Também chegou a garimpos das Guianas de forma clandestina, mas não permaneceu lá por muito tempo, devido à fiscalização intensa sobre a atividade nessa região.

Relatou nunca ter possuído muito ouro, apesar de ter sido dono de maquinário e de uma pequena área de garimpo. Devido a prejuízo decorrente de barrancos pobres em ouro, necessitou vender seu maquinário fiado e a prestações. Ele carrega mágoa dessa negociação, pois só recebeu a primeira parcela do combinado, o que o fez ficar no “brefo” (isto é, pobre, sem dinheiro, passando necessidade), até para suprir as necessidades básicas. Para comer, ele fazia um “reco”, que é reprocessar o curimã, a terra que já tinha sido explorada em momento anterior. Dessa ação garantia um, dois gramas, o que dava para sobreviver de maneira precária.

Atualmente, Zé Luiz vive em uma pequena casa localizada em um bairro periférico de Santarém e sustenta-se da aposentadoria e de sua pequena roça de legumes e verduras, que cuida com imenso carinho.

Na figura 6, ele está ao lado do cantor Bartô Galeno, no garimpo do Cuiú. No auge financeiro dos garimpos do Tapajós, era comum artistas de renome nacional realizarem apresentações nas corrute-las garimpeiras.

Fonte: Foto de Carlos Bandeira Jr., 2018.

Figura 9: Carlos Matos, 54 anos, maranhense

Nascido em Vitorino Freire, Maranhão, teve sua trajetória, juntamente com a família, marcada por momentos de intensa pobreza e por inúmeras migrações realizadas de forma precária até se estabelecerem no Pará.

A primeira vez, ainda criança, deslocou-se da sua cidade natal para uma comunidade denominada Jenipapo, dentro do mesmo estado. Nesse local, adquiriram terra para viver da lavoura, porém, na época, o político José Costa Cavalcante, de Pernambuco, grande latifundiário e grileiro, segundo o narrador, comprou inúmeras fazendas na localidade e a de sua família foi vendida sob ameaça. Rememorou que a pistolagem era comum naquela região. O próximo deslocamento ocorreu a pé, de Jenipapo para a comunidade chamada Centro do Gavião, às margens da rodovia PA70. Essa mudança foi apenas uma paragem até o aguardo do recebimento da quantia da forçada venda da propriedade anterior. A espera foi pelo período de mais ou menos um mês. Dessa localidade, foram de Kombi para a cidade de Marabá, no Pará:

[...] nós saímos a pé, perambulando, igual uns ciganos com matulão nas costas. Era eu, Francisco, Valter, Jurandir, Antônio, Jura, Vânia, pai e mãe. Eram nove pessoas perambulando no mundão. O povo tinha até medo de nós que quando avistava fechava as portas. Em 1975 nós migramos para o estado do Pará (Sr. Carlos Matos, 2017)

Em Marabá, Carlos Matos e a família, permaneceram cerca de dois anos. O pai, após uma temporada de trabalho como peão de fazenda, na cidade de Itaituba, retornou para buscá-los para irem todos para a comunidade do Livramento, em Itaituba, na vila de Miritituba. Nessa localidade, devido à epidemia de sarampo que acometeu a família, morreu um de seus irmãos, o Janduí. Lembrou que a saída de casa para morar só ocorreu por volta do ano de 1980, aos quinze anos de idade e a contragosto do pai. Fora morar na área urbana de Itaituba. Rememorou a precariedade e os momentos de necessidade financeira, sem dinheiro para comprar comida e residindo de favor na casa de uma conhecida de sua mãe. Foi nesse período que entrou para o trabalho no garimpo, na região do Tapajós. Atualmente, Carlos trabalha como fotógrafo na cidade de Santarém, Pará.

Fonte: Foto de Carlos Bandeira Jr., 2017.

Figura 10: Babi, 70 anos, cearense.



Nascido em Frecheirinha, Ceará, migrou com a família para o Pará no ano de 1958. Confessa que trabalhou na garimpagem a partir do momento em que se entendeu como pessoa. Desde muito jovem, labutou na agricultura, mas devido aos baixos ganhos e pesado trabalho vislumbrou na exploração do ouro a atividade que poderia lhe dar melhores condições financeiras. No ano de 1966, no garimpo São Domingos, Região do Tapajós, começou sua jornada como garimpeiro.

Babi foi um garimpeiro “manso”, gaba-se pelo grande conhecimento que adquiriu sobre as matas da Amazônia e por ter passado por muitos garimpos em diferentes regiões, como no Pará, Jarí, Serra Pelada. Concomitante a garimpagem atuava como gateiro na caça de onças para obter a pele do animal para venda. Conta ele que passava meses sozinho dentro da mata para capturar os felinos.

Relata, com imensa tristeza, a aposentadoria forçada devido a complicações de um procedimento cirúrgico que lhe deixou como sequelas a mobilidade reduzida. Caso não fosse isso, estaria ainda dentro da floresta trabalhando como garimpeiro. Hoje vive dos rendimentos da aposentadoria numa comunidade do planalto Santareno.

Fonte: Foto de Carlos Bandeira Jr., s.d.

Figura 11: senhor Jacinto, 69 anos, maranhense.

Nascido no município de Timbira, no Maranhão, desde muito pequeno trabalhou na lavoura com o pai e os irmãos. Casou-se na cidade de Santa Luzia, cidade pertencente ao mesmo estado. Foi nessa localidade que escutou as primeiras notícias sobre os garimpos na Amazônia através de outros moradores que trabalhavam na garimpagem e que ao retornarem para suas residências, narravam a exploração do ouro, labuta de fácil prosperidade.

Atraído por essas narrativas, migrou sozinho para o Pará, especificamente para o garimpo do Ratinho, região do Tapajós, com a intenção de comprovar se a garimpagem de fato lhe possibilitaria melhores condições financeiras em relação à agricultura. Nessa vinda, ficou três anos trabalhando como garimpeiro no regime de trabalho manual e praticamente sem contado com a família, devido às dificuldades de comunicação. Mandava recursos para seus entes por meio de conhecidos que iam às cidades próximas. Após esse período, retornou para buscar esposa e filhos e fixaram residência em Santarém, Pará.

Sr. Jacinto atuou também como fotógrafo no garimpo e em Santarém, realizando coberturas de eventos tradicionais como batizados, crismas, semana da pátria. Na atualidade, se mantém com o salário da aposentadoria.

Fonte: Foto de Carlos Bandeira Jr., s.d.

Figura 12: senhor Napoleão, 92 anos, Cearense

Oriundo do município de Nova Rússia, no Ceará, migrou para Pará com a mulher e filhos devido à calamidade provocada pela grave seca, de 1958, no estado. Com apoio do governo, vieram de caminhão até Belém, Pará, e depois de navio até Santarém. A opção por esta cidade como destino final se deu por influência das propagandas e notícias sobre as qualidades do município, principalmente para trabalhadores da agricultura, pois veiculava-se informações sobre terras fartas e produtivas.

Começou no garimpo, levado por um amigo, para ser carregador de mercadoria. Dada as dificuldades de acesso aos baixões e corrutelas, que nem sempre ficavam próximos as pistas de pouso das pequenas aeronaves, o transporte dos mantimentos tinha que ser feito no Jamaxin, carregado por homens. Napoleão realizava a tarefa de levar os produtos que chegavam nos aviões até as corrutelas. Era um serviço extremamente extenuante, pois, muitas vezes, o deslocamento demorava o dia todo quando era necessário levar carga de um garimpo para outro. Saía-se às cinco horas da manhã e chegava-se ao destino final à noite, caminhando por meio das trilhas picadas na floresta. Após esse trabalho, conseguiu terra e passou a trabalhar com a garimpagem de fato. Com o passar dos anos, realizou investimentos e tornou-se um garimpeiro de sucesso. Chegou a adquirir vinte pares de máquinas, com oitenta homens trabalhando; uma frota de seis aviões, hotel em Santarém e cantinas sortidas nos garimpos São Domingos e São Francisco. No auge financeiro, movimentava aproximadamente quinze quilogramas de ouro semanalmente.

Desse período, não sobraram muitas posses. Hoje, aos 92 anos, reside na casa do filho Cítero com netos e nora, em uma comunidade do planalto Santareno.

Fonte: Foto de Carlos Bandeira Jr., s.d.

Figura 13: senhor Cícero, Cearense

Filho do senhor Napoleão, é oriundo do município de Nova Rússia, no Ceará. Começou no garimpo auxiliando o pai no trabalho de carga e descarga de materiais. Por ser jovem e franzino, na época, conseguia transportar somente vinte quilogramas de produtos no jamanxin, enquanto os outros carregadores levavam aproximadamente cinquenta quilogramas.

Quando o pai começou a trabalhar na exploração de ouro, Cícero o acompanhou. Iniciaram na garimpagem manual, mas pouco tempo depois surgiram novas maquinarias, como Dalla, motores bico-jato e maraca. Migraram para essa forma de trabalho e, assim, aos poucos foram aumentando a produção e a capacidade de investimento.

Quando prosperaram financeiramente, Cícero gerenciava os investimentos como a empresa de aviação, áreas de garimpo e cantinas. Atuava também na marretagem de produtos que adquiria nos grandes centros urbanos da região para vendê-los nas áreas de garimpo.

Cícero faz questão de dizer que o que possui hoje é resultado do trabalho do período da garimpagem. Diferentemente da maioria dos garimpeiros, que gastavam tudo o que adquiriam com farras, mulheres, bebidas... ele aplicava seus recursos, principalmente na compra de terras e casas. Atualmente reside numa comunidade do planalto Santareno e se mantém com rendimentos de alugueis de imóveis que comprou no passado.

3 Memória em imagens: abrindo os álbuns de família

Figura 14: Transporte de mantimentos para a área de trabalho dos garimpeiros, Garimpo São Domingos.



Fonte: foto de acervo pessoal do senhor Cícero, s.d.

Figura 15: Desmorte do barranco com mangueira bico-jato.



Fonte: foto de acervo pessoal do senhor Paulo Afonso, s.d.

Figura 16: Garimpeiros escavando barranco manualmente. Garimpo São Domingos.



Fonte: foto de acervo pessoal do senhor Cícero, s.d..

Figura 17: Barrancos em época das chuvas amazônicas. Garimpo São Domingos.



Fonte: foto de acervo pessoal do senhor Cícero, s.d.

Figura 18: Paulo Afonso e parceiros de trabalho consertando mangueira de absorção do cascalho de ouro.



Fonte: foto de acervo pessoal do senhor Paulo Afonso, s.d.

Figura 19: Paulo Afonso e parceiro sobre o poço da maraca, a bomba de sucção da lama com o ouro.



Fonte: foto de acervo pessoal do senhor Cícero, s.d.

Figura 20: Despescagem da caixa/“lontona”, uma das fases finais para obtenção do ouro.



Fase de retirada do carpete com ouro, como se vê na imagem. Esse carpete é lavado com sabão em pó dentro de baldes, sendo comumente utilizados carotes de óleo ou coxos. Os coxos são recipientes cilíndricos feitos de troncos de árvores. O ouro com terra cai dentro dos baldes. Note-se que está misturado ao azougue, que é a nomenclatura garimpeira para o metal pesado mercúrio, utilizado para segurar o ouro que passa junto com outros detritos pela “lontona”. Esses baldes são levados para um local próximo a um igarapé, para que o material seja “bateiado”, isto é, para que seja feita a limpeza do ouro por meio do equipamento bateia, que é um disco cônico de metal.

Fonte: foto de acervo pessoal do senhor Paulo Afonso, s.d.

Figura 21: Um dos aviões da frota do senhor Napoleão.



A imagem abaixo é o registro do acidente ocorrido no garimpo São Domingos . Devido à falha no motor, o piloto (um dos filhos) não conseguiu realizar a manobra de pouso e a aeronave chocou-se com a própria cantina do senhor Napoleão.

Fonte: foto de acervo pessoal do senhor Cícero, s.d.

Figura 22: Momento de lazer em algum bar da corrutela.



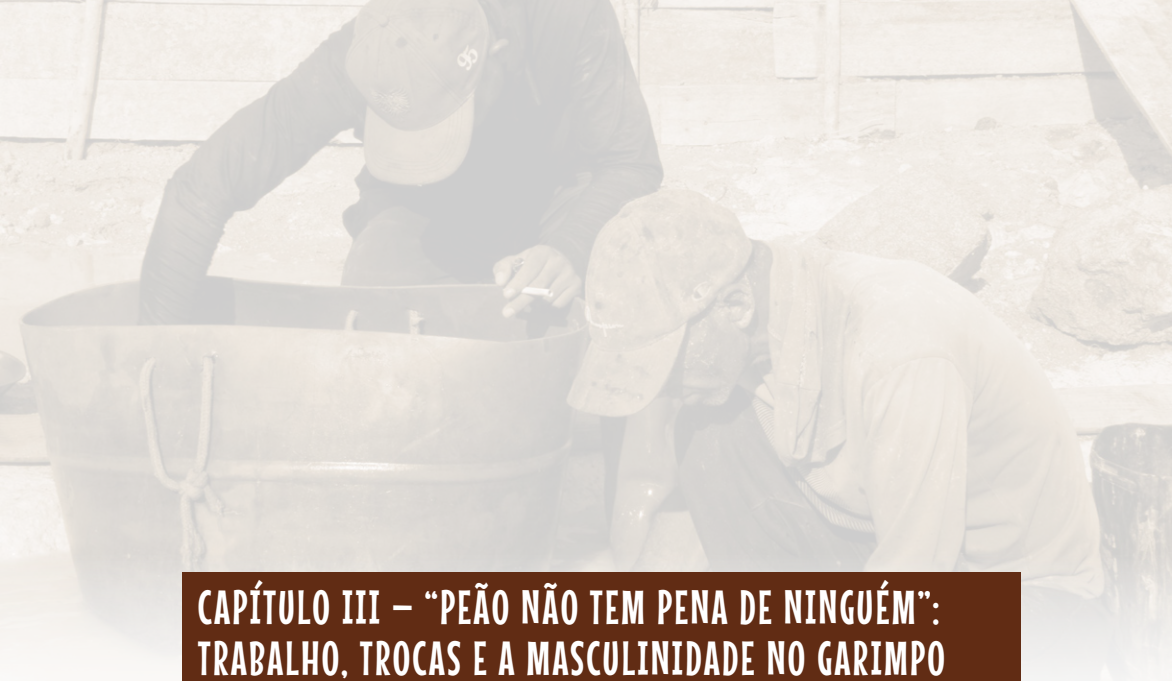
Fonte: foto de acervo pessoal do senhor Paulo Afonso, s.d.

Figura 23: Registro de um leilão de leitão assado.



Segundo o senhor Paulo Afonso, o alimento foi arrematado por cerca de 10 g de ouro.

Fonte: foto de acervo pessoal do senhor Paulo Afonso, s.d.



CAPÍTULO III – “PEÃO NÃO TEM PENA DE NINGUÉM”: TRABALHO, TROCAS E A MASCULINIDADE NO GARIMPO

Neste capítulo, analiso por meio da memória social e do campo imagético das fotografias, como os garimpeiros constroem social e esteticamente a masculinidade no garimpo a partir do trabalho, reciprocidade nas relações de trocas morais e mercantis elaboradas sob a prática do consumo conspícuo. Pontuo que o conjunto das lembranças narradas por esses trabalhadores ofertam outras possibilidades analíticas pela complexidade e heterogeneidade das configurações sociais apresentadas sobre a garimpagem, como por exemplo, os processos de violência, as migrações dos trabalhadores e a garimpagem como projeto e campo de possibilidades para milhares de homens.

Elejo as relações de trabalho e das trocas elaboradas por meio do consumo conspícuo para pensar a elaboração da masculinidade como fio analítico por se apresentar como hegemônica nas relações no garimpo, construída e reconstruída por meio das vivências interacionais no cotidiano. Identifico a masculinidade nesse contexto como capaz de estruturar uma série de comportamentos, práticas, posturas desses atores, principalmente no campo do trabalho e no modo como percebê-lo e constituir-lo, bem como no âmbito da reciprocidade constituída na relação de trocas, que apresentou sociabilidades específicas entre o grupo social.

1 “Um fela da puta desse não vivia no garimpo, não!”: coragem, sofrimento e a constituição da imagem de homem viril

“Um fela da puta desse não vivia no garimpo, não!”. Eu e meu irmão crescemos ouvindo nosso pai exclamar tal expressão. Ele a utilizava como reprimenda às nossas condutas, que a seu ver, não condiziam para o comportamento de um homem. Lembro-me que, quase sempre, pai repreendia meu irmão no momento de almoço. Recordo que meu mano odiava verduras e feijão. Não comia de jeito nenhum! Não podia ver tomate ou cebola no prato que ciscava de um lado para o outro e acabava por deixar a comida intacta. Se enxergasse um grão de feijão a lamúria era grande. Pai quando via essas manhas ficava injuriado. Era certo o sermão: “Um fela da puta desse não vivia no garimpo, não! Cabra macho come o que tem. Se fosse no garimpo a peãozada te comia vivinho no tapa. No garimpo ninguém tem pena de ninguém. O cabra está morrendo e os outros peões começam a dividir as coisas dele”.

Essa expressão, utilizada de modo pedagógico por meu pai, liga-se a outra que por vez ou outra era proferida pelos garimpeiros: a de que “no garimpo o cabra tem que ser macho”. Ambas carregam em sua estrutura a mesma significação: a da existência de um tipo de ideal masculino para atuar nas interações cotidianas no garimpo. A primeira informa sobre os comportamentos não aceitos e as consequências estigmatizantes caso o ator direcione-se para tais práticas. A segunda, comunica sobre o modo de como portar-se idealmente para manutenção, aceitação e aquisição de prestígio social perante os pares.

Os relatos dos garimpeiros nos permitem identificar no garimpo a identidade masculina como hegemônica, um lugar simbólico partilhado como ideal entre os homens (Oliveira, 2004). Tal modo identitário, disposto na estrutura social da garimpagem, se reproduz nos corpos, como por exemplo, aguentar sem pestanejar o sofrimento do trabalho pesado, na divisão social e sexual do trabalho em que as mulheres não garimpam, ou mesmo não ocupam funções para além da condição de cozinheiras ou esposas dos trabalhadores, nas interações cotidianas entre os homens para manutenção de prestígio social, enfim, no *habitus* dessa organização social, funcionando como norte para as percepções, pensamentos e ações desses agentes (Bourdieu, 2002).

Badinter (1993) pontua que a identidade masculina é construída em oposição ao feminino e é baseada numa pedagogia da virilidade que se pauta na necessidade de constantes provas para o distanciamento dos caracteres da mulher. Esse aprendizado é reiterado nos ritos cotidianos e para ser conquistado

o homem trava tensões contra si próprio, com implicações de dores físicas e emocionais ao corpo, porém com o dever desprezá-las sob infortúnio de desvirilizar-se, que nada mais é que a subjetiva aproximação ao gênero feminino.

Para Oliveira (2004, p. 246) a identidade é uma fantasia continuamente reiterada durante as vivências cotidianas. Prescrita de modo idealizada sob o véu coletivo, a busca ou manutenção positiva da identidade demanda dos agentes práticas, condutas, comportamentos baseados em parâmetros disponíveis socialmente. A identidade de “cabra macho”, ou seja, ser aceito como homem no garimpo em seu caráter hegemônico, solicita dos garimpeiros comportamentos, muitas vezes sacrificantes que são constantemente comprovados nas vivências interacionais masculinas perante as relações com os pares. O conceito de vivências interacionais é delineado por Oliveira (2004) como interação entre agentes guiadas por um significado social estruturador para as identidades, “que é masculinidade, constituída, no e pelo social como lugar simbólico de sentido estruturante” (Oliveira, 2004, p. 248).

Nesse espaço, a masculinidade se reproduz como um poder simbólico (Bourdieu, 2002) que serve de instrumento de dominação para os hegemônicos e de inculcação para os dominados. O poder simbólico disponível aos homens garimpeiros deve ser exercido sob pena de estigma social caso seja abnegado. A masculinidade ideal é revestida por uma ética da virilidade e um código tácito de honra masculina que cobram posturas de coragem física, moral, generosidade, resistência, liberdade, produtos que constituem em aprendizado admitidos e reconhecidos pelos membros e tornados como lei social a serem seguidos e que guiam as formas de relacionamento entre os gêneros (Bourdieu, 2002, p. 63):

João: Eu tenho um dizer assim, o cabra quando tá aqui ele é um caboco manso, pode ser bem mansinho, mas quando ele chega lá dentro ele fica brabo.

Babi: O cabra que passa de três anos sem baixar ele fica brabo

João: Não sei o que é que cutuca nele. E fica valente mesmo, moço.

Babi: eu conheci um no Crepori, mansinho rapaz. Voltei para o Arariquera depois de muitos anos, ele trabalhava com draga. Rapaz, esse homem estava brabinho. Um dia ele matou um dos cabocos lá e tirou o “fato” [tripa], para jogar na água e não boiar (Babi e João Maranhense, 2017).

A conversa entre os garimpeiros Babi e João Maranhense nos informa sobre o processo de socialização e interiorização da noção ideal, em suas variáveis

possibilidades de interpretação, pelos atores de como portar-se como “cabra macho” no garimpo. No caso relatado, os senhores refletem sobre a encenação da masculinidade do homem nas regras e interações produzidas na cidade e de como este reproduz suas práticas no contexto garimpeiro. Quando João Maranhense diz que na cidade o cabra é manso, nos comunica que não tem a necessidade de demonstrar os atributos de valentia, coragem, *brabeza* como no espaço garimpeiro, em que tais predicados são importantes e distintivos para a produção da imagem masculina.

Para Bourdieu (2002) a honra masculina se apresenta como um sistema de exigências de posturas ancoradas sob estruturas sociais que assinalam sobre a condição masculina poder, mas também como um dever que requer sacrifícios para a manutenção da condição de homem de honra, daí a masculinidade viril no seu *status* idealizado ser edificada de maneira relacional, sob a condição de medo do feminino e em constantes provações diante de outros homens e para outros homens.

Neste aspecto, a reflexão de Kimmel (1998) torna-se importante para a compreensão do modo de como se relacionam as masculinidades no contexto garimpeiro. Evidencia que as noções sobre as masculinidades são construídas historicamente e variam de cultura para cultura, distinguem-se no tempo, no espaço e mesmo na trajetória social individual do ator. Kimmel (1998) destaca que esse conceito possui significados históricos e que a sua noção hegemônica se produz em relação às masculinidades subalternas; aquelas que não se enquadram idealmente na condição normativa para o ser homem no meio social e que essa maneira de produção faz com que as masculinidades sejam construídas sob dois aspectos inter-relacionados nas relações de poder: entre os gêneros homem e mulher, o que conduz a desigualdade de gênero, e nas relações dos homens com outros homens, desigualdades baseadas em hierarquias, raça, etnicidade, sexualidade e raça.

Os autores Connell, Messerschmidt (2005) destacam que a masculinidade hegemônica se diferenciou das outras possibilidades de masculinidades, principalmente das subordinadas e que do ponto de vista estatístico, poucos são os homens aptos a enquadrarem-se nos preceitos dessa concepção hegemônica masculina. Todavia, mesmo não sendo numericamente exercida, ela é normativa, pois “incorpora a forma mais honrada de ser um homem, ela exige que todos os outros homens se posicionem em relação a ela e legitima ideologicamente a subordinação global das mulheres aos homens” (Connell; Messerschmidt, 2005, p. 245).

No contexto garimpeiro, as rupturas à imagem de “cabra-macho” solicitam ações para o reestabelecimento da estima perante o grupo, mesmo que sejam ações violentas. Exemplifico a argumentação teórica de Bourdieu (2002), Oliveira (2004) e Badinter (1993), sobre o modo relacional de constituição da virilidade e como o masculino se relaciona por meio de violências físicas e simbólicas como modo de distanciamento do feminino no garimpo a partir da expressão narrada pelos garimpeiros: “rodar-peão”.

Tedesco (2014, p. 209) ao analisar como transcorre a prática do rodar-peão a percebe “como interdição máxima no código de conduta que orienta o bom relacionamento entre homens e mulheres”. As narrativas informam o rodar-peão como a quebra de contrato entre homens e as mulheres prostitutas dos cabarés das corrutelas. Caso tenha ocorrido acerto de contrato prévio de encontro entre um garimpeiro e uma mulher, aquele que porventura descumpra a negociação é imputado a arcar com todas as despesas da parte em prejuízo.

Porém, quando o descumprimento parte do homem a pena é somente de cunho financeiro, este será imputado a pagar todo consumo da mulher naquela noite. Já quando a quebra de laço parte da mulher é acionada a expressão “rodar peão” e o peso punitivo é muito mais árduo, pois, em muitos casos, há castigos físicos ou mesmo subtração da vida dessa mulher que incorre em tal interdição.

O relato do senhor Alonso explicita como procede aos acordos entre mulheres e homens nos cabarés das corrutelas e como se dão as sanções e as rupturas destas negociações, ou seja, descreve como são acionadas condutas violentas para reestabelecimento do prestígio masculino diante dos outros homens:

Nós estávamos dentro do garimpo, tinha aquelas mulheres que estavam lá já mais do que repassadas. Aí o cara dizia: “Chegou uma avionada de mulher! Nós vamos ficar até tal hora aqui, vamos combinar logo para o final de semana com a fêmea lá”. Aí subia para corrutela, via lá a mulher que se agradava e dizia: “Olha, vou ficar contigo sábado eu venho para cá. Não fica com ninguém. Pode me esperar que eu venho”. Se ele não fosse, ela não ficava com ninguém e a despesa dela, ele pagava todinha. Era obrigado a pagar. Mas também se ele fosse e chegasse lá e ela tivesse com outro, ele bebia, farreava, pintava saramanta e ela ia ter que pagar a despesa dele todinha. Às vezes ainda pegava um pote, uma cadeia, prisão feita toda com arame, cercada com pau. Socava ela lá dentro, como se fosse um bicho (Sr. Alonso, 2017).

Carlos Matos coloca que, em algumas situações, o “rodar peão” possui a dimensão de *traição amorosa*. Os relatos informam que a ação ganha esse patamar quando a mulher engana um garimpeiro por outro com intuito de maiores lucros ao avaliar que o homem no qual fez o acordo inicial não possui tanto poder de compra ou por afeição afetiva por outro trabalhador. Nessas circunstâncias, há uma forte ranhura e desequilíbrio da honra do peão rodado (o homem enganado) perante o coletivo e o reequilíbrio se dá por ações de violência deste em relação à mulher e ao homem com o qual ela ficou. Entretanto, percebe-se que os atos para se reestabelecer a honra são direcionados com maior intensidade e com violência sobre o feminino:

Eu cheguei um dia no São Domingos, numa boate pequena. Chegou um peão, conversou com uma mulher e saiu com ela para o rumo do quarto. Mas chegaram até a porta porque ela disse que não ia mais com ele. Não demorou, quando voltou ela já estava com outro peão. Ele disse: “Olha, vou lá ao baixão e já volto”. Voltou. Ele veio com uma arma dezesseis milímetros. Quando chegou, ela estava deitada mais o outro peão; ele olhou, viu o pé dela. Ele meteu a boca da “dezesseizena” e atirou. Ela nem gritou. O tiro comeu o pé dela todinho, mas ela não morreu. Quando foi de manhã pegaram ela e a trouxeram para Santarém, mas o pé dela não prestou mais. Tem muita gente ignorante no mundo! Lá, parece que quando o cabra está há muito tempo, ele fica tirado, não sei o que acontece. Pode ser a pessoa mansinha que seja, mas chega ali dentro e passa muito tempo, ele fica irado demais (João Maranhense, 2017).

Nas situações narradas, percebemos como são assimétricas as relações de poder e dominação do homem sobre a mulher no ambiente garimpeiro, sendo o rodar peão a interdição máxima na relação desigual entre os gêneros, em que por meio da violência o homem reestabelece à imagem positiva para outros homens.

Porém, essa distinção transcorre na cotidianidade e demarca papéis sociais e lugares para a permanência e atuação da mulher no garimpo, como na ocupação e divisão social e sexual dos postos de trabalho. A maioria das narrativas remete a figura feminina às atividades adjacentes ao trabalho da produção mineral. A elas são designadas ocupações como cozinheiras, ações domésticas e de prostituição, seja efetivamente como garotas de programa ou donas dos cabarés nas corrutelas. A função de garimpar é exercida estritamente por homens.

É importante situar que as relações entre os gêneros nos garimpos amazônicos, principalmente os garimpos paraenses, que são mais evidentes nas narrativas, difere de outros polos garimpeiros, como por exemplo no estudo

realizado por Bernadette Grossi (2001) sobre garimpos de diamantes e ouro na cidade de Datas, Minas Gerais. Neste trabalho etnográfico, a autora identifica a hegemonia masculina nas relações de trabalho, no entanto, de modo mais fluido, pois há participação efetiva da mulher nas etapas da exploração mineral, podendo garimpar e concorrer a mesma sorte com os homens na busca por pedras de diamantes e ouro, e ainda, participam de modo protagonista na renda familiar com a venda dos minérios apurados.

Essa ação efetiva da mulher na exploração mineral não se identifica nos garimpos paraenses; pelo contrário, a figura feminina, a partir da perspectiva do masculino, é tida como tabu na zona do baixão, o local de extração do ouro, pois creem os garimpeiros que elas atraem azar e sua presença faz com que o ouro suma. A narrativa de Carlos Matos exprime tal cosmologia: “Garimpeiro não aceita mulher na beira do barranco nem com o cão. No garimpo mulher é rapariga ou cozinheira”.

Essa fala já nos traz as exceções da presença feminina e sob quais ocupações são permitidas compartilharem os espaços de extração do ouro. No caso das garotas de programa a vivência se dá de modo transitório e em momentos específicos, geralmente após as jornadas de trabalho do garimpeiro, o que depende também de fatores como a distância entre corrutela e a área do baixão. Já a cozinheira constitui convivência mais duradoura nesse lugar. Enquanto os homens estão nos barrancos elas ficam responsáveis pelas atividades domésticas do barracão, lugar onde exerce seu trabalho e que é o ambiente de descanso coletivo e de alimentação dos homens. À cozinheira é reservado o “fusão”, barraco de lona separado dos garimpeiros, para exercerem às ações da vida privada.

Ocorreram relatos de mulheres que intercambiavam entre a atividade de prostituta nos cabarés das corrutelas e como cozinheiras nos baixões. Em alguns momentos os garimpeiros citavam que devido à convivência mais prolongada com os homens era comum acontecerem aproximações afetivas entre o peão e a cozinheira, que era tida naquele contexto como esposa, circunstância que conferia maior status social ao garimpeiro perante os outros trabalhadores. Neste aspecto, percebe-se como a dominação masculina atravessa todos os espaços ocupados pelas mulheres, e como a dominação é consentida via o argumento de o matrimônio trazer segurança à mulher num espaço de predominância masculina. Os fatos descritos nos permitem também visualizar como as moralidades estabelecem as relações da masculinidade hegemônica com outras masculinidades e entre os gêneros masculino e o feminino conferindo sentido a essas identidades no garimpo.

2 “Papel de homem”: o trabalho como palco para encenações da masculinidade

Para Sócrates Nolasco (1993) o trabalho e o desempenho sexual são as principais referências no processo de edificação do modelo de comportamentos dos homens. O autor considera que o trabalho funciona como ponto de demarcação entre a vida pública e a vida privada, bem como estrutura comportamentos como disciplina, violência, repetição, virilidade que se inscrevem nas subjetividades e são reiterados no cotidiano de modo metódico na vida dos homens.

O trabalho garimpeiro apresenta rituais pedagógicos da masculinidade (Badinter, 1993) que produzem as tensões no homem e que são repetidos por meio das vivências interacionais masculinas (Oliveira, 2002) nos constantes encontros estabelecidos na própria sociabilidade da rotina do trabalho e nos espaços de convivência dos trabalhadores no baixão.¹

Os garimpeiros, ao referenciarem-se a respeito das qualidades subjetivas exigidas para o trabalho na garimpagem as balizam em comparação aos atributos idealizados para a própria identidade masculina, ou seja, somente um “cabra macho” carrega as capacidades possíveis para ser um bom garimpeiro. Essas qualidades são exprimidas em alusão a um sujeito aventureiro sem medo de embrenhar-se na mata com coragem para enfrentar perigos, que não recrudescer ao sofrimento e a solidão, e, ainda possui força para aguentar as rotinas pesadas. Adjacente a esses atributos, encontra-se o elemento liberdade, este narrado com saudade de um tempo em que não se precisava de ordens de ninguém e podia a qualquer tempo ir para onde bem quisesse, a critério da própria vontade e onde fosse possível ganhar dinheiro.

As características do “cabra macho” garimpeiro conectam-se à descrição de homem duro analisadas por Badinter (1993) na obra *XY: Sobre a identidade masculina*. Para a autora, esse modelo ampara-se numa moral estoica que nega sentimentos e encapa o homem em estereótipos e lhe impõe sacrifícios e mutilação de suas propriedades humanas subjetivas. Essa construção de homem duro trata como verdadeiro homem aquele que se distancia dos adjetivos ou qualquer relação próxima à feminilidade e que apresentam

¹ Aqui apresento como relações de trabalho constituídas no espaço do baixão, diferenciado pelos garimpeiros em termos de práticas sociais dos ambientes da corrutela e da cidade, que segundo eles, são reservados ao lazer, diversão e a família. No baixão é onde transcorrem as interações entre trabalhadores, seja nos barrancos durante os processos de trabalho no barranco ou na convivência e descanso no barracão dentro da mata. Ali os homens estão voltados para o trabalho, tanto que em alguns locais estabelecia-se coletivamente a proibição ao consumo de álcool.

qualidades de poder, sucesso, independência, aparenta audácia e coloca-se disposto a correr riscos mesmo que as circunstâncias peçam razão ou o medo lhe indique ação contrária.

Nessa perspectiva, o trabalho representa para o homem garimpeiro tensão e rigidez articuladas no jogo de poder inerentes a essa dimensão social (Nolasco, 1993). Fazem parte desse jogo tensional a busca por sucesso e afirmação social distinta que se inscrevem por meio da competitividade, disciplina e o adestramento do corpo e, principalmente, das emoções. A competição pressupõe disputa e faz com que os homens adotem posturas violentas, seja contra si ou contra os pares para demonstrar posição dominadora. Para o autor, a violência equilibra e desequilibra as relações de poder entre os homens, pois “funciona como dispositivo para manter ou reverter determinada correlação de forças solicitada socialmente” (Nolasco, 1993, p. 61).

No entanto, mesmo com o reconhecimento das estruturas sociais sobre a atuação dos atores, não podemos cair no simplismo de pensarmos que a masculinidade é puramente praticada em determinação a uma força coletiva. Pelo contrário, os homens garimpeiros a todo o momento acionam a capacidade de agência, com motivação e consciência das suas práticas e discursos (Giddens, 2003) para elaborar, sob nuances distintas, a fachada (Goffman, 1995) a partir de leituras do contexto e interação para agirem perante os outros agentes. Portanto, há domínios das práticas para alcançar determinado objetivo dentro do vasto campo de possibilidades das relações sociais garimpeiras e forjar isso que estamos denominando identidade masculina.

Nas conversas com meu pai a respeito dos diversos comportamentos no garimpo, ele me relatou que o peão garimpeiro não pode demonstrar medo frente aos outros trabalhadores. Caso demonstre, será destaque no grupo para chacotas, piadas e gozações de toda sorte. Contou-me que morria de medo do esturro da onça na mata: “É a coisa mais horrível do mundo”, diz ele. Sua vontade durante a noite era de armar a rede o mais alto que pudesse no barraco, mas não o fazia com medo das reprimendas sociais por apresentar tal covardia. “Peão não tem pena de ninguém!”, repetia ele.

A partir dessa lembrança narrada por meu pai, podemos visualizar como os agentes conduzem suas ações de modo consciente diante das disposições possíveis para efetivação das práticas. O comportamento explicitado nos liga também à análise de Goffman (1995), na obra *A representação do eu na vida cotidiana*, para pensarmos a vida social como um palco dramático em que os atores sociais, sob a máscara de um personagem, desempenham papéis nas constantes interações para personagens encenados por outros atores.

Em outros palcos de interação ou cenários, como nos diz Goffman, nos espaços de trabalho, nos bares das corrutelas, nas relações entre homens e mulheres, identificamos várias outras atuações, manuseadas por distintas sociabilidades e de acordo com os projetos (Velho, 1994) dos atores para representação do papel de cabra macho, identidade simbólica e imaginária que norteia subjetivamente a construção das interpretações sociais no contexto das interações.

Para compreendermos de forma mais clara as intenções dos atores em suas representações é importante conhecermos o conceito de fachada de Goffman (1985). Para o autor, fachada é o equipamento utilizado pelo agente, com ou sem intencionalidade, durante sua encenação e carrega infinidade de signos que comunicam ou direcionam os outros atores com quem se está interagindo. A fachada compõe-se desde o cenário, os elementos do ambiente físico, a aspectos como sexo, idade, cor, vestuário.

Goffman (1985) estende o conceito ao que denomina fachada pessoal, este composto pela aparência e a maneira de como o ator se mostra em cena. Para ele, a aparência tem por função comunicar sobre o *status* do ator e sobre seu estado ritual temporário: se está no trabalho ou lazer, por exemplo. Já a maneira informa a respeito do papel de interação que as ações visam a desempenhar com quem se interage. Integram-se a maneira o tom de voz, se mais imperioso ou mais acalantado, se as articulações são arrogantes ou humildes. Esses estímulos, a depender de como são elaborados, influenciam diretamente na relação que se desenvolve em cada cenário.

O senhor Toim nos dá a compreensão de como se articulam distintamente o processo de constituição dos signos que compõem a fachada pessoal para ser percebido como “cabra macho” no contexto garimpeiro. Descreve como no ambiente de trabalho encenava o papel de homem ao controlar seus sentimentos e emoções para suportar o sofrimento do corpo extremamente enfraquecido pelos ataques da malária. Essa postura contrapunha-se a sua aparência frágil de homem pequenino e lhe garantia respeito e reconhecimento sob o título de homem muito trabalhador, qualidade valorizada e reconhecida como positiva entre os garimpeiros:

Não é brincadeira o cara passar o dia todinho, dava malária hoje, passava o dia e a noite com malária, e quando era no outro dia, ia quase se tremendo lá para trabalhar. Mal podia levantar a pá cheia de terra para jogar fora. Então a pessoa para aguentar tem que fazer papel de homem mesmo, porque se não vinha embora logo (Sr. Toim, 2017).

Em outro momento, Toim descreve como manuseava as relações para além do ambiente de trabalho. Diz ele, que no garimpo, ou cabra fica brabo ou manso demais. No seu entendimento, ficou manso. Tornou-se um sujeito calmo. A opção por esta conduta foi estratégia para estabelecer relações menos ásperas e violentas com os outros atores para assim conduzir sua existência com baixos riscos à vida no cenário garimpeiro, reconhecido por ele como extremamente violento:

Rapaz, ou o cabra fica brabo ou fica manso demais. Eu fiquei manso demais e aguentei o tempo. Quem é brabo, começa a querer ser brabo e lá vai. Vai para corrutela onde tem muita mulher, lá entra na bebedeira, e aí onde tem a bebedeira já sabe, de uma hora para outra acontece qualquer problema. Isso tem em todo canto (Toim, 2017).

Sr. Toim era reconhecido e respeitado por ser muito trabalhador. Essa qualidade ele mesmo faz questão de externar nas suas narrativas. Porém, a maneira de sujeito manso, alguém que releva situações para evitar conflito, em algumas circunstâncias, comunicava a outros que poderiam ludibria-lo sem consequências mais graves constantemente praticadas no contexto do garimpo, principalmente, quando se afeta os aspectos viris ideais da honra masculina.

No relato abaixo, Toim explicita situação na qual estava sendo enganado por outro garimpeiro que lhe havia solicitado empréstimo para prospectar um barranco. A promessa era que o pagamento seria efetuado quando terminasse o serviço e apurado o ouro. Porém, conhecendo a postura não conflituosa de Toim, a pessoa que lhe pediu empréstimo pretendia enganá-lo e não pagar o devido. A cada encontro encenava uma desculpa. Segundo Toim, não iria forçar o recebimento, porém, em certa ocasião, outro garimpeiro e também pistoleiro² conhecido, presenciou uma dessas tentativas de ludíbrio. Ele tomou as dores de Toim por reconhecer nele os atributos de homem sofredor e trabalhador e que não poderia ficar em prejuízo. Sacou a arma da cintura, a pôs na boca do homem e, sob ameaça de morte, lhe ordenou que pagasse a dívida e não retornasse mais naquele garimpo. Assim foi feito:

2 No garimpo é termo dado as pessoas que matam outras pessoas por dinheiro. Em outros contextos conhecidos como assassinos de aluguel.

Uma vez eu emprestei um ouro lá para um cara, ele disse: “Toim, me empresta um ouro, que quando eu tirar meu barranco eu te pago”. Eu emprestei. Ele foi tirar o barranco dele. Tirou. No dia que ele tirou, eu fui lá com ele. “Porra, Toim, terminei o barranco, mas eu já comprei minha passagem para Itaituba, tenho ouro aqui que dá de te pagar, mas eu não queria te pagar hoje. Eu vou lá em Itaituba e quando eu voltar e tirar outro barranco eu te pago”. Por mim, eu não ia brigar com ele nem nada. Ia ficar na minha. Vinha um cara lá e escutou a conversa. Disse: “E aí, Toim, o que está pegando contigo?”. Ele era desses cabras perigosos. Eu disse para ele: “Nada!”. Ele falou: “Rapaz, bem dali eu escutei um negócio, o cara está te devendo ouro...”. Eu digo: “Está. Mas ele já conversou comigo aqui que vai Itaituba e quando voltar, tirar outro barranco, ele me dá o ouro”. Rapaz, ele arrastou o trinta e oitão e colocou bem na boca do cara e disse: “Olha, nem mexe com os beiços em dizer que não, pesa esse ouro já-já para o Toim. Esse é um cara sofredor, trabalhador. Olha o tamanho do homem. Você vai pagar o ouro dele é agora! Você tem ouro aí. Pode pagar antes que eu lhe mate já-já”. Rapaz, pois ele pagou mesmo. “E dê na mão dele!”. Ele botou no papel lá, dobrou e botou na minha mão. Rapaz, mas eu estava me tremendo. Eu digo, meu Deus, agora esse homem vai embora para Itaituba e quando ele voltar vai pensar que foi eu que chamei esse cabra para fazer isso e ele não vai atrás do cara, vai atrás é de mim. Rapaz, eu fiquei com um medo tão grande. Quando o avião saiu eu disse para o cara: “Rapaz, para que tu fez aquilo. Eu hoje não vou dormir pensando na volta daquele cara. Ele só vem me matar, pensando que foi eu que te chamei para tu fazer aquilo. Ele disse: “Não tenha medo, não”. Ele foi lá no rádio amador, chegou e falou: “Olha, vai chegando um avião aí com um garimpeiro assim e assim. Esse garimpeiro não é para voltar mais para esse garimpo porque ele ia se sujando aqui. “É sujo”. Ele não voltou para lá mais não. Graças a Deus quando eu soube que ele foi para outros garimpos, fiquei descansado. Só porque ele via meu esforço. Ele era um cara perigoso mesmo, para dar um tiro num não dava trabalho, não. Só que ele via as pessoas que mereciam. Porque aquele cara não ia me pagar de jeito nenhum, graças a Deus passou tudo em paz (Toim, 2017).

Nas memórias do senhor Toim é possível identificar a elaboração de fachadas distintas em cenários diferentes. Ele mesmo, no espaço de trabalho manuseia ações contrárias à própria saúde ao decidir trabalhar e superar o sofrimento do corpo debilitado devido à manifestação da malária. Essa postura lhe entregava reconhecimento de parte dos outros parceiros de trabalho. Já em outros cenários, em outros processos de interação, pautado em uma maneira mansa de interagir atuava com a intensão de não gerar conflitos em

circunstâncias que comumente se resolveriam por esse caminho, como por exemplo, na situação do calote. Percebemos, portanto, a partir das encenações de Toim como são acionados e manuseados os atributos da identidade ideal de cabra macho, homem viril, apontada no conjunto dos discursos como importantes para o ser masculino no garimpo.

Em relação ao pistoleiro que saca a arma e obriga o outro a pagar o que deve, percebe-se um tipo de fachada pessoal que aciona os caracteres ideais de homem duro, corajoso, que não se importa com a própria vida, em que sua honra interna não aceita injustiças, mesmo sendo ele matador. Sua ação em defesa de Toim foi pautada no reconhecimento de que homem trabalhador e sofredor na vida não devem ser enganados e com base na violência e senso de justiça pessoal, não deixou aquele franzino senhor ser caloteado. Daí aciona da violência para demonstrar poder.

Nas narrativas seguintes, dos garimpeiros Alonso e Jovêncio, identificamos o atributo liberdade como importante motivador no processo de escolha da faina garimpeira e manutenção dos homens no garimpo. Essa característica se agrega aos adjetivos da identidade ideal masculina (Bourdieu, 2002; Badinter, 1993; Oliveira, 2004) e é encenado pelos atores através da apresentação de homem aventureiro, que não deve satisfações a ninguém, além da vontade própria.

Jovêncio relata justamente isso: “garimpeiro é livre: ninguém manda nele; vai e faz o que quiser”. Lembra o motivo que o fez parar com a garimpagem se deu porque era exigente no trabalho. Os outros parceiros saíam para corrutela, bebiam e não estavam dispostos para a labuta no dia seguinte. Ele não aceitava tal comportamento. Conta que numa dessas situações chamou atenção de outro garimpeiro dizendo que não poderia prejudicar o trabalho porque ali era uma atividade coletiva. Se ele não trabalhasse a produção ficaria comprometida. O colega de trabalho ofendeu-se, pois, sua justificativa era de ser sujeito livre para trabalhar no dia em que bem entendesse e jurou de morte o senhor Jovêncio. Dada essa confusão e, para evitar maiores problemas, optou por aposentar-se do ofício de garimpeiro e ganhar a vida como açougueiro na cidade de Santarém.

A noção liberdade explicitada nos discursos como a não necessidade de um vínculo empregatício sob uma estrutura formal de trabalho e, na qual, o homem garimpeiro depende apenas de si e da sorte para produzir seu ganho, além de ser livre para procurar a qualquer momento outro espaço de trabalho que lhe possibilite e amplie sua produção, é vivificada como marcador importante para os homens garimpeiros, porém quando narram episódios vividos a liberdade é apresentada de maneira ambígua.

Algumas lembranças diluem essa concepção, pois denotam a proibição de retorno ou saída do garimpeiro do espaço de extração antes do pagamento de dívidas ao proprietário das cantinas ou ao patrão, o dono do garimpo. O garimpeiro Alonso, paraense, 53 anos, relatou dois episódios vivenciados, um no garimpo Canta Galo, no Tapajós e outro no garimpo Cara Preta, região do Amazonas, no qual teve sua liberdade cerceada.

No primeiro, em poucos dias de trabalho contraiu malária e com dificuldades de cura foi pedir ao dono da área extrativa o retorno para cidade, no entanto, estava devendo e seu pedido foi negado.¹ Só pôde sair quando pagou a dívida trabalhando mesmo enfermo:

Ai eu tive que tomar o remédio mesmo e ficar lá me tratando da malária. Nessa época, eu estava devendo muito lá, aí fui pedir para eles me darem meu retorno para eu vir embora para Santarém. Eles responderam pra mim: “Peão morre aqui, mas não sai devendo!”. Eu disse: Então tu tem que dar um jeito aqui para eu pagar essa conta. Eles disseram: “Então tu trabalha aqui até a hora dela chegar”, a malária. O frio, a febre. Eu trabalhava todo dia até dez horas da manhã. Fui, fui e paguei a conta (Sr. Alonso, 2017).

No segundo, o dono do garimpo Cara Preta, região do Amazonas, contratou uma leva de trabalhadores na cidade de Santarém para levá-los para trabalhar na sua área de produção. Alonso conta que ao chegarem ao local houve quebra do que fora prometido na cidade e tentativa de forçar os trabalhadores a realizarem trabalhos não contemplados no acordo inicial, como submetê-los ao trabalho na juquira.² Segundo Alonso, o grupo não aceitou tal situação e como castigo à insubordinação fora encaminhado à exploração de

1 Em relação à dívida adquirida e a impossibilidade de retorno sem antes de quitação do débito indica que algumas relações econômicas no garimpo são providas via o sistema de avimento, que segundo Aramburu (1994) é um sistema de adiantamento de mercadorias a crédito tradicionalmente praticado na Amazônia, sendo uma relação social essencial no interior amazônico, porque não só viabiliza uma relação comercial, “mas constitui relação de poder sujeita a uma moralidade que dispõe prescrições morais de ajuda aos fregueses em casos de perigo troca (doenças, carestias) de uma relação comercial monopolista” (Aramburu, 1994, p. 33).

Ao compararmos a prática do avimento na atividade garimpeira com a executada em outras frentes produtivas, percebe-se variações no modo de aplicação. Por exemplo, na economia da balata analisada por Carvalho (2013), o patrão aviava aos balateiros desde alimentação aos equipamentos de trabalho e estes tinham que pagar esses itens via o saldo da produção. Já na garimpagem, a extração do ouro não depende diretamente do crédito aviado aos trabalhadores, pois as despesas com equipamentos e alimentação nas zonas de trabalho são custos de responsabilidade do patrão, o dono da área extrativa, que em muitos casos, é dono também de pequenos aviões que fazem linha entre os garimpos e a cidade, e das cantinas, mercado com diversificados itens de consumo instituídos nas corrutelas.

2 Trabalho de retirada da mata secundária para efetuar plantação.

ouro na mata. Como exploração faz parte das etapas da atividade garimpeira os trabalhadores decidiram por aceitar.

Porém, após meses de labuta e baixíssima produção, e dado ao fato do dono da área ter fama na localidade de “matador de peão”, os trabalhadores arquitetaram fuga pela floresta. Devido a um erro de entrada em um ponto da trilha e a caminhada noturna, ficaram perdidos e a viagem que fora pretendida para três dias de “varação”³ durou onze dias, proporcionando sofrimento e situações dramáticas a todos:

Eu era animado para negócio de garimpo. Quando chegou lá ele disse: “Aqui é o seguinte, peão tem que fazer o que eu quero. Quero que vocês broquem”. Aí nós reunimos a equipe e decidimos que ninguém iria para juquirá, não. “Então vocês vão cair na mata pra explorar”. “Pra explorar nós vamos, mas pra juquirá, não”. Nós saímos, entramos lá há uma faixa de uma hora, hora meia da corrutela. Achamos uma baixãozinho e fizemos uma prancheta. Fagulhou alguns fagulhos⁴ de ouro. Um dos peões disse: “Rapaz, nós vamos ficar aqui”. Nós ficamos lá. Trabalhamos uns foi meses, três meses, mas deu praticamente cego. O trabalho que nós estávamos tendo, não estava tendo êxito. No final da história, nós fomos alimpar o ouro. Rapaz, não dava dez gramas pra cada um... e dois meses de serviço. Eu disse: “Rapaz, é o seguinte: nós vamos embora, cara. Ninguém vai dar nada pra esse cara, não. Vamos é fugir”. Nós nos preparemos pra fugir; nós arrumamos tudo; programamos tudo pra fugir.

Ninguém dormiu à noite, preocupado com medo de o cara chegar. Estávamos espantados, sobressaltados o tempo todo. Quando deram cinco horas da manhã eu disse: “Matias, manda o cara levar a gente, já está clareando o dia. Aí ele mandou o cara. Nós fomos. Mas nós não podíamos andar de dia, só podíamos andar pela noite. Porque já estavam atrás, né. O dono do garimpo já estava atrás. E nessa de andar de noite, nós nos perdemos. Era para três dias a varação dependendo de onde o cara tivesse deixado nós, mas nós nos perdemos. Não conseguimos varar com três dias. Tinha um esquema lá. Se não varasse com três dias a onça tinha comido ou então a malária tinha matado. Era uma região de montanha, subindo e descendo. Nós não sabíamos se nós estávamos indo ou estávamos voltando. Só sei que nós estávamos era perdidos...

Dormíamos trepado. Teve umas noites lá que era época de inverno,

3 De acordo com os garimpeiros vara, varação significa o deslocamento de um ponto a outro, de um garimpo para outro, em caminhada, por dentro da mata.

4 Crãos de ouro. Zé Luiz comparou um fagulho de ouro ao olho de um mosquito.

dava aquele torozão⁵ e nós estávamos lá cima, na copa dos açazeiros na rede. Torozão começa assim com relâmpago, trovão. Aquele relâmpago pegava na guia da castanheira e vinha como se fosse um machado, sei lá. Dava na guia e vinha até na raiz. A mata passava uns cinco minutos em claro, claro que parecia uma luz fluorescente. E tome água e água. Nós descíamos de lá e ficávamos um do lado do outro num rabo de jacu.

Foi que em onze dias, nós escutamos um tiro. Esse tiro foi numa faixa de dez horas da manhã, mas muito longe. Nós metemos peito. Nós passávamos por cima de aningal, por cima de espinho, por cima de tudo, não desviava o rumo. É por aqui, é por aqui mesmo. Eu com febre, com frio dentro dos igapós, dentro do aningal. Sei que quando deu umas quatro horas da tarde, varamos onde o cara tinha atirado. Quatro horas da tarde. Estava a marca dele lá de Kichut. E ele escutou os gritos. Agora não sei o que ele pensou daqueles gritos. Nós nos abraçamos, choramos de alegria (Sr. Alonso, 2017).

Nas lembranças explicitadas pelos senhores percebemos que as construções e manuseio dos adjetivos ideais da identidade masculina não são acionados para qualquer homem no garimpo, mas sim para os iguais sociais (Almeida, 2018). As situações narradas distinguem-se justamente nesse campo. No primeiro caso, a relação se dá entre iguais, fator que possibilita ao garimpeiro parceiro de trabalho de Jovêncio requerer da violência para reequilibrar a relação tensionada pela ação de tentativa virtual de afetar o valor liberdade tão caro e componente da honra dos homens no garimpo. Para tal, prometeu de morte Jovêncio por ter-lhe chamado atenção para ser mais presente no trabalho. Por outro lado, Jovêncio optou por não entrar em conflito e distanciar-se do ofício da garimpagem para não morrer e nem matar.

No relato do senhor Alonso identificamos a relação entre homens não-iguais em termos de poder na estrutura social garimpeira. Nos discursos verificam-se demarcações hierárquicas entre os trabalhadores e o dono da área de exploração, tratado genericamente como patrão. Nos dois episódios Alonso teve sua liberdade cerceada. No primeiro caso, devido a dívidas não poderia sair do lugar antes de quitá-las. Para isso, trabalhou arduamente doente de malária. Na segunda situação, sua estratégia foi fugir a enfrentar o dono do garimpo, o que do ponto de vista da relação entre iguais sociais seria amplamente vexatório para sua honra e respeito entre os pares no contexto garimpeiro.

5 Chuva muito forte.

Neste tópico, vimos como o trabalho serve como espaço de vivências e construções de sociabilidades para reafirmação da identidade e valores viris da masculinidade. No garimpo, o *status* ideal de sujeito homem é representado pela concepção de "cabra macho" que se conecta a caracterização de homem duro (Badinter, 1993): aquele capaz de suportar sofrimento, solidão, é corajoso e aventureiro. Identificamos nas perspectivas teóricas que a idealização da figura masculina produz estereótipos a respeito do portar-se como homem e tensão nas relações para provar constantemente a masculinidade perante os pares. Porém, por meio das memórias das experiências vividas dos garimpeiros, identificou-se que os aspectos, atributos da masculinidade são encenados (Goffman, 1985) de maneira distinta pelos atores sociais a depender das suas intenções e objetivos. Foi pontuado ainda, que as práticas masculinas são pensadas e articuladas para iguais sociais em termos de poder na hierarquia social do garimpo, portanto, as reiteraões da masculinidades não são direcionadas para qualquer homem e sim para os que estão em simetria de relações.

3 “O importante é parecer bamburrado”: masculinidade, lazer e reciprocidade nas relações de consumo conspícuo

O objetivo neste ponto é analisar as moralidades envolvidas na reciprocidade das práticas de consumo conspícuo entre os homens garimpeiros no âmbito do lazer. Vislumbra-se compreender como nessas relações os garimpeiros exteriorizam os signos da identidade masculina no garimpo, bem como refletir os valores simbólicos atribuídos aos bens usufruídos.

A memória coletiva (Halbwachs, 1968) dos trabalhadores revela como lugares de lazer, principalmente os prostíbulos, bares e festas das corrutelas e das cidades de Santarém e Itaituba, em que a maneira se gastar era fundada sob o paradigma da ostentação com exagerado consumo de bebidas, com mulheres de programa dos cabarés, roupas distintas, exibição de carros e o uso ostensivo de ouro pelo corpo.

Barbosa e Campbell (2006) destacam que qualquer sociedade faz uso do consumo para reproduzir-se física e socialmente. Os autores pontuam que os bens consumidos saciam as necessidades biológicas ao mesmo passo em que demarcam status social, distinção entre grupos, pessoas e auxilia no processo de constituição da subjetividade, da identidade e pertencimento social, enfim, orienta modos de sociabilidade e conduta dos atores nos variados contextos.

Campbell (2006, p. 49) acredita que nas sociedades modernas o ato de consumo é movido muito mais por sentimentos e emoções manifestado pelo desejo do que pela pura e simples satisfação das necessidades práticas baseada num calculismo racional, como por exemplo, o usufruto de bens para a subsistência física ou o consumo coletivo. Para o autor, os valores individualistas estão na base ideológica do consumo moderno e é legitimado pelas escolhas enraizadas na *self* dos atores sociais.

Esse apontamento nos permite, de algum modo, refletir as moralidades envoltas sobre a reciprocidade do consumo conspícuo nos momentos de lazer, pontuado pelos atores como momento antagônico ao do trabalho. Para Smet, Tedesco e Theije (2012) o conceito de consumo conspícuo auxilia na compreensão da relação entre homens e mulheres no garimpo, como também a respeito do significado de homem para os garimpeiros, pois segundo as autoras, esse aspecto de usufruir e promover gastos é motriz na cultura garimpeira.

É importante destacar que se olharmos para os garimpeiros a partir de um ponto de vista externo e guiados por uma leitura calculista suporíamos que seus hábitos de consumo girariam em torno de bens úteis e o acesso ao lazer se limitaria a práticas discretas e pouco ostensivas, pois no bojo das diferenças de classe enquadram-se ao operário. Todavia, o que se vê é o oposto. Os relatos dos gastos nos bares, com farras, mulheres, armas e bebidas são extremamente extravagantes a ponto, por exemplo, de se mandar fechar as portas do bar e assumir todas as despesas da noite em festa privada com pessoas desconhecidas.

Nesse ponto, é importante trazer à baila o pensamento teórico a respeito da classe ociosa traçado por Thorstein Veblen (2000). O autor diferencia os hábitos da classe dos trabalhadores, os sujeitos que se ocupam das atividades produtivas, e os da classe ociosa, os que detêm os meios de produção e enxergam o trabalho produtivo como de baixo valor. Para Veblen (2000) entre os trabalhadores os valores do trabalho como força, produção, coragem, são os pontos orientadores do status e prestígio social coletivo e suas preocupações emulam em torno da subsistência. Já para os membros da classe ociosa, além de perceberem o trabalho prático como desonroso, utilizam do mecanismo do consumo conspícuo evidenciados via o acesso a bens simbólicos do lazer, da educação, dos títulos sociais, da moda, das artes, dos itens de luxo para lhes servir como parâmetro para um estilo de vida e de distinção às classes inferiores.

No entanto, tantos os valores produtivos quanto à distinção pelo consumo conspícuo são apropriados pelos garimpeiros como marcadores de identidade e

construção de prestígio social. Como vimos anteriormente, há a valorização dos aspectos do trabalho e o respeito tomado pelo reconhecimento da associação ao garimpeiro como trabalhador, forte, viril, ao mesmo passo que o manuseio do consumo conspícuo como recurso para o reconhecimento social entre os pares no contexto garimpeiro e nos ambientes externos, como por exemplo, nas sociabilidades articuladas no espaço urbano.

As memórias de Toim trazem experiências concretas das práticas de consumo dos homens garimpeiros nos bares das corrutelas:

[...] Conheci um garimpeiro que fazia farra com ouro. Dei conselho demais. Quando eu montei esse barzinho lá, ele foi um dos beerrão do meu bar, Zequinha o nome dele. O pai dele era dono do posto onde parava as voadeiras. Ele gastava demais. Eu e minha mulher, que já estava lá nesse tempo, dizíamos para ele: “Zeca, tu gasta demais, rapaz. Se tiver trinta, quarenta, cinquenta... bebe tudo a tua custa e tu só fazes mandar somar as contas das mesas e paga tudo”. Ele pagava mesmo (Toim, 2018).

Diante das experiências apresentadas a respeito da maneira do garimpeiro relacionar-se com o dinheiro, percebe-se a não conexão ou a não preocupação em perseguir a lógica ocidental capitalista do acúmulo de riquezas, e nos incide buscar resposta para a seguinte questão: quais os sentidos, os mecanismos, as moralidades e as intenções empregadas pelo trabalhador do garimpo, que atua numa atividade reconhecidamente perigosa, penosa e operacional, aciona para promover o consumo conspícuo nas situações em que define como lazer?

4 “O bamburro”: dádiva e a agência do ouro

Antes de explorar análise das relações de reciprocidade a partir das condutas de consumo, é preciso traçar entendimento a respeito da categoria nativa bamburro como noção de dádiva (Mauss, 2003) ao processo de encontrar ouro. Tal percurso nos serve como linha guia compreensiva das maneiras em que determinados bens culturais e simbólicos são adquiridos no garimpo.

A relação reciprocidade voltada para o ouro gira em torno da dimensão do presente dado aos deuses analisado por Mauss (2003). A explicação dada pelos garimpeiros ao bamburro denota ao ato de achar quantidade de ouro suficiente para enriquecer. Muitas vezes o bamburro se dá em um único

barranco de extração numa ação de sorte, noutras ocorre no processo de acúmulo em diferentes estratégias comerciais para adquirir o metal, como por exemplo, atuar de modo conjunto na venda de mantimentos, transporte de aviação, compra e venda de ouro e na exploração do minério nos barrancos ou balsa. As referências para quem se tornou rico no trabalho de garimpagem são apresentadas por meio da expressão “Fulano bamburrou ou é bamburrado”. Portanto, estar bamburrado, como dizem os garimpeiros, significa momento de riqueza financeira e todo um arcabouço de alto prestígio social ao ator que se encontra em tal condição.

Marjo de Theije (2008) em análise dos aspectos da cultura garimpeira e religião nos garimpos da Pan-Amazônica, percebe um rico imaginário e diversas crenças sobre natureza do ouro. A autora pontua sobre os altos sacrifícios do duro trabalho da garimpagem no processo de extração aurífera, porém destaca que somente a dedicação do trabalhador não lhe garante prosperidade, pois para tornar-se rico, para bamburrar, é preciso estar com sorte.

Os discursos dos garimpeiros entrevistados descrevem que encontrar ouro não depende somente do labor técnico ou da perícia, do saber ou mesmo experiência do garimpeiro. No processo estão envolvidos crenças e o reconhecimento coletivo de que o ouro não é um mero produto de valor mercantil, pelo contrário, a ele é significado mistério, encantamento e a capacidade de manifestar vontade, pois possui um espírito, um *hau*⁶ como diria Mauss (2003), e por meio da sua agência tem o poder de escolha de quem quer que o encontre nos veios da floresta. Tedesco (2015) percebe o elemento sorte como fator que dá centralidade a personalidade do ouro como ser animado e com capacidade de decisão de quando, quem e como o garimpeiro irá ou não obter o bamburro.

A narrativa do ex-garimpeiro Cícero, filho de seu Napoleão, aponta para o ouro como metal encantado conectado ao acontecimento bíblico do dilúvio. Ele crê que o minério se transporta, de acordo com sua vontade, por debaixo da terra, ora está em um lugar, ora noutro. Usa esse raciocínio para explicar o fato recorrente, porém misterioso, de garimpeiros bamburrarem em terras que já foram prospectadas em momentos anteriores por outros homens:

O minério tem os encantos dele. Só para te ter uma ideia, teve terra que já foi repassada cinco vezes. O processo de lavagem da máquina, isso não fica nada. O cara está lá de hora em hora passando a bateia. Tem nego que repassa ali e não tira nem para despesa. Vem outro e

6 Na descrição de Mauss em ensaio sobre a Dádiva (), o autor define o *hau* como espírito dos objetos e da natureza.

bamburra do nada onde fulano já passou. Ele é minério. Eu acho que ele viaja, anda. Não fica só, para ter uma ideia, a gente não sabe as histórias que os antigos contam aí que o ouro era na flor da terra, no tempo de dilúvio. Aí o dilúvio fez o derrame das montanhas e cobriu aquele ouro. Por isso que eu digo, tem um negócio no meio disso aí. O cara tira, mexe com aquelas terras todinha e depois vai lavar a mesma terra que não deu nada arruma ouro e enrica. Aconteceu demais isso, com muita gente (Cícero, 2019).

Para corroborar com esse rico imaginário pontuado por Theije (2008) a respeito do ouro, trago a reflexão do senhor Paulo Afonso, também recorrente nas narrativas dos outros interlocutores, sobre a riqueza do ouro ser amaldiçoada, daí explicar a situação de grande parte dos trabalhadores não conseguirem estabilidade financeira com a garimpagem, apesar de em momentos anteriores, terem possuído quantidade do metal suficiente para estarem em melhor condição. O senhor Paulo narra diálogo com outro garimpeiro, mais velho, em que denota a maldição do ouro ao ato de se pôr fogo no metal, associando essa ação, numa perspectiva ritual, a tudo que se põe fogo na vida, tornar-se cinza, e consequentemente sumir:

O ouro tem uma coisa assim que eu tenho comigo. Um cara falou para mim, um senhor idoso, ele era lá do Maranhão, Codó. Disse: “Parazinho, só estamos nós dois aqui, vou te falar uma coisa: tu já pegou muito ouro na tua vida? Eu disse: “Já. Já peguei. Passou muito ouro pelas minhas mãos.”. “Já prestou atenção que parece que é amaldiçoado dinheiro de ouro?” “Por que?” “Porque o ouro tu tira da terra e para ele ficar com uma cor bonita tu taca fogo, não é?” “É... Taco fogo mesmo no maçarico.” “Tu sabes tudo que se taca fogo, não sobra nada? Por quê?” “Porque se tu taca fogo numa coisa, vira cinza. Some na tua mão.”. Sabe que é verdade... Fiquei pensando. Porque se tu não aplicar o dinheiro de ouro que tu trabalha no garimpo, comprar alguma coisa para ti, tu morre para dizer sem nada. É rápido, o dinheiro some na mão da gente (Paulos Afonso, 2018).

Na cosmologia garimpeira, para o trabalhador bamburrar ele precisa estar “bonito pra ouro”, expressão utilizada para informar a sorte do garimpeiro que encontra ouro com facilidade e abundância. No entanto, o que se pode extrair de tal declaração, articulada à capacidade de manifestação de vontade do minério, é que não se trata meramente da sorte probabilística de o trabalhador encontrar o metal nos difíceis solos da mata amazônica, mas sim da sorte para que o ouro por meio de sua agência sinta-se atraído para aquele garimpeiro e não por outro. Vários relatos remetem a bamburros realizados

por trabalhadores que enriqueceram em ambientes em que outras pessoas exploravam o mesmo perímetro de terra. Outros informam que por um motivo inexplicável deixaram de escavar barranco extremamente rico e perderam a oportunidade do dito bamburro.

Seu Cícero, narra situação na qual explorava uma terra no garimpo Água Branca, porém prospectava somente em barrancos cegos, sem ouro. Devido às altas despesas e muito trabalho desperdiçado foi chamado por seu pai para abandonar este garimpo e seguir para outro. Por esse motivo teve que deixar para trás o local onde trabalhava. Um garimpeiro amigo, chamado Zé do Fole, que tinha sido um homem muito rico, bamburrado poucos anos atrás, e se achava numa situação de brefo, sabendo do abandono da área veio até ele pedindo as terras para explorar. Cícero lhe deu. Conta ele que cerca de três metros após o ponto que tinha parado, seu Zé do Fole escavou um barranco com seis quilos de ouro e logo mais à frente outro com cinquenta quilos. A sorte mudou para Zé do Fole, que a partir dali era um homem bamburrado novamente. Cícero, nesse período, veio a Santarém para trabalhar uma temporada como taxista:

Nós tinha outro garimpo, no Água Branca. Pertinho desse outro abandonado. Eu fui para lá para trabalhar numas terras nossas. Lá meu pai um tempo comprou. Fui eu e outro irmão. Lutamos, lutamos e não fizemos nada na terra. Era no manual, sem máquina naquela época. Um cidadão lá estava rico, tirava barranco com 6, 7, 8 quilos de ouro. Baixava para cá e fazia graça. Me comprava bastante que eu tinha uma cantina junto lá, tudo do papai, não era meu. Falei para ele: João acho que eu vou embora, vou arrancar os bagulhos aqui e começar a botar tudo para fora porque não deu para nós aqui. Nossas terras estão fracas, não dão nada. Ele falou: “Rapaz, tu quer um pedaço da minha terra?”. Eu digo: Quero!. Porra quem não queria. Ele tirava de seis a oito quilos na terra dele. “Eu vou te dar lá embaixo, mas eu vou te dar”. Ele marcou um pedaço e disse: “Daqui para baixo pode medir 400m que eu vou te dar”. Peguei, arrumei uns homens, botei um motor para puxar água. Os cabras meteram pau para cima. Rapaz, tiramos 10x5. O mais fundo deu uma base de 1,5m e o mais raso 0,5m. Até passando do meio não deu nada. Do meio para frete começou a dar ouro. Ainda tiramos 272g de ouro. Só que era já na montanha. O papai liga: “Rapaz, venham embora que isso não está dando certo. Venham cuidar do que tem aqui. Venham embora, não quero mais ninguém aí”. Dissemos: “papai, a gente vai fazer ouro agora”. Ele: “negativo, pode vir todo mundo embora”. O

papai mandou um avião. Fomos embora. Deu uma faixa de uns 15 vãos para voltar para o são domingos.

Um cara estava há uns quatro anos mendigando, esse cara era rico. Tinha avião, tinha tudo. Aí estragou com tudo, acabou. Era conhecido como Zé do Fole. O compadre, ele me chamava de compadre. Ele falou: “Compadre, me dê um pedaço dessa terra aí uma vez que o João bezerra já lhe deu”. Eu disse: Rapaz, eu vou é te dar toda. Mas primeiro eu vou combinar com ele, porque eu vou devolver a terra para ele uma vez que eu não vou ficar. Ele disse: “Faça isso mesmo, está bom!”

Nós paramos na beira do igarapé. Ele só fez pular o garapé um pouquinho, passou uns três metros e meteu outro barranco. Ele tirou 6kg de ouro nesse barranco. Aí ele endoidou. Veio em Santarém comprou máquina, comprou isso, aquilo. O próximo barranco dele deu 50kg de ouro. Ele desceu aí barranco de terra abaixo tirando barranco de 20kg, 18kg. O cara ficou podre de rico (Seu Cícero, 2019).

Nas explicações, o fato ocorrido com o senhor Cícero acontece quando o garimpeiro se encontra “feio pra ouro”, expressão direcionada para informar o azar de o metal não querer ser achado por um trabalhador em específico. Não encontrar o minério significa também passar pelo sofrimento do brefo, que assim como a oposição entre azar e sorte, é situação oposta ao momento de bamburro e remete a incapacidade de poder de compra, que sem crédito ou dinheiro para adquirir mantimentos para a própria subsistência e lazer, o garimpeiro põe-se na condição máxima de desprestígio social dentro do garimpo. Costumam dizer que a única sorte do peão “feio pra ouro” é achar malária, fator que amplifica a aflição da vida no espaço garimpeiro.

O ex-garimpeiro Carlos Matos se reconhece como um peão “feio pra ouro”. De suas passagens pelo garimpo rememora extremo sofrimento do trabalho em vão em barrancos cegos e em consequência necessidades passadas em função de não ter dinheiro para manter-se, além das noites se solidão enfermo pelas inúmeras vezes que contraiu malária, numa dessas, inclusive, quase vai a óbito:

Para saber onde pode ter ouro, o cara faz uns tilins, uns testes no baixão. Abre uma prancheta, ela é tipo uma sepultura. É um buraco do tamanho de uma sepultura que verifica para achar o cascalho e fazer os testes. Dá uns fagulhos e se achar que tem ouro o cara baixa o barranco. Mas ele não tem certeza da quantidade de ouro. Mete a peola para cima e arrocha. Se der sorte ele pega, mas quando o

peão é feio pra ouro ele toma nas nádegas, aí a malária acha ele. Peão levanta quatro horas da manhã para secar barranco no balde, é mole? Hoje tem é retroescavadeira e bico jato dentro do garimpo tirando barro para peão. Eu não trabalhei com bico jato. Só trabalhei no manual e balsa.

Passou uns tempos e eu fui para o garimpo do Tocantins. Lá eu mergulhei um mês mais ou menos, não peguei nada e vim embora. Eu sou feio pra ouro. De lá eu fui para o Rio Madeira, eu e o Sousa também. Chegamos em Umatã e descemos o Rio Madeira, chegamos lá para trabalhar nas balsas de um goiano. Esse cara olhou para mim e disse: “Peão, tu sabe mergulhar?”. Eu disse: “Eu sei”. Ele: “Pega aí e vai para aquela balsa lá”. Eu fui. Lá era uma água escura, barrenta que só o cão. Eu desci, mandei quatro horas, saía igual um corpo exumado de dentro da água. Nesse garimpo, eu passei pouco tempo e também não peguei ouro. Só uns grammas merrecados (Carlos Matos, 2018)

No entanto, as noções sobre a sorte e o azar, ser “bonito ou feio pra ouro” se intercambiam de maneira relacional, sendo possível manusear comportamentos e práticas como ampla generosidade, não avareza, não apego material, consumo conspícuo como prestações para se obter a dádiva do bamburro. Nesse ponto, concorda-se com Mauss (2003) ao afirmar que “não é apenas para mostrar riqueza ou desinteresse que se matam escravos, queimam-se óleos preciosos, que lançam moedas ao mar, ou ateia-se fogo em casas suntuosas, é também para sacrificar aos deuses e aos espíritos” (Mauss, 2003, p. 74).

Tedesco (2015) visualiza os comportamentos consumo conspícuo, despreocupados e de grande vulto inseridos num amplo sistema de dádiva para garantia da prosperidade, pois se a riqueza obtida no garimpo não for gasta de modo extravagante, crê-se na cultura garimpeira (Theije, 2008) que se corre o risco de ser castigado ao brefo e não mais bamburrar.

Podemos perceber esse elemento nas reflexões do ex-garimpeiro Napoleão, atualmente com 94 anos de idade e, desses, trinta vividos dentro dos garimpos de São Domingos e Água Branca, área do Tapajós. Apesar de ter sido um homem muito rico entre as décadas de 1970 e 1990, reconhecido como bamburrado, segundo seu filho Cícero, o pai movimentava semanalmente cerca de quinze quilogramas de ouro. Já chegou a possuir vinte pares de máquinas, aviões de transporte, cantinas, inúmeras áreas de exploração, porém, nas suas palavras “jogou tudo fora”. Esse fato faz com que seu Napoleão rememore sem

saudade, até com certa dor e se reconheça, na atualidade, como homem sem sorte de garimpo, que conseguia recursos apenas para garantir o do “feijão” e que o bamburro só vinha para quem era doido, sem juízo, gente que não pensava no futuro.

“O garimpeiro quando ele bamburra ele é mais pior que os outros. Quando começa a fazer besteira, acaba de repente. Não vale nada garimpo”. Interessante que nas palavras de Napoleão ele não se inclui no rol desses homens sem juízo, ele reconhece em outros garimpeiros tais atitudes. Para ele, os bamburrados são os piores, pois querem se apresentar e gastam indiscriminadamente sem preocupação alguma com o amanhã, preocupam-se apenas em se aparecer para os outros. Gastam todo o saldo com bebidas, mulheres, pagam a conta de todos nos bares e no dia seguinte estão brefados novamente, sem sequer possuir dinheiro para alimentação:

Um vício. Aqueles bamburros só dá em pessoa sem juízo, sem futuro. O cabra quando tem futuro, ele procura guardar e o garimpeiro quando tem um bamburro grande, ele procura de apresentar. Procura se apresentar e a fazer besteira. Se hoje ele está numa reunião por ali, se ele gasta dez mil reais, para ele, [ele] fez uma vantagem. Fez fita para todo mundo ver. Aí quando nem pensa que não se acaba, não tem mais. Eu pelo menos, nunca fiz o bamburro, era só uma base de ir vivendo. Aí eu saí de lá. Não dá mesmo para gente, é só para quem não tem juízo. Eu fiz foi beber mais eles até não querer mais. No tempo que eu bebia, quando tinha um lá que estava as pampas, porque quando está bebendo é insultando - Quem quer beber? eu dizia “eu quero”. Eles fazem maior despesa e quando vai pagar está o monte de despesa medonha e nem está ligando para aquilo. E ainda fala assim: “Se acabar esse, eu sei onde tem mais. Amanhã, às vezes, quando acaba fica liso que não nem o crédito: ficou com eles. Mas é aí, para as pessoas que tem juízo, pega o que tem e guarda. Nunca vi um [desses] bamburrar. Só bamburra aqueles doidos. Aí que eu acho que o garimpo não é mandado por deus. Só dá para gente que não tem juízo (Napoleão, 2019).

A reflexão do senhor Napoleão alinha-se aos comportamentos oferecidos para receber a dádiva do bamburro. Na sua percepção somente os sem juízo bamburram, justamente aqueles que por meio do consumo conspícuo, de alta generosidade, sem avareza nos gatos conseguem acionar a sorte para tornarem-se “bonitos para ouro”. É compartilhado entre os garimpeiros o pensamento que se pode gastar sem preocupação, pois se sabe onde encontrar o minério e a Natureza vai dar mais.

Os que possuem juízo, ou seja, aqueles pensam em acumular riqueza, realizar investimentos e guardar, prática oposta ao consumo conspícuo, esses não acham o bamburro, pois não promovem o ritual de chamar a sorte e consequentemente atrair o ouro.

A partir dos elementos apresentados é possível compreendermos a relação da dádiva do bamburro, sonho e obstinação principal dos garimpeiros segundo Cleary (1993), e explicar as relações de reciprocidade vinculadas às práticas de consumo conspícuo, realizados em grandes vultos, sem preocupações de acúmulo, aplicados nos momentos de lazer com mulheres, bebidas, ouro, pelos garimpeiros como prestação ritual para se adquirir sorte, ou melhor, torna-se “bonito pra ouro”, fazendo com que vontade do minério manifeste em favor de quem promove tais condutas e, deste modo, garantir prosperidade constante no garimpo.

5 “Garimpeiro só usa pano caro!”: autofofoca, prestígio coletivo do bamburro, estigma do brefo e fachada masculina

Pontuei no tópico anterior sobre a relação de reciprocidade contida no consumo conspícuo como dádiva à agência do ouro para encontrar o bamburro e manter-se ou tornar-se “bonito pra ouro” na perspectiva de se presentear aos deuses. A partir de agora analiso a relação de reciprocidade no horizonte de se presentear aos homens (Mauss, 2003). Veremos como a espetacularização, a ampla generosidade na promoção das práticas de consumo conspícuo executadas pelos garimpeiros giram em torno de moralidades, que engendradas num jogo de produção de prestígio social e elaboração da noção da identidade masculina, produzem rivalidades entre os homens garimpeiros.

Cabe relembrar que o tempo social destinado ao consumo conspícuo é o do lazer, momento oposto ao do trabalho, e os lugares onde transcorrem as sociabilidades das ações dos gastos são principalmente os bares, prostíbulos das corrutelas e das cidades próximas aos garimpos, espaços entendidos aqui como lugares de vivências interacionais masculinas (Oliveira, 2004) ou, na perspectiva de Silva (2012), espaços de homossociabilidades, pois permitem a performance pública da masculinidade hegemônica.

É importante mencionar que a conduta dos gastos dos garimpeiros é baseada em moralidades e reciprocidades calcadas no dar, receber e retribuir (Mauss, 2003). A forma de praticar o consumo pelos garimpeiros se insere num amplo sistema de dádiva, que regula e constitui vínculos pessoais e

são importantes na elaboração do sentimento de honra dos homens, que ao demonstrarem bamburro e ao executarem publicamente o pagamento de vultosas despesas nos prostíbulos das corrutelas geram, ao mesmo passo, aproximações por meio da camaradagem e rivalidades entre os homens, que noutro momento devem ostentar generosidade no consumo para também adquirirem signos de distinção.

O caráter público das relações de trocas por parte dos garimpeiros é importante chave para o entendimento dos elementos envolvidos em tais ações. Os relatos dos senhores denotam sempre as práticas do consumo conspícuo efetuados diante de uma audiência, composta principalmente por homens, o que revela a apresentação de uma performance pública da masculinidade (Silva, 2012) constituída sob tensões e disputas com o propósito de criar superioridade e inferioridade entre os iguais sociais nos espaços de lazer (Almeida, 2018).

A performatividade pública é exemplificada por meio das lembranças de Paulo Afonso e Carlos Matos. Carlos traz situações exibicionistas a respeito de garimpeiros em festas nos bares de Itaituba, Pará, que contratavam dois táxis, um para o transporte de si e outro somente para levar o seu chapéu. Já Paulo, rememora episódios em que se mandava fechar bares na corrutela por noites seguidas e arcar com as despesas geradas com prostitutas e bebidas aos que eram autorizados a adentrar no espaço:

Na corrutela é o seguinte. Esse meu padraço é desse pessoal mesmo antigo que mandava fechar corrutela. Por exemplo, a turma do final Alcino está aqui. Estava fechado só para ele; os outros peão não entravam. Era só para ele. Três dias ali na corrutela, só para ele. Ele que estava mandando ali, com se fosse o rei da cocada. Ninguém se mete; está para fulano e os outros respeitavam isso também. Porque quando fosse a vez daquele cara, por exemplo, o Antônio está mandando aqui na corrutela. Era tudo por conta dele. Só entrava se fosse conhecido dele. “Ah, é fulano? Manda ele entrar” (Paulo Afonso, 2017).

O ex-garimpeiro Cícero conta um fato rememorado do período em que realizava marretagem de produtos comprados em grandes centros como Manaus e os comercializava nas áreas de garimpagem. Lembra da venda de uma radiola? Silvana, muito valorizada entre os garimpeiros por executar três funções: tocava fita, rádio e disco. Certa vez, vendeu uma Silvana para

7 Aparelho de som compacto que tocava rádio, fita e disco de vinil.

um garimpeiro que acabara de apurar o ouro da sua terra. Vendeu, na época, por cerca de quinze gramas de ouro. Conta que o homem colocou uma canção bem apaixonada, a amarrou na cintura por uma corda e saiu pelas ruas da corrutela arrastando o equipamento e ouvindo música. Por onde passava chamava atenção. Poucas horas depois, retornou com Cícero para comprar outra, pois aquela tinha esbandalhado. Cícero, pontua da trivialidade de histórias e situações como as descritas envolvendo outras formas de consumo no garimpo:

Na terra dele, o cara jamais conseguia comprar uma radiola Sivana, que antigamente era uma radiola três em um: rádio, toca disco e fita cassete. Era muito boa e muito vendida. Depois que eu comecei, que eu arrumei alguma coisinha para lá, comecei a fazer uma marretagem em Manaus; comprava umas besteirinhas e vendia no garimpo. Eu trazia umas três, quatro radiolas de cada vez. Quando foi um dia um cara comprou uma, tinha acabado de lavar a terra dele, aí amarrou uma corda no cabinho dela, ela era igual uma pasta, amarrou na cintura, botou uma música bem apaixonada e saiu arrastando na rua. Onde ele entrava a bicha estava tocando atrás dele no chão. Saía arrastando aí. Um negócio daquele custava na época 15 gramas de ouro, uma faixa de 2000 mil reais. Aquilo eu achei um absurdo. Pô, o cara trabalhou tanto, poderia sair dali do garimpo do barraco dele, em vez de mandar guardar o ouro dele para juntar e fazer algo para família ou montar um negócio na cidade, não. Quase todos faziam isso daí. Esse foi o único que eu vi arrastando uma radiola. Foi eu que vendi. Quando foi umas três horas da tarde ele queria comprar outra porque aquela não tinha aguentado. Não tinha mais. Essas histórias tem muitas delas (Cícero, 2019).

O comportamento espetacular dos gastos está atrelado à noção de bamburro, como mencionado, e simboliza o ápice de prestígio social conectado à ideia de riqueza, sorte, respeito, poder e liberdade que são também valores constituintes da identidade masculina de cabra macho, de sujeito viril, e que são superestimados pelos homens garimpeiros no processo de composição da honra. Portanto, promover o consumo conspícuo revela moralidades para uma audiência específica no garimpo e pode ser percebido como mecanismo de chamar para si os signos de prestígio coletivo significados por meio da apresentação de homem bamburrado.

Marjo Theije (2008) identifica as práticas garimpeiras em relação ao trabalho e ao e as relações de trocas de consumo estão inscritas num estilo de vida do homem no garimpo. Bourdieu (1997) ao analisar os gostos, estilos

de vida,⁸ percebe no *habitus* do consumo como polo de distinção social. De acordo com o autor, há pelo menos três estruturas de distinção, via aquisição de bens: alimentação, cultura e despesas para apresentação de si. O autor, atenta também como os modos de consumir estão atrelados ao delineamento de identidades masculino e o feminino, bem como, as diferenciações entre classes e como os “usos do corpo, mais insignificantes na aparência, estão depositados os valores mais profundos do grupo e suas “crenças” mais fundamentais” (Bourdieu, 1997, p. 180).

Ao buscarmos as reflexões do senhor Napoleão sobre o fato de “garimpeiro gostar de se apresentar, contar vantagem”, e as do senhor Jacinto ao mencionar que “garimpeiro é bicho fofoqueiro” no sentido de gabar-se, ação de autofofoca, e compararmos as diversas memórias apresentadas sobre situações em que o trabalhador não estava com condições financeiras para empreender consumo conspícuo, pois possuía poucos recursos para a subsistência no garimpo e manutenção da família na cidade, mas mesmo assim aplicava o que tinha como forma elaborar uma fachada pessoal, nos termos de Goffman (1993), de homem bamburrado perante os pares garimpeiros para acionar o os signos de prestígio coletivo e distinguir-se dos demais.

O aspecto da autofofoca revela também a plena consciência prática e consciência discursiva (Giddens, 2003) dos garimpeiros no processo de representação de si, com intencionalidade definida, principalmente, ao manusearem os atributos positivos das relações de troca à plateia externa, vangloriando-se que não tem pena de gastar ouro, que é fácil conseguir o metal no garimpo, que só usam “pano caro”, ou seja, consomem as melhores roupas, tecidos de alta grife, das marcas mais valorizadas, e enfatizam esses elementos no discurso e no corpo com artefatos de riqueza e sucesso, mesmo que em muitas ocasiões, não haja recursos financeiros para tal exibição. O relato do senhor Jacinto exprime justamente essa ocorrência:

A vida de garimpeiro não é fácil não. Garimpeiro que gostava de fazer muita fofoca. As vezes não chegava com quase nada, chegava com ourinho de passar uma semana apertado, mas era fofoqueiro e dizia que estava estribado,⁹ mas não tinha era nada. Cansei de gente dizer que garimpeiro ganhava dinheiro fácil. Não, não ganhava não. Era um dinheiro suado (Sr. Jacinto, 2017).

8 Para Bourdieu o estilo de vida é um conjunto unitário de preferências distintivas que exprimem, na lógica específica de cada um dos subespaços simbólicos, mobília, vestimentas, linguagem ou heixis corporal, a mesma intenção expressiva, princípio da unidade de estilo que se entrega diretamente à instituição e que a análise destrói ao recortá-lo em universos separados.

9 Estar com bastante ouro ou dinheiro.

Essas histórias estão também presentes na lembranças do senhor Toim, que durante as décadas que viveu no garimpo, e relata já ter presenciado inúmeros garimpeiros promoverem verdadeiras farras com ouro:

Conheci um garimpeiro que fazia farra com ouro. Dei conselho demais. Quando eu montei esse barzinho lá, ele foi um dos beerrão do meu bar, Zequinha o nome dele. O pai dele era dono do posto onde parava as voadeiras. Ele gastava demais. Eu e minha mulher, que já estava lá nesse tempo dizíamos para ele: “Zeca, tu gasta demais rapaz. Se tiver trinta, quarenta, cinquenta, bebe tudo a tua custa e tu só fazes mandar somar as contas das mesas e paga tudo”. Ele pagava mesmo. Eu dizia para ele, Zeca, vou te falar uma coisa, não estou dizendo que tu vá precisar, mas pode acontecer, que isso se some e esses amigos que estão ajudando a acabar o que tu tem, aí tu não vai achar nenhum que pague uma dose de cachaça para ti.

Mas é muitos que acontece, tem deles aí que não tem uma casa na vida, mas é porque gastavam... Um aqui que foi dono daquele terreno onde foi o “Paulistão”. Ele bamburrou; chegou, comprou dois carros. Sei que o homem era coberto de ouro. Via aquele monte de menina bonita e dizia: “A que me der um beijo eu dou um cordão”. Quem é que não queria ganhar um cordão? Um dia eu vi umas quatro meninas, cada uma puxar um cordão dele, ele dava para elas. Tinha muito, mas acabou em nada. Não tem futuro (Sr. Toim, 2017).

Cabe salientar, que o conceito de autofofoca delineado aqui enquadra-se ao de fofoca elogiosa, pontuado por Elias e Scotson (2000) ao estudarem as relações entre estabelecidos e *outsiders* em Winston Parva, pequena comunidade industrial inglesa. Para os autores, a fofoca é ao mesmo tempo um poderoso de instrumento de estigmatização de grupos externos por meio da boato depreciativo, que trata por evidenciar e pôr em circulação informações de degradação estereotipada, e de enaltecimento do grupo ou de indivíduos por meio da fofoca elogiosa, que auxilia na promoção e manutenção da fama por meio da circulação dos adjetivos de glória social.

É possível identificar a promoção da fofoca como potente meio de comunicação na exposição da imagem de um estilo de vida de sucesso do homem garimpeiro. Essa propagação elogiosa das qualidades de quem trabalha com a garimpagem e do garimpo como lugar acesso fácil a riqueza, foi importante impulsor no processo de atração e tomada de decisão de trabalhadores para esta faina. As experiências dos senhores Carlos Matos e Jacinto enfatizam justamente esse ponto.

Carlos relembra que, na época, era ainda muito jovem, por volta de quinze ou dezesseis anos, e pouco tempo deixara a casa dos pais para

tentar a vida na cidade Itaituba, Pará. Rememora precariedade e intensa necessidade financeira, sem dinheiro para comprar comida e residindo de favor na casa de uma conhecida de sua mãe. Nesse período, Itaituba vivia a ascensão da garimpagem, as ruas da cidade eram muito movimentadas. Havia locais específicos com cabarés e bares para atender a demanda dos garimpos. Carlos conta que ficava admirado com postura dos garimpeiros ao vê-los com roupas boas, cordões e dentes de ouro, armas na cintura e gastando dinheiro à vontade. Essas representações lhe fizeram crer que seria o garimpo o local onde poderia mudar de condição social e tomou como meta ir trabalhar como garimpeiro.

O senhor Jacinto morava e atuava como agricultor no município de Santa Luzia, no Maranhão. O mecanismo para tomada de decisão pela escolha da atividade garimpeira como meio de vida se deu por motivos parecidos aos narrados por Carlos Matos. Jacinto descreve que no local onde residia havia conhecidos que eram garimpeiros na Amazônia e quando estes retornavam às residências, promoviam grande “fofoca” ao mencionar o garimpo como espaço ideal para se ganhar dinheiro. Faziam questão de expor a mudança de condição social ao adquirirem roupas distintas, grossos cordões de ouro, se exibirem com vultosas quantias financeiras. Esse modo do porta-se do garimpeiro chamou atenção de Jacinto e o influenciou a crer que a forma que poderia dar maiores condições para a família seria por meio da garimpagem. Diz ele que a primeira vez que veio para a garimpo no Pará foi no sentido de comprovar se de fato a realidade condizia ao exacerbado pelos seus conterrâneos. Ficou por três anos consecutivos, com raros contatos com a família devido às dificuldades de comunicação, no entanto, após esse período, retornou para buscar seus entes e no retorno fixaram moradia em Santarém, Pará:

[...] apreciam uns vizinhos que trabalhavam no garimpo e faziam aquela fofoca de que o garimpo era muito bom, ganhava-se muito dinheiro. Então eu resolvi dar uma olhada no garimpo. A primeira vez eu vim só para experimentar como era. Passei três anos e meio sem voltar em casa. Fui experimentar se era bom. Quando fui para casa, eu resolvi trazer minha esposa para Santarém. Foi no ano de 1981 que chegamos em Santarém. De lá para cá moramos aqui (Sr. Jacinto, 2017).

Podemos compreender as relações de reciprocidade amparadas nas ações do consumo espetacular promovido via sociabilidade pública, com encenação de homem bamburrado, juntamente com as marcas simbólicas de riqueza

espalhadas intencionalmente pelo corpo, como elementos de grande importância de sentido e valor dentro do sistema de sinais de distinção garimpeiro (Bourdieu, 2007, p. 180). Esse ponto torna-se mais evidente quando detectamos pressão coletiva aos atores que se recusavam a utilizar das insígnias distintivas e idealizadas para o homem garimpeiro. Por exemplo, o senhor Toim expressa situações pelas quais passava no garimpo para portar-se e exibir-se de fato como garimpeiro, pois diferenciava-se dos outros trabalhadores por não expor adereços em ouro e nem praticar gastos vultosos:

Nunca gastei meu dinheiro à toa. Não dava para gastar mesmo. Garimpeiro chegava e dizia: “Porra, Toim, tu só quer ser colonheiro mesmo, não quer ser garimpeiro. Não te vejo com uma pulseira de ouro, com cordão de ouro, nem nada, o que é isso, rapaz?”. Digo: Rapaz, o meu não dá. Minha despesa é grande, eu estou dando conta da minha família. Se eu não tivesse dando conta eu podia comprar o que eu quisesse, mas eu não gastei o que é meu à toa de jeito nenhum. Gastei com família mesmo (Sr. Toim, 2017).

A valorização da distinção social por meio das relações de troca conectada aos aspectos ideias da masculinidade, nos auxilia também no entendimento a respeito de outro polo das trocas garimpeiras e seus efeitos sobre os atores sociais, que é na verdade a circunstância da não possibilidade ou baixa capacidade de aquisição de bens, expressa pelos garimpeiros como o brefo. Como descrito, o bamburro refere-se ao mais alto prestígio no meio social do garimpo, justamente por permitir ao trabalhador apresentar-se, construir sua fachada pessoal, sob as bases de valores de distinção para o homem garimpeiro, o possibilitando demonstrar riqueza e virilidade nos momentos consumo conspícuo. Já o brefo assinala ponto oposto a essa dimensão, pois incapacita o garimpeiro a posicionar-se como tal no seu aspecto ideal, tensionando sentimentos de autoestima, sofrimento e desprestígio coletivo, pois perdem valor enquanto sujeitos e fragilizam as relações e as possibilidades de identidade do ser masculino.

O relato do ex-garimpeiro Zé Luiz nos dá a dimensão para compreendermos a relação entre a condição do prestígio do bamburro, como poder de compra em oposição ao desprestígio social do brefo, posição na qual o trabalhador se depara desprovido de condições financeiras, ponto analisado pelas autoras Smet, Tedesco e Theije (2012) nos garimpos da Pan-Amazônica, e reconhecido como elemento que afeta diretamente a autoestima do homem garimpeiro e o coloca como inferior na escala social:

Muito bom o garimpo, mas quando está dando ouro, quando não está dando ouro a gente passa muita necessidade, muita humilhação. Vai aos donos das cantinas e o cabra ainda gozam da cara: “Ei, rapaz, esse teu ouro jamanxim é de comprar fiado”. O cabra fala para comprar alguma coisa e o cara não está vendendo. O cabra volta com a mão na frente outra atrás. Aí você vai desmontar capa de bomba pra lavar e fazer 1 g, 2 g de ouro para poder atender. Outras vezes lava só o bocal e forma 1 g, 1,5 g aí compra o que quer comprar e desperreia enquanto tira o barranco. É uma vida boa e uma vida ruim (Zé Luiz, 2017).

Essa oposição brefo e bamburro é demarcada de maneira pulsante nos relatos e marcam significativamente as memórias, dado ao fato, do contado com vários garimpeiros que foram ricos, verdadeiramente bamburrados com inúmeras posses no passado estarem, no presente, pobres. Esse fato produz reflexão entre o grupo para explicações do porque essas pessoas não conseguiram levar para a velhice as condições materiais necessárias para tocar uma vida tranquila. Explicações cambiantes entre uma dimensão mítica do ouro como um dinheiro amaldiçoado ao garimpeiro como um sujeito sem uma formação/conhecimento e controle financeiro, foram elaboradas para dar conta da sucessão de falências e a condição de extrema precariedade de boa parte desses trabalhadores na velhice, sobrevivendo apenas com os rendimentos da aposentadoria.

Considerações Finais

A garimpagem como frente de expansão econômica esteve conectada a intenso movimento migratório, especialmente de nordestinos para a Amazônia, fato que refletiu sobre as cidades da região grandes transformações culturais, econômicas, políticas, territoriais e demográficas. Verificou-se, nos finais dos anos 1950, que esse movimento migratório é mais intenso para a região do Tapajós, no Pará. Os discursos dos garimpeiros e a bibliografia estudada revelou alguns fatores para tal ocorrência. Um deles foi a descoberta de ricas jazidas no rio das Tropas e posteriormente na calha do rio Tapajós, o que produziu interesse entre os trabalhadores da garimpagem de outras localidades.

Outro ponto de favorecimento para mobilidade de grandes levas populacionais foi o plano de ocupação de desenvolvimento da Amazônia. Desde o governo de Getúlio Vargas (1937-1945), que por meio de propagandas promoveu narrativas sobre as terras da região como lugar de fartura e prosperidade. Esses elementos são relatados nas lembranças dos senhores Toim, Napoleão

e Cícero ao rememorarem a fuga da seca de 1958 que assolou o estado do Ceará. Ambos descrevem ter optado por Santarém como destino, motivados pelas campanhas publicitárias governamentais veiculadas no rádio, e que ressaltavam a cidade como lugar de imensa riqueza, terras férteis e solução para saírem da condição de pobreza a qual se encontravam.

Identificou-se nas trajetórias dos atores sociais entrevistados uma vida marcada pela ausência de acesso a direitos sociais básicos, como educação e à infância, pois de maneira ampla todos relataram a iniciação ao trabalho da lavoura, na criação de gados, desde quando ainda eram muito crianças, com aproximadamente cinco, seis anos. O interlocutor com maior grau de escolarização foi Carlos Matos, que cursou até a terceira série do antigo primário. Toim aprendeu apenas a assinar o nome e João Maranhense se considera totalmente analfabeto, assina documentos com carimbo da digital. Inclusive, o reconhecimento da baixa escolarização é apreendido entre o grupo como um dos fatores explicativos para a não gerência dos recursos adquiridos no trabalho garimpeiro.

A respeito da adesão dos trabalhadores à faina garimpeira, verificou-se o sistema de comunicação informal amparado na fofoca elogiosa (Elias; Scotson, 2000) de valorização de um perfil ideal do trabalhador garimpeiro, bem como sobre o garimpo como campo de possibilidade real para se tornar rico, bastando somente coragem ao trabalho e sorte para bamburrar.

Este estudo viabilizou a identificação de relações de gênero no garimpo estruturadas sob a hegemonia da identidade masculina sobre o feminino. Verificou-se o protagonismo dos homens nas ocupações dos papéis de trabalho e na gerência dos recursos financeiros familiares. As narrativas remetiam às mulheres a trabalhos adjacentes à exploração mineral, por exemplo, em atividades de cozinheiras, domésticas, donas dos cabarés e como garotas de programa. Aliás, percebeu-se a construção de um tabu em relação à figura feminina na zona do baixão. Tal interdição é amparada na crença de que mulher próximo onde se extrai ouro atrai azar, categoria, conjuntamente com o oposto sorte, é tratada pelo grupo social como orientadora de práticas no processo de captura do metal.

Foi possível compreender a construção de um sentimento de honra masculina, amparado sob valores da virilidade. Nos casos de mácula a essa honra, ações violentas são tomadas como forma de reequilíbrio, porém, quando esse sentimento é afetado por uma mulher, visualiza-se a vulnerabilidade desta nas relações entre os gêneros. Tomo como o exemplo o *rodar-peão*, entendido como interdição máxima da conduta da mulher dos

prostíbulos em relação ao homem, pois caso ela o engane, está sujeita a violações físicas e simbólicas.

Percebeu-se que a masculinidade é encenada também para os pares, utilizando como palco as relações de trabalho e as formas públicas do consumo conspícuo. Em relação ao trabalho posturas de coragem, força, suportar as duras rotinas sem reclamar publicamente do serviço são pontos distintivos no prestígio social de reconhecimento e respeito do trabalhador entre os colegas. O oposto à encenação de tais comportamentos coloca o ator em posição vexatória entre o grupo, que por meio da jocosidade, é feminizado como forma de ressaltar a sua inferioridade.

Em relação às moralidades e reciprocidades envolvidas na prática do consumo percebe-se um amplo sistema de dádiva no garimpo nas quais estão inseridas. O comportamento espetacular dos gastos está atrelado à noção de bamburro, que simboliza o ápice de prestígio social e está conectado à ideia riqueza, sorte, respeito, poder e liberdade que são também valores constituintes da identidade masculina de *cabra macho*, e que são superestimados pelos homens garimpeiros no processo de composição da honra. Portanto, promover o consumo conspícuo para uma audiência específica no garimpo pode ser entendido como mecanismo de chamar para si os signos de prestígio coletivo significados por meio da apresentação de homem bamburrado e, ao mesmo tempo, estabelecer hierarquias e rivalidades entre os iguais sociais.

Por fim, espera-se com este trabalho ampliar as possibilidades de pesquisa sobre a organização social garimpeira na Amazônia brasileira, especialmente no estado do Pará. As considerações aqui postas, de modo algum, são conclusivas, pelo contrário, proponho-me a continuar as investigações nesse campo extremamente complexo, mas daqui em diante sob o prisma da etnografia, participante em garimpos do Tapajós, com a intenção de refletir como na atualidade, diante de temas globais, porém, com repercussão local, a exemplo das questões ambientais, contaminação dos rios pela utilização do mercúrio, políticas nacionais de controle da produção mineral, conflitos territoriais étnicos, se estrutura a garimpagem de ouro na região.

REFERÊNCIAS

- ACHUTTI, Luiz Eduardo **Robinson. Fotoetnografia da Biblioteca Jardim**. Porto Alegre: EdUFRGS/Tomo, 2004.
- ALMEIDA, Miguel Vale de. **Senhores de Si**: uma interpretação antropológica da masculinidade. Lisboa: Etnográfica, 1995. Disponível em: <https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/17355/1/etnograficapress-459.pdf>. Acesso em: 2 jun. 2017.
- Aramburu, Mikel. Aviamento, modernidade e pós-modernidade na Amazônia. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, [S.l.], n. 25, ano 9, 1994. Disponível em: http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_25/rbcs25_09.htm. Acesso em: 2 jun. 2017.
- BADINTER, Elisabeth. **XY**: sobre a identidade masculina. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- BANDEIRA JUNIOR, C. M. **“Batear a Memória”**: histórias e trajetórias da vida de ex-trabalhadores da garimpagem de ouro na Amazônia. Trabalho de Conclusão de Curso em Antropologia – Universidade Federal do Oeste do Pará - UFOPA. Santarém, 2018.
- BANDEIRA JUNIOR, C. M. “No garimpo o cabra tem que ser macho”: elaborações da masculinidade no garimpo. **Sociabilidades Urbanas – Revista de Antropologia e Sociologia**, [S.l.], v. 2, n. 5, p. 89-96, jul. 2018. ISSN 2526-4702. Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/grem/sociabilidadesurbanas/>. Acesso em: jul. 2018.
- BARBOSA, Livia; CAMPBELL, Colin. O estudo do consumo nas ciências sociais contemporâneas. In: _____; _____ (org.). **Cultura, consumo e identidade**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006.
- BECKER, Bertha K. **Amazônia**: geopolítica na virada do terceiro milênio. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.
- BECKER, Howard S. **A história de vida e o mosaico científico. Métodos de pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Hucitec. 1993. v. 2.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaio sobre a literatura e a história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BERTAUX, Daniel. L'approche biographique: sa validité méthodologique, ses

potentialités. **Cahiers internationaux de sociologie**, [S.l.], p.197-225, 1980. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/40689912?read-ow=1&seq=1#page_scan_tab_contents. Acesso em: 12 nov. 2019.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê, 2003.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

BOURDIEU, Pierre. **A miséria do mundo**. Petrópolis/Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

BOURDIEU, Pierre. **Argelia 60**: estructuras económicas y estructuras temporales. Siglo XXI, 2006.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; Ferreira Marieta de Moraes (orgs.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2002.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção crítica social do julgamento**. São Paulo: EdUSP/Porto Alegre: Zouk, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BOURDIEU, Pierre. Usos sociais da ciência. São Paulo: EdUNESP, 2004.

CAIUBY NOVAES, Sylvia. O uso da imagem na Antropologia. In: SAMAIN, Etienne (org.). **O fotográfico**. São Paulo: Hucitec, 1998.

CAIUBY NOVAES, Sylvia. Imagem em foco nas Ciências Sociais. In: **Escrituras da Imagem**. NOVAES, Sylvia Caiuby [et al.] (orgs.). São Paulo: Fapesp, 2004.

CAMPBELL, Colin. Eu compro, logo sei que existo: as bases metafísicas do consumo moderno. In: BARBOSA, Livia; CAMPBELL, Colin (org.). **Cultura, consumo e identidade**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006.

CARVALHO, Luciana Gonçalves de. A graça de contar. **Um Pai Francisco no bumba meu boi do Maranhão**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2011.

CANDAU, Joel. **Antropologia da Memória**. São Paulo: Contexto, 2012.

CLEARY, David. **A garimpagem de ouro na Amazônia – Uma abordagem Antropológica**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1992.

CLIFFORD, James. **A experiência etnográfica**. Rio de Janeiro: EdUFRJ, 2002.

CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W.; FERNANDES, Felipe Bruno Martins. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Estudos feministas**, [S.l.], p. 241-282, 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v21n1/14.pdf>. Acesso em: jun. 2019.

TEDESCO, Leticia da Luz. **No trecho dos garimpos**: mobilidade, gênero e modos de viver na garimpos de ouro amazônica. Tese (Doutorado em) University Amsterdam, 2015.

DURKHEIM, Émile. **Da divisão social do trabalho**. Matins Fontes. São Paulo, 1999.

ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho. A Memória como Espaço Fantástico. **Revista Iluminuras**, [S.l.], 2000. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/iluminuras/article/view/8926>. Acesso em: 2 maio 2018.

FERRAROTTI, Franco. Sobre a autonomia do método biográfico. **Sociologia – Problemas e Práticas**, [S.l.], n. 9, p. 171-177, 1991.

Geertz, Clifford. **Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

Geertz, Clifford. "O dilema do antropólogo entre" estar lá" e" estar aqui". **Cadernos de Campo**, São Paulo, v. 7, n. 7, p. 205-235, 1998.

GIDDENS, Anthony. **A Constituição da Sociedade** 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1995.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

KIMMEL, Michael S. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. **Horizontes antropológicos**, [S.l.], v. 4, n. 9, p. 103-117, 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ha/v4n9/0104-7183-ha-4-9-0103.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2019.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & história**. [S.l.]: Ateliê, 2001.

KOURY, M. G. P. **Estilos de Vida e Individualidade**: escritos em Antropologia e Sociologia das emoções. Curitiba: Appris, 2014.

KOURY, M. G. P. A Imagem nas Ciências Sociais do Brasil: um balanço crítico. **BIB**, Rio de Janeiro, n. 47, pp. 49-63, 1. sem. 1999.

LEITE, Miriam Moreira. **Retratos de família**: leitura da fotografia histórica. EdUSP, 1993.

LOUREIRO, Violeta Refkalefsky; PINTO, Jax Nildo Aragão. A questão fundiária na Amazônia. **Estudos Avançados**, [S.l.], v. 19, n. 54, 2005. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/10071>. Acesso em: 7 maio 2018.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva. Razão e forma da troca nas sociedades primitivas. **Sociologia e antropologia**, São Paulo, 2003.

MEAD, Margaret. Visual anthropology in a discipline of words. **Principles of visual anthropology**, [S.l.], v. 3, p. 3-12, 1975. Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/101793022/Visual-Anthropology-in-a-Discipline-of-Words-Margaret-Mead>. Acesso em: 29 out. 2018.

NOLASCO, Socrates Alvares. **O mito da masculinidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, [S.l.], n. 10, dez. 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101>. Acesso em: 7 mar. 2018.

NORBERT, ELIAS; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento e silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3 - 15, 1989. Disponível: http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf. Acesso em: 9 jul. 2018.

OLIVEIRA, Pedro Paulo de. **A construção social da masculinidade**. Minas Gerais: UFMG, 2004.

OLIVEIRA, Valeska Fortes de. Educação, memória e histórias de vida: usos da história oral. **História oral**, [S.l.], v. 8, n. 1, p. 91-106, 2005. Disponível em: <https://revista.historiaoral.org.br/index.php?journal=rho&page=index>. Acesso em: 2 dez. 2018.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. O pesquisador, o problema da pesquisa, a escolha de técnicas: algumas reflexões. In: LANG, ABSC (org.). **Reflexões sobre a pesquisa sociológica**. São Paulo: Centro de Estudos Rurais e Urbanos, 1992. p. 13-29.

RIBEIRO, Jose da Silva. Vinte e cinco anos de Antropologia visual na Universidade Aberta de Portugal. In: FERRAZ, Ana Lúcia Camargo; MENDONÇA, João Martinho de (orgs.). **Antropologia visual: perspectivas de ensino e pesquisa**. Brasília, DF: ABA, 2014. Disponível em: http://www.cchla.ufpb.br/ppga/wp-content/uploads/2016/07/antropologia_visual_-_Ana_Lucia_Marques_Camargo_Ferraz__Joao_Martinho_de_Mendonca.pdf. Acesso em: 2 maio 2018.

SALOMÃO, Elmer Prata. **Ofício e a condição de garimpar**. In: SILVEIRA, Maria José; LINDOSO, Felipe José; SOUSA, Márcio (org.). *Em busca do Ouro*. 1º ed. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1984. p. 35–86.

SAMAIN, Etienne. Os riscos do texto e da imagem-Em torno de Balinese character (1942), de Gregory Bateson e Margaret Mead. **Significação: Revista de Cultura Audio-visual**, n. 14, p. 63-88, 2000. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/significacao/article/view/90617> Acesso em: 03 nov. 2018.

SANTOS, Bernadette Grossi dos *et al.* **O reino da impura sorte**: mulheres e homens, garimpeiros em Minas Gerais. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas e Filosofia) Universidade Federal de Santa Catarina. 2001.

SILVA, Sandra Rúbia. Performances de masculinidade, práticas de subversão: o consumo de telefones celulares entre jovens de camadas populares. **Comunicação Mídia e Consumo**, [S.l.], v. 9, n. 26, p. 61-82, 2013. Disponível em: <http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/344>. Acesso em: 7 jan. 2019.

SMET, de Eline; TEDESCO, Letícia, THEIJE, Marjo de. Viver nas corruptelas pan-amazônicas: consumo conspícuo e religião em garimpos transnacionais. In: LORO, Ari Pedro; STAEL, Carlos Alberto; RICKLI, João (orgs.). *Transnacionalização religiosa: fluxos e redes*. [S.l.]: Terceiro Nome, 2019.

TEIXEIRA, Juliana de Oliveira. **A proposta metodológica da fotografia como disparadora do gatilho da memória**: aplicação à história da Telêmaco Borba, PR (1950-1969). 2013. 222 f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade Estadual de Londrina. Londrina, 2013.

THEIJE, Marjo de. Ouro e Deus: sobre a relação entre prosperidade, moralidade e religião nos campos de ouro do Suriname. **Religião & Sociedade**, [S.l.], v. 28, n. 1, p. 69-83, 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-85872008000100004. Acesso em: 8 out. 2018.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: história oral. Tradução: Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VEBLEN, Thorstein. **Teoría de la clase ociosa**. Virtual Books, 2000. Disponível em: <https://www.elaleph.com/libro/Teoria-de-la-clase-ociosa-de-Thorstein-Veblen/1051/>. Acesso em: 8 out. 2018.

VELHO, Gilberto. **Trajeto individual e campo de possibilidades**. Projeto e metamorfose: Antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

GLOSSÁRIO

PALAVRA	SIGNIFICADO
Avionada de mulher	Voo fretado com prostitutas para os cabarés das corrutelas
Azougue	Nome popular dado ao mercúrio, elemento metálico líquido
Baixão	Área destinada ao trabalho de exploração
Baixar	Realizar viagem no sentido garimpo à cidade
Bamburrar	Encontrar muito ouro, tornar-se rico no garimpo
Barranco	Terreno onde se realiza o trabalho de exploração do ouro
Barranco cego	Terra de trabalho pobre em ouro
Batear	Ação de lavar o cascalho do ouro para apurar somente o metal
Bateia	Equipamento de ferro ou madeira, em formato cônico, utilizado no processo de apuração do ouro
Bico-jato	Equipamento utilizado para realizar o desmonte hidráulico de barrancos
Boate	prostíbulo, puteiro cabaré
Bonito para ouro	Pessoa com sorte para encontrar ouro
Boroca	Mochila, mala de viagem do garimpeiro
Botar na beira	Farra garimpeira, extravagância nos momentos de consumo
Brefo	estar com baixa condição financeira, falido
Caixa	Equipamento utilizado para segurar o ouro enviado pela maraca via mangueiras
Cantina	Comércio, mercantil do garimpo
Capa do lacrau	Camada do solo com detritos, madeiras, pedras, anterior ao cascalho
Corrutela	Comunidade, vila garimpeira com comércios e casas próximas aos baixões
Coxo	Recipiente cilíndrico utilizado para armazenar água
Cuía	Instrumento de trabalho feito com ferro em forma de concha utilizado para processar pequenas quantidades de terra com ouro e também no momento da queima, para o metal despregar-se do azougue.
Curimã	Rejeito proveniente da terra processada para extração do ouro
Dalla	Garimpagem que utiliza sequencia de caixas para separar o ouro da terra
Desbravador	Garimpeiro pesquisador de novas áreas para exploração
Despescagem	Retirada da maquinaria o minério para lavagem
Estribado	Estar com muito dinheiro

PALAVRA	SIGNIFICADO
Fagulho	Grão de ouro utilizados para estimar a quantidade de ouro existente em determinado terreno
Feio para ouro	Pessoa com azar e não consegue encontrar ouro
Fofoca	Notícias sobre a fase inicial da formação de um garimpo, movimento promovido pela descoberta de área rica, propaganda de si, gabar-se
Fuscão preto	Barraco feito em lona preta destinado a cozinha da equipe de trabalho ou a encontros íntimos nos baixões
Incutir	Acreditar com convicção
Inflamado	Lugar perigoso, violento
Jamxin	Cesto feito de cipó utilizado para transporte de mantimentos, equipamentos pelos garimpeiros
Lagresa	Camada do solo onde não encontra-se mais o ouro. Em cima da lagresa fica o cascalho com ouro
Maraca	Equipamento utilizado para sugar o cascalho do ouro
Maraqueiro	Operador da Maraca
Peão brabo	Pessoa inexperiente, pouco saber relativo ao trabalho na garimpagem; pessoa furiosa, com raiva, violenta
Peão rodado	Trabalhador sem destino, roda de garimpo em garimpo em busca de serviço
Perna	Pequenos trechos aéreos fretados entre garimpos
Peola	Ferramenta garimpeira semelhante a uma pá utilizada para a escavação do barranco
Puxar uma cachorra	crise financeira, sem dinheiro
Raizeiro	Trabalhador inexperiente responsável com retirar as raízes, os destroços do barranco para não entupir a maraca
Rancho	Mantimentos, alimentação
Reco	Reaproveitamento do curimã, o rejeito de lama que sobra do processamento do barranco
Vacora	Paixão, sofrimento pela mulher amada
Varação	Viagem realizada pela mata de um garimpo para outro

ANEXOS

ANEXO - TERMO DE AUTORIZAÇÃO

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E VOZ (MODELO)

PROJETO:		
NOME:		
NACIONALIDADE	ESTADO CÍVIL	OCUPAÇÃO
RG:	CPF/MF	
ENDEREÇO:		
CIDADE	ESTADO	TELEFONE

Pelo presente instrumento, autorizo a captação, fixação e utilização de minha imagem, voz e de todos os elementos afins que as compõem, assim como autorizo a transcrição e reprodução de depoimentos colhidos em entrevistas, para fins de elaboração de produção de produtos acadêmicos e de divulgação relacionados às atividades de ensino, pesquisa e extensão desenvolvidas pela Universidade Federal do Oeste do Pará.

A Universidade Federal do Oeste Pará – UFOPA, autarquia de ensino superior vinculada ao Ministério da Educação – MEC, com sede e foro no Município de Santarém, Estado do Pará, à Avenida Marechal Rondon, S/N, Bairro Caranazal, CEP nº 68040070, inscrita no CNPJ/MF sob o nº 11.118.393/0001-59, é uma instituição pública de ensino superior, que tem como missão socializar e produzir conhecimentos, contribuindo para a cidadania, inovação e desenvolvimento na Amazônia.

A imagem e voz, depoimentos e demais elementos autorizados poderão compor obras impressas e audiovisuais que podem ser distribuídas e exibidas em território nacional, no exterior e na rede mundial de computadores, por todo e qualquer veículo, processo, ou meio de comunicação e publicidade existentes ou que venham a ser criados, notadamente, mas não exclusivamente, mídia impressa, em cinema, tele difusão, home vídeo. DVD, CD-ROM, sítios da internet, em exposições públicas e privadas, assim como na divulgação e/ou publicidade do audiovisual em rádio, cinema e televisão, para exibição pública ou domiciliar, reprodução no Brasil ou no exterior, exposições em festivais ou outros meios necessários.

A presente autorização é firmada em caráter gratuito, por prazo indeterminado, pelo que nenhum pagamento será devido pela UFOPA e pelo pesquisador ao **Autorizante**, a qualquer tempo e título. Esta autorização poderá ser suspensa pelo **Autorizante**: (1) por descumprimento de qualquer condição estabelecida neste instrumento; (2) por acordo entre as partes; (3) na superveniência de norma legal obstativa.

Santarém-PA, _____ de _____ de 2018

AUTORIZANTE

OBSERVAÇÕES

ANEXOS - DOCUMENTOS



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA SOCIEDADE –
PPGCS

PROJETO: "No tempo do garimpo": memórias e trajetórias de vida de trabalhadores da garimpagem de ouro da região do tapajós, oeste paraense.			
NACIONALIDADE	ESTADO CIVIL	OCUPAÇÃO	
BRASILEIRO	CASADO	FOTOGRAFO	
RG: 5396099 SSPA	CPF/MF		
ENDEREÇO: Rua NACIETA, 438			
CIDADE: SANTARÉM	ESTADO	TELEFONE	
		93 971507026	

Pelo presente instrumento, autorizo a captação, fixação e utilização de minha imagem, voz e de todos os elementos afins que as compõem, assim como autorizo a transcrição e reprodução de depoimentos colhidos em entrevistas, para fins de elaboração de produção de produtos acadêmicos e de divulgação relacionados às atividades de ensino, pesquisa e extensão desenvolvidas pela Universidade Federal do Oeste do Pará.

A Universidade Federal do Oeste Pará – UFOPA, autarquia de ensino superior vinculada ao Ministério da Educação – MEC, com sede e foro no Município de Santarém, Estado do Pará, à Avenida Marechal Rondon, S/N, Bairro Caranazal, CEP nº 68040070, inscrita no CNPJ/MF sob o nº 11.118.393/0001-59, é uma instituição pública de ensino superior, que tem como missão socializar e produzir conhecimentos, contribuindo para a cidadania, inovação e desenvolvimento na Amazônia.

A imagem e voz, depoimentos e demais elementos autorizados poderão compor obras impressas e audiovisuais que podem ser distribuídas e exibidas em território nacional, no exterior e na rede mundial de computadores, por todo e qualquer veículo, processo, ou meio de comunicação e publicidade existentes ou que venham a ser criados, notadamente, mas não exclusivamente, mídia impressa, em cinema, tele difusão, home video, DVD, CD-ROM, sítios da Internet, em exibições públicas e privadas, assim como na divulgação e/ou publicidade do audiovisual em rádio, cinema e televisão, para exibição pública ou domiciliar, reprodução no Brasil ou no exterior, exibições em festivais ou outros meios necessários.

A presente autorização é firmada em caráter gratuito, por prazo indeterminado, pelo que nenhum pagamento será devido pela UFOPA e pelo pesquisador ao Autorizante, a qualquer tempo e título. Esta autorização poderá ser suspensa pelo Autorizante: (1) por descumprimento de qualquer condição estabelecida neste instrumento; (2) por acordo entre as partes; (3) na superveniência de norma legal obstativa.

Santarém-PA, 9 de julho de 2018

Yacinta Batista Santos
AUTORIZANTE

OBSERVAÇÕES



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA SOCIEDADE –
PPGCS

PROJETO: "No tempo do garimpo": memórias e trajetórias de vida de trabalhadores da garimpagem de ouro da região do tapajós, oeste paraense.			
NOME: <u>Jose Afonso Mota Moura</u>			
NACIONALIDADE	ESTADO CIVIL	OCUPAÇÃO	
<u>Brasileiro</u>	<u>Casado</u>	<u>professor de Direito</u>	
RG:	CPF/MF		
<u>57.87.946</u>	<u>330.868.232-49</u>		
ENDEREÇO: <u>Antônio Simões</u>			
CIDADE	ESTADO	TELEFONE	
<u>Santarém</u>	<u>Pará</u>	<u>9214-3379</u>	

Pelo presente instrumento, autorizo a captação, fixação e utilização de minha imagem, voz e de todos os elementos afins que as compõem, assim como autorizo a transcrição e reprodução de depoimentos colhidos em entrevistas, para fins de elaboração de produção de produtos acadêmicos e de divulgação relacionados às atividades de ensino, pesquisa e extensão desenvolvidas pela Universidade Federal do Oeste do Pará.

A Universidade Federal do Oeste do Pará – UFOPA, autarquia de ensino superior vinculada ao Ministério da Educação – MEC, com sede e foro no Município de Santarém, Estado do Pará, à Avenida Marechal Rondon, S/N, Bairro Caranazal, CEP nº 68040070, inscrita no CNPJ/MF sob o nº 11.118.393/0001-59, é uma instituição pública de ensino superior, que tem como missão socializar e produzir conhecimentos, contribuindo para a cidadania, inovação e desenvolvimento na Amazônia.

A imagem e voz, depoimentos e demais elementos autorizados poderão compor obras impressas e audiovisuais que podem ser distribuídas e exibidas em território nacional, no exterior e na rede mundial de computadores, por todo e qualquer veículo, processo, ou meio de comunicação e publicidade existentes ou que venham a ser criados, notadamente, mas não exclusivamente, mídia impressa, em cinema, tele difusão, home video, DVD, CD-ROM, sítios da internet, em exibições públicas e privadas, assim como na divulgação e/ou publicidade do audiovisual em rádio, cinema e televisão, para exibição pública ou domiciliar, reprodução no Brasil ou no exterior, exibições em festivais ou outros meios necessários.

A presente autorização é firmada em caráter gratuito, por prazo indeterminado, pelo que nenhum pagamento será devido pela UFOPA e pelo pesquisador ao **Autorizante**, a qualquer tempo e título. Esta autorização poderá ser suspensa pelo **Autorizante**: (1) por descumprimento de qualquer condição estabelecida neste instrumento; (2) por acordo entre as partes; (3) na superveniência de norma legal obstativa.

Santarém-PA, 11 de Julho de 2018

Jose Afonso Mota Moura
 AUTORIZANTE

OBSERVAÇÕES



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA SOCIEDADE –
PPGCS

PROJETO: "No tempo do garimpo": memórias e trajetórias de vida de trabalhadores da garimpagem de ouro da região do Tapajós, oeste paraense.			
NOME: <u>Jovencio Vitoria do Carmo</u>			
NACIONALIDADE <u>Brasileiro</u>	ESTADO CÍVIL <u>Casado</u>	OCUPAÇÃO <u>Apresentado</u>	
RG: <u>2137250</u>	CPF/MF <u>007.587.731-53</u>		
ENDEREÇO: <u>Rua Pará, nº 203</u>			
CIDADE <u>Santarém</u>	ESTADO <u>Pará</u>	TELEFONE	

Pelo presente instrumento, autorizo a captação, fixação e utilização de minha imagem, voz e de todos os elementos afins que as compõem, assim como autorizo a transcrição e reprodução de depoimentos colhidos em entrevistas, para fins de elaboração de produção de produtos acadêmicos e de divulgação relacionados às atividades de ensino, pesquisa e extensão desenvolvidas pela Universidade Federal do Oeste do Pará.

A Universidade Federal do Oeste do Pará – UFOPA, autarquia de ensino superior vinculada ao Ministério da Educação – MEC, com sede e foro no Município de Santarém, Estado do Pará, à Avenida Marechal Rondon, S/N, Bairro Caranazal, CEP nº 68040070, inscrita no CNPJ/MF sob o nº 11.118.393/0001-59, é uma instituição pública de ensino superior, que tem como missão socializar e produzir conhecimentos, contribuindo para a cidadania, inovação e desenvolvimento na Amazônia.

A imagem e voz, depoimentos e demais elementos autorizados poderão compor obras impressas e audiovisuais que podem ser distribuídas e exibidas em território nacional, no exterior e na rede mundial de computadores, por todo e qualquer veículo, processo, ou meio de comunicação e publicidade existentes ou que venham a ser criados, notadamente, mas não exclusivamente, mídia impressa, em cinema, tele difusão, home video, DVD, CD-ROM, sítios da internet, em exposições públicas e privadas, assim como na divulgação e/ou publicidade do audiovisual em rádio, cinema e televisão, para exibição pública ou domiciliar, reprodução no Brasil ou no exterior, exposições em festivais ou outros meios necessários.

A presente autorização é firmada em caráter gratuito, por prazo indeterminado, pelo que nenhum pagamento será devido pela UFOPA e pelo pesquisador ao Autorizante, a qualquer tempo e título. Esta autorização poderá ser suspensa pelo Autorizante: (1) por descumprimento de qualquer condição estabelecida neste instrumento; (2) por acordo entre as partes; (3) na superveniência de norma legal obstativa.

Santarém-PA 10 de julho de 2018

Jovencio Vitoria do Carmo
AUTORIZANTE

OBSERVAÇÕES



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA SOCIEDADE –
PPGCS

PROJETO: "No tempo do garimpo": memórias e trajetórias de vida de trabalhadores da garimpagem de ouro da região do tapajós, oeste paraense.		
NOME: <u>Jose Luiz da Luz Silva</u>		
NACIONALIDADE	ESTADO CIVIL	Ocupação <u>professor</u>
RG: <u>5537754</u>	CPF/MF	
ENDEREÇO: <u>Rua Piauí, nº 6</u>		
CIDADE <u>Santarém</u>	ESTADO <u>Pará</u>	TELEFONE

Pelo presente instrumento, autorizo a captação, fixação e utilização de minha imagem, voz e de todos os elementos afins que as compõem, assim como autorizo a transcrição e reprodução de depoimentos colhidos em entrevistas, para fins de elaboração de produção de produtos acadêmicos e de divulgação relacionados às atividades de ensino, pesquisa e extensão desenvolvidas pela Universidade Federal do Oeste do Pará.

A Universidade Federal do Oeste do Pará – UFOPA, autarquia de ensino superior vinculada ao Ministério da Educação – MEC, com sede e foro no Município de Santarém, Estado do Pará, à Avenida Marechal Rondon, S/N, Bairro Caranazal, CEP nº 68040070, inscrita no CNPJ/MF sob o nº 11.118.393/0001-59, é uma instituição pública de ensino superior, que tem como missão socializar e produzir conhecimentos, contribuindo para a cidadania, inovação e desenvolvimento na Amazônia.

A imagem e voz, depoimentos e demais elementos autorizados poderão compor obras impressas e audiovisuais que podem ser distribuídas e exibidas em território nacional, no exterior e na rede mundial de computadores, por todo e qualquer veículo, processo, ou meio de comunicação e publicidade existentes ou que venham a ser criados, notadamente, mas não exclusivamente, mídia impressa, em cinema, tele difusão, home video, DVD, CD-ROM, sites da internet, em exposições públicas e privadas, assim como na divulgação e/ou publicidade do audiovisual em rádio, cinema e televisão, para exibição pública ou domiciliar, reprodução no Brasil ou no exterior, exposições em festivais ou outros meios necessários.

A presente autorização é firmada em caráter gratuito, por prazo indeterminado, pelo que nenhum pagamento será devido pela UFOPA e pelo pesquisador ao Autorizante, a qualquer tempo e título. Esta autorização poderá ser suspensa pelo Autorizante: (1) por descumprimento de qualquer condição estabelecida neste instrumento; (2) por acordo entre as partes; (3) na superveniência de norma legal obstativa.

Santarém-PA 10 de julho de 2018

Jose Luiz da Luz Silva
AUTORIZANTE

OBSERVAÇÕES



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA SOCIEDADE –
PPGCS

PROJETO: "No tempo do garimpo": memórias e trajetórias de vida de trabalhadores da garimpagem de ouro da região do tapajós, oeste paraense.		
NACIONALIDADE <i>Brasileira</i>	ESTADO CIVIL <i>Viúvo</i>	Ocupação <i>Aposentado</i>
RG:	CPF/MF <i>19477120200</i>	
ENDEREÇO: <i>Apoio Viúvo, 813</i>		
CIDADE <i>Santarém</i> <i>Pará</i>	ESTADO <i>PA</i>	TELEFONE

Pelo presente instrumento, autorizo a captação, fixação e utilização de minha imagem, voz e de todos os elementos afins que as compõem, assim como autorizo a transcrição e reprodução de depoimentos colhidos em entrevistas, para fins de elaboração de produção de produtos acadêmicos e de divulgação relacionados às atividades de ensino, pesquisa e extensão desenvolvidas pela Universidade Federal do Oeste do Pará.

A Universidade Federal do Oeste Pará – UFOPA, autarquia de ensino superior vinculada ao Ministério da Educação – MEC, com sede e foro no Município de Santarém, Estado do Pará, à Avenida Marechal Rondon, S/N, Bairro Caranazal, CEP nº 68040070, inscrita no CNPJ/MF sob o nº 11.118.393/0001-59, é uma instituição pública de ensino superior, que tem como missão socializar e produzir conhecimentos, contribuindo para a cidadania, inovação e desenvolvimento na Amazônia.

A imagem e voz, depoimentos e demais elementos autorizados poderão compor obras impressas e audiovisuais que podem ser distribuídas e exibidas em território nacional, no exterior e na rede mundial de computadores, por todo e qualquer veículo, processo, cu meio de comunicação e publicidade existentes ou que venham a ser criados, notadamente, mas não exclusivamente, mídia impressa, em cinema, tele difusão, home vídeo, DVD, CD-ROM, sítios da internet, em exibições públicas e privadas, assim como na divulgação e/ou publicidade do audiovisual em rádio, cinema e televisão, para exibição pública ou domiciliar, reprodução no Brasil ou no exterior, exibições em festivais ou outros meios necessários.

A presente autorização é firmada em caráter gratuito, por prazo indeterminado, pelo que nenhum pagamento será devido pela UFOPA e pelo pesquisador ao **Autorizante**, a qualquer tempo e título. Esta autorização poderá ser suspensa pelo **Autorizante**: (1) por descumprimento de qualquer condição estabelecida neste instrumento; (2) por acordo entre as partes; (3) na superveniência de norma legal obstativa.

Santarém-PA, 15 de julho de 2013

Antonio Joaquim da Conceição
 AUTORIZANTE

OBSERVAÇÕES



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA SOCIEDADE –
PPGCS

PROJETO: "No tempo do garimpo": memórias e trajetórias de vida de trabalhadores da garimpagem de ouro da região do tapajós, oeste paraense.		
NOME: <u>Jose Luiz da Luz Silva</u>		
NACIONALIDADE	ESTADO CIVIL	Ocupação <u>professor</u>
RG: <u>5537754</u>	CPF/MF	
ENDEREÇO: <u>Rua Piauí, nº 6</u>		
CIDADE <u>Santarém</u>	ESTADO <u>Pará</u>	TELEFONE

Pelo presente instrumento, autorizo a captação, fixação e utilização de minha imagem, voz e de todos os elementos afins que as compõem, assim como autorizo a transcrição e reprodução de depoimentos colhidos em entrevistas, para fins de elaboração de produção de produtos acadêmicos e de divulgação relacionados às atividades de ensino, pesquisa e extensão desenvolvidas pela Universidade Federal do Oeste do Pará.

A Universidade Federal do Oeste do Pará – UFOPA, autarquia de ensino superior vinculada ao Ministério da Educação – MEC, com sede e foro no Município de Santarém, Estado do Pará, à Avenida Marechal Rondon, S/N, Bairro Caranazal, CEP nº 68040070, inscrita no CNPJ/MF sob o nº 11.118.393/0001-59, é uma instituição pública de ensino superior, que tem como missão socializar e produzir conhecimentos, contribuindo para a cidadania, inovação e desenvolvimento na Amazônia.

A imagem e voz, depoimentos e demais elementos autorizados poderão compor obras impressas e audiovisuais que podem ser distribuídas e exibidas em território nacional, no exterior e na rede mundial de computadores, por todo e qualquer veículo, processo, ou meio de comunicação e publicidade existentes ou que venham a ser criados, notadamente, mas não exclusivamente, mídia impressa, em cinema, tele difusão, home video, DVD, CD-ROM, sites da internet, em exposições públicas e privadas, assim como na divulgação e/ou publicidade do audiovisual em rádio, cinema e televisão, para exibição pública ou domiciliar, reprodução no Brasil ou no exterior, exposições em festivais ou outros meios necessários.

A presente autorização é firmada em caráter gratuito, por prazo indeterminado, pelo que nenhum pagamento será devido pela UFOPA e pelo pesquisador ao Autorizante, a qualquer tempo e título. Esta autorização poderá ser suspensa pelo Autorizante: (1) por descumprimento de qualquer condição estabelecida neste instrumento; (2) por acordo entre as partes; (3) na superveniência de norma legal obstativa.

Santarém-PA 10 de julho de 2018

Jose Luiz da Luz Silva
 AUTORIZANTE

OBSERVAÇÕES



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA SOCIEDADE –
PPGCS

PROJETO: "NO TEMPO DO GARIMPO": MEMÓRIAS E TRAJETÓRIAS DE VIDA DE TRABALHADORES DA GARIMPAGEM DE OURO DA REGIÃO DO TAPAJÓS, OESTE PARAENSE		
NOME: <u>Felizardo Freitas de Sousa</u>		
NACIONALIDADE: <u>brasileira</u>	ESTADO CIVIL: <u>viúvo</u>	Ocupação: <u>Aposentado</u>
RG:	CPF/MF: <u>149.031.642-68</u>	
ENDEREÇO: <u>Comunidade Tipical</u>		
CIDADE: <u>Santarém</u>	ESTADO: <u>Pará</u>	TELEFONE:

Pelo presente instrumento, autorizo a captação, fixação e utilização de minha imagem, voz e de todos os elementos afins que as compõem, assim como autorizo a transcrição e reprodução de depoimentos colhidos em entrevistas, para fins de elaboração de produção de produtos acadêmicos e de divulgação relacionados às atividades de ensino, pesquisa e extensão desenvolvidas pela Universidade Federal do Oeste do Pará.

A Universidade Federal do Oeste do Pará – UFOPA, autarquia de ensino superior vinculada ao Ministério da Educação – MEC, com sede e foro no Município de Santarém, Estado do Pará, à Avenida Marechal Rondon, S/N, Bairro Caranazal, CEP nº 68040070, inscrita no CNPJ/MF sob o nº 11.118.393/0001-59, é uma instituição pública de ensino superior, que tem como missão socializar e produzir conhecimentos, contribuindo para a cidadania, inovação e desenvolvimento na Amazônia.

A imagem e voz, depoimentos e demais elementos autorizados poderão compor obras impressas e audiovisuais que podem ser distribuídas e exibidas em território nacional, no exterior e na rede mundial de computadores, por todo e qualquer veículo, processo, ou meio de comunicação e publicidade existentes ou que venham a ser criados, notadamente, mas não exclusivamente, mídia impressa, em cinema, tele difusão, home vídeo, DVD, CD-ROM, sítios da internet, em exposições públicas e privadas, assim como na divulgação e/ou publicidade do audiovisual em rádio, cinema e televisão, para exibição pública ou domiciliar, reprodução no Brasil ou no exterior, exposições em festivais ou outros meios necessários.

A presente autorização é firmada em caráter gratuito, por prazo indeterminado, pelo que nenhum pagamento será devido pela UFOPA e pelo pesquisador ao Autorizante, a qualquer tempo e título. Esta autorização poderá ser suspensa pelo Autorizante: (1) por descumprimento de qualquer condição estabelecida neste instrumento; (2) por acordo entre as partes; (3) na superveniência de norma legal obstativa.

Santarém-PA, 17 de Julho de 2018

Felizardo Freitas de Sousa
AUTORIZANTE

OBSERVAÇÕES



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA SOCIEDADE –
PPGCS

PROJETO: "NO TEMPO DO GARIMPO": MEMÓRIAS E TRAJETÓRIAS DE VIDA DE TRABALHADORES DA GARIMPAGEM DE OURO DA REGIÃO DO TAPAJÓS, OESTE PARAENSE			
NOME: João Pereira Fernandes			
NACIONALIDADE Brasileira	ESTADO CÍVIL Casado	Ocupação Agricultor	
RG: 7314443	CPF/MF		
ENDEREÇO: Colônia Tipizal			
CIDADE Santarém	ESTADO PA	TELEFONE	

Pelo presente instrumento, autorizo a captação, fixação e utilização de minha imagem, voz e de todos os elementos afins que as compõem, assim como autorizo a transcrição e reprodução de depoimentos colhidos em entrevistas, para fins de elaboração de produção de produtos acadêmicos e de divulgação relacionados às atividades de ensino, pesquisa e extensão desenvolvidas pela Universidade Federal do Oeste do Pará.

A Universidade Federal do Oeste Pará – UFOPA, autarquia de ensino superior vinculada ao Ministério da Educação – MEC, com sede e foro no Município de Santarém, Estado do Pará, à Avenida Marechal Rondon, S/N, Bairro Caranazal, CEP nº 68040070, inscrita no CNPJ/MF sob o nº 11.118.393/0001-59, é uma instituição pública de ensino superior, que tem como missão socializar e produzir conhecimentos, contribuindo para a cidadania, inovação e desenvolvimento na Amazônia.

A imagem e voz, depoimentos e demais elementos autorizados poderão compor obras impressas e audiovisuais que podem ser distribuídas e exibidas em território nacional, no exterior e na rede mundial de computadores, por todo e qualquer veículo, processo, ou meio de comunicação e publicidade existentes ou que venham a ser criados, notadamente, mas não exclusivamente, mídia impressa, em cinema, tele difusão, home vídeo, DVD, CD-ROM, sítios da internet, em exposições públicas e privadas, assim como na divulgação e/ou publicidade do audiovisual em rádio, cinema e televisão, para exibição pública ou domiciliar, reprodução no Brasil ou no exterior, exposições em festivais ou outros meios necessários.

A presente autorização é firmada em caráter gratuito, por prazo indeterminado, pelo que nenhum pagamento será devido pela UFOPA e pelo pesquisador ao Autorizante, a qualquer tempo e título. Esta autorização poderá ser suspensa pelo Autorizante: (1) por descumprimento de qualquer condição estabelecida neste instrumento; (2) por acordo entre as partes; (3) na superveniência de norma legal obstativa.



Santarém-PA, 19 de julho de 2018

AUTORIZANTE

OBSERVAÇÕES

ANEXOS

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E VOZ

PROJETO:		
NOME: <u>Cícero Lopes de Sousa</u>		
NACIONALIDADE: <u>brasileira</u>	ESTADO CIVIL: <u>Casado</u>	Ocupação: <u>professor</u>
RG: <u>389355</u>	CPF/MF: <u>083 465.262.53</u>	
ENDEREÇO: <u>Cipral, km 13</u>		
CIDADE: <u>Santarém</u>	ESTADO: <u>Pará</u>	TELEFONE:

Pelo presente instrumento, autorizo a captação, fixação e utilização de minha imagem, voz e de todos os elementos afins que as compõem, assim como autorizo a transcrição e reprodução de depoimentos colhidos em entrevistas, para fins de elaboração de produção de produtos acadêmicos e de divulgação relacionados às atividades de ensino, pesquisa e extensão desenvolvidas pela Universidade Federal do Oeste do Pará.

A Universidade Federal do Oeste Pará – UFOPA, autarquia de ensino superior vinculada ao Ministério da Educação – MEC, com sede e foro no Município de Santarém, Estado do Pará, à Avenida Marechal Rondon, S/N, Bairro Caranazal, CEP nº 68040070, inscrita no CNPJ/MF sob o nº 11.118.393/0001-59, é uma instituição pública de ensino superior, que tem como missão socializar e produzir conhecimentos, contribuindo para a cidadania, inovação e desenvolvimento na Amazônia.

A imagem e voz, depoimentos e demais elementos autorizados poderão compor obras impressas e audiovisuais que podem ser distribuídas e exibidas em território nacional, no exterior e na rede mundial de computadores, por todo e qualquer veículo, processo, ou meio de comunicação e publicidade existentes ou que venham a ser criados, notadamente, mas não exclusivamente, mídia impressa, em cinema, tele difusão, home video, DVD, CD-ROM, sítios da internet, em exposições públicas e privadas, assim como na divulgação e/ou publicidade do audiovisual em rádio, cinema e televisão, para exibição pública ou domiciliar, reprodução no Brasil ou no exterior, exposições em festivais ou outros meios necessários.

A presente autorização é firmada em caráter gratuito, por prazo indeterminado, pelo que nenhum pagamento será devido pela UFOPA e pelo pesquisador ao Autorizante, a qualquer tempo e título. Esta autorização poderá ser suspensa pelo Autorizante: (1) por descumprimento de qualquer condição estabelecida neste instrumento; (2) por acordo entre as partes; (3) na superveniência de norma legal obstativa.

Santarém-PA, 11 de Julho de 2019

Cícero Lopes de Sousa
AUTORIZANTE

OBSERVAÇÕES

ANEXOS

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E VOZ

PROJETO:		
NOME: <u>Dapheão Lopes de Sousa</u>		
NACIONALIDADE: <u>Brasileira</u>	ESTADO CIVIL:	Ocupação:
RG: <u>6484939</u>	CPF/MF: <u>016 831 601-15</u>	
ENDEREÇO:		
CIDADE: <u>Santarém</u>	ESTADO: <u>Pará</u>	TELEFONE:

Pelo presente instrumento, autorizo a captação, fixação e utilização de minha imagem, voz e de todos os elementos afins que as compõem, assim como autorizo a transcrição e reprodução de depoimentos colhidos em entrevistas, para fins de elaboração de produção de produtos acadêmicos e de divulgação relacionados às atividades de ensino, pesquisa e extensão desenvolvidas pela Universidade Federal do Oeste do Pará.

A Universidade Federal do Oeste do Pará – UFOPA, autarquia de ensino superior vinculada ao Ministério da Educação – MEC, com sede e foro no Município de Santarém, Estado do Pará, à Avenida Marechal Rondon, S/N, Bairro Caranazal, CEP nº 68040-070, inscrita no CNPJ/MF sob o nº 11.113.393/0001-59, é uma instituição pública de ensino superior, que tem como missão socializar e produzir conhecimentos, contribuindo para a cidadania, inovação e desenvolvimento na Amazônia.

A imagem e voz, depoimentos e demais elementos autorizados poderão compor obras impressas e audiovisuais que podem ser distribuídas e exibidas em território nacional, no exterior e na rede mundial de computadores, por todo e qualquer veículo, processo, ou meio de comunicação e publicidade existentes ou que venham a ser criados, notadamente, mas não exclusivamente, mídia impressa, em cinema, tele difusão, home video, DVD, CD-ROM, sites da internet, em exibições públicas e privadas, assim como na divulgação e/ou publicidade do audiovisual em rádio, cinema e televisão, para exibição pública ou domiciliar, reprodução no Brasil ou no exterior, exibições em festivais ou outros meios necessários.

A presente autorização é firmada em caráter gratuito, por prazo indeterminado, pelo que nenhum pagamento será devido pela UFOPA e pelo pesquisador ao Autorizante, a qualquer tempo e título. Esta autorização poderá ser suspensa pelo Autorizante: (1) por descumprimento de qualquer condição estabelecida neste instrumento; (2) por acordo entre as partes; (3) na superveniência de norma legal obstativa.

Santarém-PA, 21 de junho de 2019

Dapheão Lopes de Sousa
AUTORIZANTE

OBSERVAÇÕES

